

ADAUTO MIRANDA RAPOSO DA CAMARA

(Do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.  
Da Academia Norte-riograndense de Letras)



# O Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguai

Haec charta loquatur  
Catullus

...eitos sôbre esta edição foram doados pelo Autor ao  
...to Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



Tip. GALHARDO - Rua Chile, 161 - Natal

ADAUTO MIRANDA RAPOSO DA CAMARA

(Do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.  
Da Academia Norte-riograndense de Letras)



# O Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguai

Haec charta loquatur  
Catullus

Os direitos sobre esta edição foram doados pelo Autor ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

NATAL 1951



Tip. GALHARDO — Rua Chile, 161 — Natal

C 5721

DO MESMO AUTOR

- História da Revolução de 1817 no Rio Grande do Norte, in Revista das Academias de Letras, Rio, 1937-1938.
- Elogio Acadêmico do Padre Miguelinho. Ib. 1938.
- História de Nisia Floresta. Irmãos Pongetti Ed. Rio-211 pgs. 1941.
- D. Manoel de Assis Mascarenhas. Conf. na Federação das Academias de Letras do Brasil. Rio-1944.
- Camaras e Miranda-Henriques, in Revista Genealógica Brasileira, nr. 9 1944. S. Paulo.
- Hênrique Castriciano — Conf. na Federação das Academias de Letras do Brasil. 1947. In "Jornal do Comercio" de 26 de Outubro de 1947.
- Reminiscências do Ateneu Norte-Riograndense (1909-1916), in "Diario de Natal", Novembro-Dezembro de 1947.
- O último Senador do Império pelo Rio Grande do Norte, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-1947.
- O Padre João Manoel — ensaio biográfico. "Diario de Noticias" do Rio, 16 e 30 de Janeiro e 6 de Fevereiro de 1949.
- O Culto de Baraúna. Opúsculo editado pelo Museu Municipal de Mossoró, Rio Grande do Norte, 1949.
- Amaro Cavalcanti, esteio da ordem. Conf. na Federação das Academias de Letras do Brasil-1949, in "Diario de Noticias"-de 25-12-1949.
- O Ocaso da República Velha no Rio Grande do Norte (inédito).

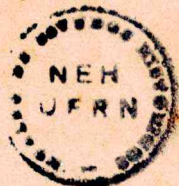


Aos gloriosos soldados e marinheiros  
do Rio Grande do Norte que se imolaram na defesa  
da Pátria contra a tirania de Lopez, e  
sublimaram as virtudes guerreiras dos nossos antepassados.

O. D. C.

João Wilson Mendes Melo

— ADVOGADO —



A memória do meu inesquecível Pai professor Theódilo Soares Raposo da Camara, nascido em São José de Mipibú, Rio Grande do Norte, aos 26 de Julho de 1867, e falecido no Rio de Janeiro, aos 12 de Julho de 1949,

**e de meus amados irmãos**

Mario Miranda Raposo da Camara, 4.º anista de medicina na Bahia, nascido em Areia Branca, Rio Grande do Norte, em 8 de Novembro de 1896, e falecido em Natal, em 14 de Setembro de 1921, e

Godofredo Miranda Raposo da Camara (God) 1.º anista da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, nascido em Mossoró, Rio Grande do Norte, em 4 de Janeiro de 1904, e falecido em Natal, aos 19 de Julho de 1919.

*Homenagem a minha Mãe*

*Aura Augusta Miranda da Camara*

Ao Dr. NESTOR DOS SANTOS LIMA,  
*a quem historiografia Norte-riograndense  
deve tão assinalados serviços, e a*

JOÃO DIONISIO MASSENA,  
*meu compadre e amigo,*

**tributo de apreço e gratidão**



## ANTELOQUIO

Para a elaboração dêste trabalho fizemos acuradas pesquisas na Biblioteca Nacional, bem como nos Arquivos da Secretaria Geral do Ministério da Guerra e da Sub-Diretoria de Fundos do Exército, mediante autorização que nos foi gentilmente concedida pelas repartições competentes.

Tentando compor êste capítulo da história militar do Rio Grande do Norte, tivemos que percorrer um caminho até agora não palmilhado por nenhum outro investigador do passado norte-riograndense. São faceis de imaginar as dificuldades deparadas, pois não se conta hoje com testemunhas presenciais dos fatos narrados, nem mesmô com o precioso adminículo da imprensa potiguar, visto como, naquele tempo, não havia jornais diários na Província, onde só apareceram no fim do século. Espero que tais circunstâncias sirvam para nos relevar os equívocos e omissões que certamente se notarão nestas páginas.

Aproveitamos a oportunidade para render homenagem àqueles anônimos jornalistas que, da obscuridade de de seu meio provinciano, enviavam metódicamente e sem recompensa, noticias para o *Jornal do Comercio* e outros órgãos da Côrte, relatando o que ocorria de interessante. Sem que o percebessem, estavam ajudando o historiador futuro a salvar do esquecimento tantos feitos dignos de memória, e a perpetuá-los na lembrança das gerações.

Com um grande esforço, conseguimos ainda revelar à gratidão e ao conhecimento de nossa gente os nomes de 800 guerreiros do Rio Grande do Norte que contribuíram com o seu sangue e sua vida para a nossa vitória contra o Paraguai. Felizmente a atual organização dos arquivos militares, a inteligência e solicitude de seus



dirigentes, a compreensão de que o seu material pertence à cultura brasileira, — tudo isto suavizou a nossa tarefa, que é a mesma de tantos outros estudiosos que, com o único interesse de servir a História Pátria, se afaçam em compulsar venerandos documentos, em catar a informação idônea nas fontes autênticas de velhos papéis empoeirados.

Proclamando a excelência da colaboração que nos prestaram os Arquivos do Ministério da Guerra, estamos apenas cumprindo um comezinho dever. Confessamos o nosso público reconhecimento, pelos subsidios que nos ministraram, pelas sugestões e indicações que nos trouxeram, às seguintes pessoas:

Professor Teódulo Soares Raposo da Câmara, meu Pai, e sua digna irmã, a Exma. Sra. Viúva Cândida Camara Bakker, que, pela idade a que chegaram, pelo ambiente em que se criaram, no Rio Grande do Norte, depositários de ricas tradições familiares, puderam nos reconstituir muitos episódios e cenários, e nos esclarecer sobre personagens da época; o dr. José Ricardo Gomes de Carvalho Neto; tenente-coronel do Exército Salm de Miranda; major João Xavier de Campos, do Arquivo da Sub-Diretoria de Fundos do Exército; major Carlos Odorico Antunes, do Arquivo da Secretaria Geral do Ministério da Guerra; dr. Nestor Lima, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Mario Eugênio Lira, Virgílio Trindade, professora Alvina da Camara, dr. Anfilóquio Carlos Soares da Camara, — grandes conhecedores dos fastos natalenses; drs. Alberto Roseli, Uldarico Cavalcanti, José Moreira Brandão Castelo Branco Sobrinho e professor João Carlos de Albuquerque Gondim, conterraneos residentes do Rio de Janeiro.

MATERIAL CONSULTADO. — Fés-de-ofício.

— Relações de Mostra.

— Ordens do Dia do Ajudante General do Exército (1864-1870) 7 vols.

- Ordens do dia do Marechal João Propício Mena Barreto (Exército do Sul-Dezembro 1864-1865).
- Ordens do Dia do Marquês do Herval, do Marquês de Caxias, Conde de Porto Alegre e Conde d'Eu (1865-1870) 9 Vols.
- Viagem Militar do Rio G. do Sul — *Conde d'Eu.*
- História Militar do Brasil — *Gustavo Barroso.*
- História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai - 5 Vols. — *Gal. Tasso Fragoso.*
- História do Rio Grande do Norte — *A. Tavares de Lira.*
- Municípios do Rio Grande do Norte, 2 vols. — *Nestor Lima.*
- História da Cidade do Natal — *Luiz da Câmara Cascudo.*
- A Maçonaria no Rio Grande do Norte — *Josué Silva, João Estevão e Emídio Fagundes.*
- O Sacrificio do Amor (Drama em 5 atos) e A Lira Singela — *Isabel Gondim.*
- O Paraná na Guerra do Paraguai — *Davi Carneiro.*
- A Bahia na Guerra do Paraguai — *Silio Bocanera Junior.*
- Coleção da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.
- Jornal do Comércio (1864-1870).
- Correio Mercantil.
- Diário Oficial do Império do Brasil.

- Diário do Rio de Janeiro.
- Relatórios do Ministro da Marinha.
- Relatórios do Ministro da Guerra (1864-1872)  
9 Vols.
- Falas e Relatórios dos Presidentes da Pro-  
vincia do Rio Grande do Norte.

Rio de Janeiro, Setembro-Dezembro de 1949.

*Adauto Miranda Raposo da Camara*

# INTRODUÇÃO

## O Rio Grande do Norte no período de 1865-1870

Capital — Natal. Ao acabar a guerra, contava cerca de 9.000 habitantes. Em 1865, teria 6.500.

POPULAÇÃO DA PROVINCIA. — Em 1870, 263.000 habitantes, segundo o Relatório do Chefe de Polícia, anexo ao do Presidente da Província—Silvino Elvidio Carneiro da Cunha (1870). O recenseamento de 1872 atribuiu-lhe 233.979 almas, mas este censo foi reconhecidamente errado. O povo pensava que os recenseadores eram agentes do recrutamento, e os corria a cacete... Naquele Relatório, aliás, se diz que a população devia ser maior, pois que sabidamente já ultrapassava.... 300.000 indivíduos.

RENDAS DA PROVINCIA. — Em 1865, arrecadou.....  
229:518\$506.

Em 1870, 305:543\$781.

Os Presidentes costumavam gastar pouco, para passar saldo aos sucessores. Olinto Meira passou 300 contos a Luiz Barbosa da Silva, apesar das enormes despesas com a guerra. Este, 261 contos a Gustavo Adolfo de Sá, que deixou 100 para Manoel Marinho da Cunha. A Província carecia de tudo. Os problemas eram aterradores, mas a bisonhice, o atraso, a mentalidade dominante entre os administradores eram no sentido de ameaçar os tributos do povo e fechar os olhos às necessidades públicas.

MUNICIPIOS. — Em 1865, contava 22:

- 1 — Acarí
- 2 — Angicos
- 3 — Apodí
- 4 — Vila Nova da Princesa (atual Açú)
- 5 — Campo Grande (hoje Augusto Severo)
- 6 — Príncipe (Caicó)
- 7 — Canguaretama
- 8 — Ceará-Mirim
- 9 — Goianinha
- 10 — Jardim do Seridó
- 11 — Macau
- 12 — Imperatriz (Martins)
- 13 — Mossoró
- 14 — Natal
- 15 — São Bento (Nova Cruz)
- 16 — Paparí (Nisia Floresta)
- 17 — Pau dos Ferros
- 18 — Portalegre
- 19 — Santana do Matos
- 20 — São Gonçalo (São Paulo do Potengi)
- 21 — São José do Mipibú
- 22 — Touros

O de Campo Grande foi suprimido em 1868, mas restaurado em 1870, com o nome de TRIUNFO, que não tinha relação com a nossa vitória na guerra. Aludia ao *triunfo* do Cons<sup>o</sup> Brito Guerra e seus amigos sôbre o dr. Amaro Bezerra, que era contrário à existência do Município. Em 1870, havia mais o de Caraúbas, criado em 1868. O de São Bento passara a denominar-se Nova Cruz. O de São Gonçalo foi suprimido em 1868, tendo sido o seu território anexado ao de Natal.

GOVÉRNO DA PROVINCIA. — Durante o período de 1865-1870, o Rio Grande do Norte teve os seguintes governantes:

- 1 — Dr. Olinto José Meira (1863 a 21 de Agosto de 1866) *Liberal e Ligeiro*.
- 2 — Dr. Luiz Barbosa da Silva — 21/8/1866 a 25/4/1867. *Liberal*.
- 3 — Antonio Basilio Ribeiro Dantas — 2º Vice-Presidente. De 25/4 a 13/5/1867. *Liberal*.
- 4 — Dr. Gustavo Adolfo de Sá. — De 13/5/1867 a 29/7/68. *Liberal*.
- 5 — Padre Bartolomeu da Rocha Fagundes — 6º Vice-Presidente. De 29/7 a 6/8/68. *Liberal*.
- 6 — Antonio Basilio Ribeiro Dantas. — 2º Vice — De 6 a 19/8/68. *Liberal*.
- 7 — Dr. Luiz Gonzaga de Brito Guerra. — 1º Vice. — De 19 de Agosto a 1º de Setembro de 1868. *Conservador*.
- 8 — Dr. Manoel José Marinho da Cunha. — De 1º/9/1868 a 10/3/1869. *Conservador*.
- 9 — Pedro de Alcântara Pinheiro — 4º Vice. — De 10/3 a 12/4 de 1870. *Conservador*.
- 10 — Dr. Pedro de Barros Cavalcanti de Albuquerque. — De 12/4 de 1869 a 19/2/1870. *Conservador*.
- 11 — Dr. Otaviano Cabral Raposo da Camara. — 3º Vice — De 19/2 a 22/3 de 1870. *Conservador*.
- 12 — Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha. — De 22/3 de 1870 a 11 de Janeiro de 1871. *Conservador*.

# I

## PROVIDÊNCIAS INICIAIS

Durante a noite de 15 de Janeiro de 1865, em Natal, houve séria atividade de recrutamento, espalhando pânico, lançando uma nota de tristeza nas famílias humildes, naquele promissor raiar de ano novo. "Não é possível imaginar o alarido que faziam mulheres e crianças, atrás dos recrutados, -- exclama o correspondente do «Jornal do Comercio», em sua carta de 20 daquele mês. Os infelizes capturados eram pescadores residentes na Ribeira, nas Rocas, no Areal. Por que seria aquele aliciamento súbito e cruel, que sobressaltou a população?

Dias antes, chegara àquela Capital a noticia de graves acontecimentos, a que o solícito correspondente chamou "negócios do Prata". Sangue brasileiro já se derramara aos borbotões em Mato Grosso e Paissandú, onde um herói mossoroense se imortalizara em 2/1/1865. (1) O País estava militarmente incapaz de enfrentar a agressão de Lopez. Apenas a Armada salvava a situação. Tínhamos 16.000 homens de tropa de 1ª. Linha, e o inimigo era a maior potência da América do Sul. Urgiam providências para que se levantassem exércitos que marchassem para o teatro da luta, em desafronta da honra do Brasil.

Presidia a Provincia o dr. Olinto José Meira, paraibano do Pilar, que também fôra o berço de Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, Visconde de Cavalcanti, último Senador do Império pelo Rio Grande do Norte. Depois da administração de Antonio Bernardo de Passos, a sua foi a mais longa que houve ali, durante a

---

(1) Adauto da Camara. "O Culto de Barauna.—Mossoró, 1949.

Monarquia, estendendo-se por 3 anos e pouco, desde 1863. O ambiente sossegado em que êle realizava um programa de trabalho que o consagra um dos nossos mais dignos governantes, de repente se modificou. Uma nova tarefa lhe surgia, sobrelevando, em importância, a todas. O povo, até 1864, vivia satisfeito, gozando os frutos de uma fase de intenso e tranqüilo labor. Bom inverno, colheitas fartas, negócios prósperos, -- eis como a guerra foi surpreender a Potiguarânia. Convocado para a luta, havia de se sair galhardamente, segundo sua tradição de inexcedível intrepidez, afirmada nos dias sangrentos da Conquista e nas épicas arremetidas da expulsão dos holandeses.

Em Natal existia a Companhia de Caçadores, cujo efetivo era de 106 homens. Seu era o Quartel Militar, que, de acôrdo com o tombamento dos bens nacionais entregues ao Ministério da Guerra, fôra iniciado em 1813, com o auxilio financeiro da população, o qual subira a 600 cruzeiros, *no fim da rua da Palha.* (2)

Em 7 de Janeiro de 1865, foi baixado o decreto nr. 3.371, criando os Corpos de Voluntários da Pátria, assegurando-sê vantagens aos que se apresentassem. Esta medida foi como que um toque de reunir, a que atenderam legiões de patricios. Antes, a mobilização obedecia a um sistema obsoleto e aviltante. O regime de castigos corporais atentatórios da dignidade humana afastava da caserna os jovens de certa posição social. Havia distinções que beneficiavam os filhos-de-familia, os descendentes le-

---

(2) O dr. Nestor Lima é autor de uma excelente monografia acêrca da vetusta cidadela, para celebrar o centenário de sua construção. Quando da Guerra do Paraguai, difficil é conceber a situação das tropas incorporadas, se não existira aquele amplo edificio, que passou por transformações varias. Os presidentes da Provincia, em suas FALAS, gabavam a grande obra, que era um orgulho de Natal, erguido na praça Tomaz de Araújo. O imponente conjunto arquitetônico do novo quartel do Tirol desbancou de sua importância o antigo, que senhoreia a urbe, de cuja segurança foi baluarte, por mais de uma centúria, e que abrigou milhares e milhares de conscritos que se adestravam para a defesa nacional.



gítimos ou legitimados de cidadãos de *nobreza notória*, os filhos de doutores, de professores do ensino superior e do secundário, de oficiais de Linha e da Guarda Nacional e de capitalistas. Para êles, havia privilégios: eram reconhecidos Cadetes de 1<sup>a</sup> ou 2<sup>a</sup> classe, o que lhes assegurava uma situação hierárquica acima de sargento, e os colocava a salvo das estúpidas normas disciplinares do tempo. Tais regalias se explicavam pela organização social da época, em país escravocrata. Um aviso do Ministro da Guerra, Angelo Moniz da Silva Ferraz, alargava as prerrogativas dos rapazes *bem nascidos*, pois deviam, nos meios militares, ser cercados da mesma consideração que desfrutavam na vida civil.

Olinto Meira bem previu as gravíssimas responsabilidades que lhe cabiam, naquela conjuntura. Tudo era preciso arranjar na lufa-lufa das improvisações. Do caos, do nada, o Brasil se propunha a tirar recursos, a organizar-se militarmente para um conflito que pôs em risco a sua sobrevivência. Dedicou-se com ardor à faina de preparar a contribuição do Rio Grande do Norte para a vitória.

Publicado o decreto que criava os Corpos de Voluntarios, centenas de potiguares acorreram às armas. Registrou-se um febril entusiasmo bélico na Provincia. O Presidente era o grande animador, cujo exemplo de civismo se comunicava a todos. Constituíram-se comissões de alistamento, com as figuras mais representativas da sociedade, da política, do comércio. Faziam-se verdadeiros comícios, em várias partes da cidade. O ponto de reunião era a Assembléia Provincial. Olinto Meira, falando a um grande concurso de povo, pediu que dessem um passo à frente aqueles que se quisessem alistar. "Alguns dos que aí estavam, logo o fizeram". (3) Os Presidentes que mais se esforçaram pelo triunfo foram Olin-

---

(3) Isabel Gondim.—"O Brasil", poema histórico. Notas. Pg. 17. Informa o correspondente do "Jornal do Comercio" que atenderam ao apêlo 12 cidadãos do povo e 29 dos principais da cidade. Total 41.

to Meira e o seu sucessor, dr. Luiz Barbosa da Silva (Agosto de 1866 a 1867). Viveram para os cuidados da defesa pátria, no período de seu governo. Lendo-se os seus Relatórios e as notícias que, do Rio Grande do Norte, se enviavam para a imprensa do Rio, se tem a impressão exata de como êles bem cumpriram o seu dever.

Da comissão para promover a apresentação de voluntários faziam parte o deputado geral, dr. José Moreira Brandão Castelo Branco; o Juiz de Direito Dr. Vicente Ferreira Gomes; o tenente-coronel Bonifácio Francisco Pinheiro da Camara, o dr. Vicente Inácio Pereira, João Ferreira Nobre Pelinca, negociante; o tesoureiro da Fazenda, Alexandre Tomaz Seabra de Melo; o chefe de Policia, dr. Luiz Rodrigues de Albuquerque, o dr. Hermógenes Joaquim Barbosa Tinoco e o dr. Ernesto Augusto Amorim do Vale.

O conselheiro Luiz Gonzaga de Brito Guerra, distinguido com a dignidade de Cavaleiro da Ordem da Rosa, pelos serviços que prestou no recenseamento geral do Império, em 1872, escreveu em suas notas particulares: — “Realmente, prestei serviços e muito trabalhei no recenseamento; porém, muito mais esforço, trabalho e dinheiro despendi por ocasião da Guerra do Paraguai, chegando até a fazer, com licença dos respectivos Vigários, em mais de um lugar, conferências por ocasião das missas, com o fim de levantar o espírito da população e de angariar voluntários, e em trabalhos de beneficência e socorro às famílias dos mesmos voluntários”. (4)

Para recolher donativos, na Capital e no interior, comissões foram nomeadas. Olinto Meira enviou circulares aos Vigários para que se incumbissem de coletar fundos. Em Natal, compunham-na o Juiz de Direito, dr. Vicente Ferreira Gomes; o padre Bartolomeu Fagundes, Vigário; o dr. Vicente Inácio Pereira; Iago Francisco

---

(4) Desembargador Felipe Guerra.—“Apontamentos sôbre o dr. Luiz Gonzaga de Brito Guerra”, na Revista do Instituto Hist. e Geog. do R. G. do Ncrte, nr. 17, ano de 1919, pg. 142.

Pinheiro, Inspetor da Tesouraria Provincial; João Ferreira Nobre e Joaquim Ferreira Nobre Pelinca, empregados públicos aposentados. Êste ultimo era o tesoureiro. Até Olinto Meira deixar o govêrno, em 1866, foram arrecadados 9:228\$000, tendo sido gastos 6:179\$000, passando o saldo ao seu substituto. (5)

Na administração de Luiz Barbosa, entre os que concorreram se destacam:

Presidente Luiz Barbosa da Silva 500\$; dr. Sebastião Gonçalves da Silva, chefe de Policia, 300\$; Dr. Ernesto Amorim do Vale, engenheiro das Obras Públicas, 100\$; Antonio Benevides Seabra de Melo, 100\$; Joaquim Teodoro Cavalcanti de Albuquerque, 100\$; Joaquim Soares Raposo da Camara, 100\$; Luiz Rodrigues de Albuquerque, 80\$; Bonifácio Francisco Pinheiro da Camara, 80\$; Domingos Henrique de Oliveira, 80\$; José Inacio de Loiola Barros, 66\$666; Dr. Antonio José de Alcovia, 60\$; Augusto Joaquim de C., 60\$; dr. Hermógenes Joaquim Barbosa Tinoco, 50\$; Afonso de Paula de Albuquerque Maranhão, 50\$; M. Maria Lobo Botelho, 50\$; Antonio P. da Rocha, 50\$; Tomaz Antonio Ramos Zany, inspetor da Alfandega, 50\$; João Gomes de Castro, 50\$; Aleixo Barbosa da Fonseca Tinoco, 50\$; Joaquim Ferreira Nobre Pelinca, 40\$; Joaquim José de M., 40\$; Vicente Ferreira Lima (tenente reformado do Exército), 35\$; Fócio Joaquim do Rêgo Barros, (comandante da Policia), 30\$; Antonio Pinto de Moraes Castro, 30\$; Urbano Joaquim de Loiola Barata, 25\$; Joaquim José do Rêgo Barros, 25\$; José Gervasio de Amorim Garcia, 25\$; Eloi Castriciano de Souza, 23\$; Gabriel A. de Loiola Pessoa, 20\$; Um Anônimo, 20\$; Joaquim Guilherme de Souza Caldas, 20\$; Antíoco Aprigio Acarrachal de Almeida, 20\$; J. V. Graf e Cia., 136\$; Fabricio e Cia., 200\$; João Evangelista de Vasconcelos, 200\$; Cândido Marcolino Monteiro, 100\$; Cunha e Medeiros, 50\$; Dr. Tomaz A. Cavalcanti, 30\$; Cap. João Gomes Soares (de Touros) 400\$; Fabricio Pedrosa, por si,

---

(5) "Relatório anexo ao do Presidente Luiz Barbosa da Silva, 1866.

3 genros e 1 neto, 1:500\$; Cap. da Guarda Nacional Felipe Bezerra Cavalcanti (C. Mirim), 500\$. SOMA cinco contos quatrocentos e sessenta e cinco mil seiscentos e sessenta réis (5:465\$666).

— O ricaço Domingos Henrique de Oliveira, vice-cônsul de Espanha, ofereceu ainda quatro canhões de alma lisa, que seguiram para o Rio no vapor "Tocantins", em 6 de Agosto de 1867.

— Outros preferiram oferecer seus serviços diretamente ao Ministro da Guerra (6):—

— Arnaldo José de Moura, professor em Caraúbas, 5<sup>0</sup>/<sub>0</sub> de seu ordenado;

— Afonso de Paula de Albuquerque Maranhão, guarda-mór da Alfândega, 10<sup>0</sup>/<sub>0</sub> de seus vencimentos;

— Francisco Alves de Oliveira Maia, professor público da cidade de Imperatriz (Martins), 4<sup>0</sup>/<sub>0</sub> de seu ordenado e gratificação;

— Horacio Nicandro de Almeida Nobre e Perpétuo Felício Martins, 2<sup>o</sup> Cadete e 1<sup>o</sup> sargento do Corpo de Voluntários da Pátria nr. 28, renúnciam ao prazo de terra, a que tinham direito, na forma do dec. 3371, de 7/1/1865, que criou os Corpos de Voluntários da Pátria.

— João Manoel de Carvalho, Chefe de Seção da Tesouraria de Fazenda, 5<sup>0</sup>/<sub>0</sub> de seu ordenado, por dois anos;

— João Ferreira Nobre, 5<sup>0</sup>/<sub>0</sub> de seu ordenado de Tesoureiro Provincial aposentado;

— Joaquim Xavier da Cunha, professor jubilado de primeiras letras, em Imperatriz, 23\$ (um mês de ordenado).

— José Getulio Teixeira de Moura, Cadete do Corpo de Voluntários da Pátria, renúncia às vantagens do dec. 3371, de 7/1/1865;

— Bacharel Luiz Gonzaga de Brito Guerra, Juiz de Direito da comarca do Açu, 5<sup>0</sup>/<sub>0</sub> de seus vencimentos, por seis meses;

— Padre Pedro Soares de Freitas, Vigário Encomendado de Caraúbas, 10<sup>0</sup>/<sub>0</sub> de sua cômgrua, por oito meses.

## RECRUTAMENTO E RECRUTADORES

O bárbaro sistema de recrutamento forçado era, por assim dizer, o que preenchia os claros das fileiras de nossas Fôrcas Armadas. É verdade que a lei estabelecia certas condições para que se procedesse à conscrição. Havia disposições em favor de individuos que não pudessem servir. Mas, durante a guerra, tais isenções nem sempre eram respeitadas, e se cometiam inominaveis abusos. Pelo interior, muitas vezes, eram arrebanhados chefes de familias numerosas, pessoas valetudinárias, portadoras de graves lesões físicas. Documentos da época expõem tais violências, que as autoridades militares procuravam sanar, restituindo as vítimas aos seus lares e occupações. Entre as Ordens do dia do General Osório se encontra a de nr. 141, de 15/3/1866, que nos revela os cuidados do grande cabo de guerra pela sorte dos seus comandados. Estranhando as condições físicas de algumas praças, mandou submetê-las, no acampamento de Tala-Corá, a exame de saúde. O cabo José Joaquim da Fonseca, do 6<sup>o</sup> de Voluntários (Provincia do Rio de Janeiro), foi julgado incapaz, por VELHICE e FRAQUEZA de VISTA. O soldado Cristiano Tavares de Lira, do 2<sup>o</sup> de V. da Pátria (côrte), era cego da vista direita. Mas a comissão de médicos achou que poderia ficar servindo na Artilharia...

Os jornais do tempo nos relatam os horrores praticados no interior do País, por toda parte, em todas as Provincias, para arrastar os *pés-rapados* à tarimba. Os agentes usavam estratagemas, abusavam da simplicidade dos caboclos, para os agarrar. Um dos ardís é referido

pela escritora norte-riograndense Isabel Gondim (7). Um auxiliar de recrutador apresenta um pobre matuto capturado por êste processo astucioso:

—“Foi preso na roça, onde entramos e tocamos os chocalhos, para que aí supusessem animais destruidores; logo vieram em defesa das plantações alguns vultos, sôbre os quais precipitamo-nos, e, finalmente, conseguimos prender êste moço”.

Segundo se depreende da narrativa, o recrutado era “doente, amarelinho e barrigudo”.

Em todos os municipios havia agentes do recrutamentos e alistadores, cuja maior figura, nas respectivas circunscrições, era o Comandante Superior da Guarda Nacional. Eram os árbitros do destino de cada individuo, acima dos quais estava apenas o presidente da Provincia, que os incitava no deshumano mistér. No Rio Grande do Norte, o recrutamento foi intenso em certas zonas, enquanto outras pouco experimentaram os seus rigores, ou porque fossem parcamente povoadas, ou porque ficassem muito distanciadas da Capital. Onde mais forte se exerceu a sangria foi em Natal, S. José de Mipibú, Goianinha, Canguaretama, S. Gonçalo, Ceará-Mirim, Touros, Macau, Açú, Mossoró e Areia Branca.

O recrutador era, naturalmente, odiado, e todas as maldições choviam sôbre êle. Um que, na consciência popular, encarnava o anti-Cristo, era o alferes Rolim Cavalcanti de Albuquerque, cujo nome ainda hoje desperta calafrios na gente ignorante do interior. Sargento da Policia, era *pau para toda obra*, com requisitos excellentes para todas as missões odiosas. Foi alferes *interino*, isto é, em comissão, e, depois, efetivado pelo presidente Luiz Barbora da Silva (1867). Em virtude de inquérito,

---

(7) Isabel Gondim. — “O Sacrificio do Amor”, drama em 5 atos, todo êle urdido em tórno da guerra do Paraguaí.

chegou a ser demitido, por se ter provado que facilitara a evasão de um preso sob sua guarda, mediante peita, na administração do dr. José Bento da Cunha Figueiredo (1860-1861). Em 5 de Agosto de 1865, uma Companhia Dramática de Pernambuco se exhibia no Teatro Santa Cruz, em Natal, praça do Rosário. O espetáculo terminou às 23.30. Pouco antes, retirando-se o Chefe de Policia, o Teatro foi invadido por um bando de individuos armados, chefiados pelo alferes Rolim, farejando recrutas. O povo indignou-se, mas ninguém ousou protestar em voz alta. Foram presos quatro *cômicos* que estavam descansando, e saíram em meio de gritos e ameaças, para o Quartel de Linha, passando pela rua da Conceição. Atraído pelo tumulto, o chefe de Policia saiu de sua residência, que era a própria Chefatura, no local em que está a Prefeitura, — e indagou de Rolim a causa daquela desordem. O atrabiliário policial informou que prendera aqueles recrutas de ordem do presidente, e seguiu seu caminho. No dia 16 do mesmo mês, partiu para o interior, com 30 praças, e não respeitava nenhuma garantia constitucional: varejava domicilios de dia e de noite, arrebataba caixeiros dos balcões, atirava nos que fugiam à sua aproximação. Sua passagem era assinalada por iniqüidades.

---

Nos sertões ficou, por decênios, no sub-conciente das gerações, a ominosa lembrança do recrutamento, cujos episódios se assemelhavam ao rapto de negros na Africa, ou ás correrias dos bandeirantes preando indios. Mesmo na Capital e cidades próximas não era menor o complexo do medo coletivo, quando se falava em recrutar. Em 1907, ancorou a esquadra no Potengi. Houve um brilhante programa de festas em honra dos nossos marujos. O poderio naval do Brasil se restaurava em seu antigo esplendor. Lembramo-nos do pânico entre o povoinho de Natal e redondezas. Espalhou-se que era o recrutamento. O recrutamento! Houve êxodo para o mato. Os holofotes, cujo raio de ação alcançava S. José e Ceará-Mirim, riscavam os céus, agravando o atropêlo das

fugas, e muita criança veio ao mundo prematuramente, devido ao susto dos amaldiçoados refletores... Nos primeiros dias, as famílias saíam à rua com prudência, tais as façanhas que se contavam dos marinheiros. Aos poucos, a atmosfera se descarregou, e a população foi verificando a ingenuidade de suas prevenções, sobretudo quando os festejos se deslocaram de Natal para S. José e Ceará-Mirim, e todas as classes foram assistir à vaquejada de S. José, espetáculo inesquecível, em que até um deputado federal tomou parte, apesar de veladas censuras... A praça da Matriz foi transformada em arena, 50 rezes para tourear. Vaqueiros vestidos a caráter irromperam pela praça, entoando O ABOIO, de Henrique Castriciano...

---

Entre as chamadas “crueldades da historia”, impostas pela civilização, incluamos as do recrutamento. Elas foram justificadas pelos acontecimentos. Se não foram os métodos de que se lançou mão, Lopez talvez tivesse levado a melhor. Ele não tinha escrúpulos em impelir seu povo a uma guerra de extermínio, gerada pela sua paranóia, contra um bom vizinho. Nós nos batíamos pela nossa existência de Nação independente e democrática. *Era preciso ganhar a guerra!* E ganhamo-la, com abnegações e sacrifícios, consentidos ou não. Por isto, a Pátria abençoa os forçados do recrutamento, e esquece as proezas dos Rolins.



## II

### A MOBILIZAÇÃO

O dec. 3383, de 21 de Janeiro de 1865, mandou destacar 14.796 guardas nacionais dos diferentes Corpos para o serviço de guerra no Paraguai. A quota, que coube ao Rio Grande do Norte, foi fixada em 624 homens, tanto quanto á Paraíba. A Guarda-Nacional, na Provincia, era assim organizada: 22 batalhões e 1 Esquadrão de Cavalaria, e 15.659 guardas da ativa. A reserva compreendia 1 batalhão de 233 guardas, e mais 1042 avulsos, perfazendo 16.934. O leitor já terá concluído que tudo isto era simplesmente no papel. Os Comandos Superiores, em número de SEIS, tinham assim regulada a sua jurisdição:

- Municípios da Capital, S. Gonçalo, Ceará-Mirim e Touros;
- " de S. José de Mipibú, Papari, Canguaretama e S. Bento;
- " de Angicos e Macau;
- " de Açú, Santana do Matos, Campo Grande e Mossoró;
- " do Príncipe, Acari e Jardim;
- " de Imperatriz, Portalegre, Apodi e Pau dos Ferros.

Dos 22 municípios, em que então se dividia a Provincia, o de Goianinha, a que pertencia o batalhão nr. 7, com 8 Companhias, criado pelo dec. de 20/1/1852, foi omitido no Relatório do presidente Luiz Barbosa da Silva, relativo ao ano de 1866.

Neste documento, aquele presidente se queixava amargamente da inação da Guarda Nacional, e lhe applicava palavras cáusticas: — É triste e bem triste que uma corporação tão circundada de prestigio e de honras pelas

leis do Império, não represente, nas atuais circunstâncias do País, o elevado papel que lhe compete”. Registrando a ineficiência, morosidade, a indiferença e pouco entusiasmo da milícia de Feijó, admite que tudo isto se devia ao fato de ela nunca ter sido chamada a exercer as suas altas finalidades. Só existia “nas exterioridades, nas bandadas, espadas e galões com que se enfeitam os oficiais”. Estas expressões eram injustas, e os fatos demonstram que a Guarda Nacional desempenhou um papel brilhantíssimo na guerra, decisivo para o bom êxito de nossas armas.

A prevenção de Luiz Barbosa da Silva se originara de incidentes com o Comandante Superior do Açú. Chegou a ordenar que o batalhão daquele Município seguisse imediatamente para Natal, a pé, através de 60 leguas. Não atendeu a ponderações de nenhuma espécie, e manteve a absurda determinação. Feriu, desse modo, com a sua animosidade e rispido tratamento, um dos Municípios que mais denodadamente honraram o Rio Grande do Norte na campanha contra Solano Lopez. A Guarda Nacional desta Provincia não chegou a integrar o efetivo que lhe foi designado, só havendo fornecido 348 homens. O batalhão de São Gonçalo arrancou elogios do presidente: “Sobreleva, em muitos, a todos os outros em disciplina”.

## OS PRIMEIROS CONTINGENTES

De Natal, escrevia o correspondente do «Jornal do Comercio», em carta de 20/2/1865, estampada na edição de 4/3:—

“Os grandes acontecimentos precisam da dominação da imprensa, para que, um dia, possam ser registrados na história.

“É fundado neste pensamento que venho à imprensa, recorrendo à importância de seu jornal, solicitar a publicação de acontecimentos que nobilitam tanto esta Provincia, quanto interessam à causa nacional”.

No dia 19/2/1865, pelas 17 horas, foi efetuada uma revista da Guarda Nacional, pelo Tenente-Coronel Bonifacio Francisco Pinheiro da Camara, Comandante Superior, no pátio do Quartel da Companhia de Caçadores. Foi uma cerimônia preparada de combinação com o presidente Olinto Meira, para despertar os entusiasmos da população, e encorajar os tímidos. Formaram também os Voluntários da Pátria, que, em apenas um mês, somavam algumas dezenas, muitos deles oriundos das familias mais ilustres da Provincia. Compareceram as autoridades civis, militares e eclesiásticas. O aparato atraiu todas as atenções. A cena era mesmo empolgante para uma cidade que nunca assistira a um espetáculo igual. O presidente Olinto Meira lá estava, ativo, solene, dirigindo tudo. Deu inicio ao programa, erguendo os VIVAS do protocolo, e falando vibrantemente aos militares e à massa popular. O deputado Moreira Brandão despertou aplausos com a sua eloquência. Pelas 19 horas, começou o grande desfile, encabeçado pelo presidente, até a Ribeira. Tratava-se de festejar, nas ruas, a vitória brasileira na batalha de Paisandú, que se rendera em 2 de Janeiro. Da Guarda Nacional compareceram 76 homens, e mais os Voluntários e cêrca de 100 praças da Companhia de Caçadores. Mais de 200 soldados, uns ostentando bem cuidados uniformes, outros ainda a paisana, percorreram a rua da Palha (*Vigário Bartolomeu*), a praça da Alegria (*Padre João Maria*), desceram a rua da Conceição e seguiram pela rua da Cruz (*avenida Junqueira Aires*) até a Ribeira. Às 21.10, à luz mortíça das candeias de azeite (8), regressavam, dissolvendo-se a passeata em frente ao Palácio do Gôvêrno, que era na rua da Conceição. (9)

---

(8) A lua, em quarto minguante, só apareceu à meia noite.

(9) Só em 1869 é que o presidente Pedro de Barros Cavalcanti de Albuquerque transferiu a sede do Gôvêrno para um outro edificio de aluguel, ainda existente com as mesmas carateristicas, na actual rua Chile. Em 1902, o governador Alberto Maranhão devolveu à Cidade Alta o privilégio de abrigar a primeira autoridade do Estado, ocupando o belo edificio construido pelo presidente Olinto Meira para a Assembléia

A festa operou os efeitos psicológicos que Olinto Meira e o tenente-coronel Bonifácio tiveram em mente: infundiu ânimo, transmitiu a todos a chama patriótica indispensável no momento. O próprio missivista anuncia que partiria no primeiro vapor, para se unir aos valentes patricios que seguiam para a guerra. Não realizou, porém, o intento.

No mesmo dia 19 de Fevereiro de 1865, houve uma reunião cívica no Ceará-Mirim, promovida pelo dr. Loló (Jerônimo Cabral Raposo da Camara), coronel Manoel Varela do Nascimento, futuro barão do Ceará-Mirim, e major Miguel Ribeiro Dantas Junior. O coronel declarou publicamente que perdoaria as dívidas de seus rendeiros que se alistassem ali mesmo. Dezoito deram um passo à frente! No dia seguinte, foram estes homenageados com um banquete. O major Miguel ofereceu um conto de réis a dez cidadãos que naquele instante se apresentassem para a guerra. Três atenderam, e a cada um foi entregue a impostância de 300\$. Tudo isto ao som de uma banda de música. O dr. Loló usou repetidamente a palavra, ora vibrante, ora pitoresco.

## A COMPANHIA DE CAÇADORES

Era natural que a primazia de partir coubesse à Companhia de Caçadores, que era fôrça permanente do Exército. Foi o primeiro da série de embarques de tropas que, por dois anos, comoveram os natalenses até o delírio patriótico e ao desespêro de penosas separações.

---

Provincial, o melhor prédio público até então, e no qual ficou definitivamente instalado o Poder Executivo, na atual praça 7 de Setembro. O antigo Paço foi arrasado na segunda administração Ferreira Chaves, para a abertura da praça fronteira ao Palácio, em 1914. Era uma grande casa residencial, de dois pavimentos. Quando foi desapropriado, nela funcionavam serviços públicos federais, entre eles a agência do Correio da Cidade Alta. Ficava em frente a outro edifício de amplas proporções, ainda existente, propriedade e residência do historiador Nestor Lima.

A 31 de Março de 1865, no vapor «Persinunga», da Companhia Pernambucana, seguiu, com destino à Paraíba. Pelas 16 horas, cenas patéticas se desenrolaram no cais da Alfândega. Uma pobre mulher do povo, no auge do sofrimento, se jogou ao rio, mas foi salva por um catraieiro. Compareceram ao bota-fora o presidente Olinto Meira, o deputado Moreira Brandão, que discursaram, saudando os que partiam. Na Paraíba, a Companhia se juntou ao Corpo de Guarnição, formando uma força de mais de 400 homens. Pelo «Imperador» viajaram para Pernambuco. A Companhia do Rio Grande do Norte foi incorporada no 18º Batalhão de Infantaria, comandado pelo coronel graduado Manoel Lopes Pecegueiro. No 18º B. I. passou a constituir a 5.ª Companhia. No dia 2 de Junho chegou ao Rio, pelo navio «Recife», depois de ter recebido, em Salvador, contingentes de Sergipe e Bahia.

Por uma *Relação de mostra* (folha de pagamento), correspondente ao mês de Junho de 1865, encontrada na Pasta nr. 297 do Arquivo da Sub-Diretoria de Fundos do Exército, podemos assegurar que a Companhia embarcou em Natal com os seguintes elementos:—

CAPITÃO João Batista do Rêgo Monteiro, tenente José Lázaro Monteiro de Melo, Alferes Francisco Antonio de Deus e Costa e alferes Galdino Câncio de Vasconcelos Monteiro — 1º Sargento Carlos de Souto Gondim (desertou na Bahia); 2º sargento Jacinto do Rego Monteiro, 2º dito Adolfo Joaquim Alvares França (2º Cadete, voluntario); 2º Cadete Manoel Leopoldo de Vasconcelos Monteiro; CABOS Urbano Agápito d'Alcântara, Fortunato José de Lima, Antonio João de Santiago (engajado), Silvio Pontes Pereira de Moura, Vicente Borges Fialho, José Januário Soares da Camara (voluntário), Cândido José da Costa Pereira e Luiz Procópio Ferreira Pestana (voluntário). SOLDADOS Manoel Joaquim de Santana (engajado), Vicente Ferreira (idem), Jeronimo da Silva Pinhoeiro (id.), Francisco Inácio de Jesus (id.), José Freire Cantalice (id.), José Rodrigues dos Passos (id.), Serafim Roiz da Silva, Gabriel Ferreira da Silva Nobre (preso,

aguardando sentença, ficou doente na Bahia); Teodoro José Correia, José Joaquim de Jesus, Leocadio José da Silva, Manoel Antonio d'Oliveira, Lourenço João Bernardino, José Joaquim de Mendonça, Marcolino Raimundo Dias d'Andrade, Joaquim Coqueiro, Felix Antonio Joaquim, Manoel Guilherme do Nascimento, Justino Maximiano dos Santos (voluntário), Henrique Xavier de Góes (id.), Antonio Joaquim da Silva (id.), João Olimpio de Souza, Luiz José Teixeira, Romão Lopes Leite, Francisco Gomes da Silva (engajado), Miguel Francisco Leite, José Bernardo do Nascimento, Florêncio José da Silva, Gabriel José Joaquim, Manoel Joaquim Nepomuceno [voluntário], Joaquim Malheiro de Goes, Joaquim José dos Santos [voluntário], José Florêncio Gomes, Antonio Manoel Joaquim de Souza [voluntário], Antonio Pedro d'Alcântara Junior [voluntário], João Francisco da Silva, Salvador José Francisco [voluntário], José Firmínio de Melo, Manoel José de Paiva do Nascimento, Joaquim Coutinho Roiz, João Ferreira da Costa, José Carlos d'Oliveira, [voluntário], Manoel Bezerra da Costa, Manoel Eugênio Ferreira Nunes, Manoel Francisco da Silva [voluntário], Manoel Joaquim do Nascimento Maciel [voluntário, 2º Cadete], Inácio José Martins, Germano Clemente Bezerra (id.), José Francisco d'Oliveira [id.], Inácio Manoel Sobral, José de Jesus Ramalho Camarão [voluntário], José Rodrigues Damasceno, José Lourenço Guedes [voluntário], Verissimo José do Nascimento, Claudio José Fernandes [voluntário], Felisberto Braz de Lemos [recrutado], João Francisco Cebola [engajado], corneteiro João Batista Cordeiro [voluntário]. 4 *Oficiais* e 74 *praças*.

Agregados à Companhia, embarcaram os soldados Antonio Dias d'Oliveira [voluntário], José Tomaz do Nascimento (id.), José Alves Ferreira (id.), Manoel Germano da Silva, Francisco José da Silva, João Antonio Izidro, Francisco Lourenço de Souza e Manoel Francisco do Nascimento. (8 *praças*).

Adidos, foram os recrutas José Donato de Faria, Antonio José Batista de Lima, Carlos José Barbosa,

Francisco Malaquias dos Santos, Manoel Barbosa de Lima, Saturnino Dias de Moraes, Luiz Ferreira da Silva, João José dos Prazeres, Manoel Eugênio Ferreira, Vicente Ferreira Nobre, Bento Ferreira Viana, Francisco da Luz Vasconcelos, Manoel Antonio Peregrino, Manoel José da Silva, Antonio Pereira da Cruz, Felix José da Silva, Manoel José Francisco, Canuto José Damasceno, Antonio Mingeso da Costa, João Manoel Correia, José Freire do Ó e Manoel dos Reis. (22 praças). Total embarcado com a Companhia, em 31/3, cinco oficiais (incluindo o cirurgião do Exército dr. Firmino José Dória) e 104 praças.

Na Bahia, embarcou o padre alferes capelão da Repartição Eclesiástica, Tomaz Antonio de Moraes Castro, pertencente à Companhia de Natal. O 18º B. I. esteve em Salvador até 29 de Maio. Aportou ao Rio em 1º de Junho, e, a 11, partiu para Montevideo, onde chegou a 20/6/1865, pelo «Recife». Alguns dos nossos soldados foram desligados, na Bahia e no Rio, por motivo de saúde. José Januário Soares da Camara, que supomos ser filho do poeta Lourival Açucena, viajou até Montevideo. Em Dezembro de 1865, por Ordem do Dia do Ajudante General do Exército, foi dispensado do serviço do Exército, por sofrer «de tubérculos pulmonares», na conformidade do laudo da Junta Médica.

## O 1º CORPO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Em Maio de 1865, não faltava mais nenhuma providência para que o batalhão de potiguares marchasse para a guerra. Agora tudo dependia do transporte. O Quartel de Linha regorgitava de soldados, que, diariamente, recebiam instrução, de modo que já desfilavam com um garbo marcial, e conheciam o manejo das armas. De Pernambuco despacharam o fardamento. O calçado foi adquirido no Aracatí (Ceará). A tropa embarcou uniformizada, apresentando agradável aspecto. Damos a pala-

vra ao Conde d'Eu, que a observou de perto, em Santa Catarina. Agosto de 1865:—"Depois de ter entrado na vizinha Igreja, passo ao quartel que fica fronteiro. Contém atualmente o 28º batalhão de Voluntários da Pátria, que foi aqui formado de contingentes de diferentes Províncias, mas principalmente do Norte. Estão aqui demorados porque ainda não lhes deram armamento; espera o coronel Fonseca Costa que venha pelo OIAPOQUE. Têm êstes voluntários, como todos, dois uniformes: blusa de lã azul-claro, apenas apertada na cinta, e farda com botões de metal amarelo, lisos. A cobertura da cabeça também difere, e, a meu parecer, com grande superioridade dêste batalhão. Ao passo que, no Pará (que tem o nr. 33 na nomenclatura geral dos Voluntários da Pátria) usam os soldados um boné de pano azul-escuro, sem pala que proteja, ao menos, os olhos do sol e da chuva, com cinta verde e um pequeno tope brasileiro, e só os Officiais têm o quépi à francesa, como os do Exército regular, neste, Officiais e soldados usam um grande chapéu de feltro preto, de abas largas, uma das quais se pode levantar de um dos lados, por meio de um cordão, também com o tope brasileiro (fundo verde, estrela de metal amarelo). É original, mesmo elegante, e creio que deve ser muito cômodo. Com estes chapéus, de aba levantada e o casaco verde, é muito marcial o aspecto dos Officiais dêste batalhão. E, mais adiante:—"Êste batalhão usava calça branca, coisa que eu ainda não vira em nenhum Corpo de Voluntários, e que me parece pouco próprio da atual estação" (10)

---

Os voluntários aguardaram em Natal, por longas semanas, que chegasse a sua vez de tomar o navio para

---

(10) Conde d'Eu.—"Viagem Militar ao Rio Grande do Sul" Pgs. 17 e 18. O 28º de Voluntários já chegou organizado a Destêrro, com 4 Companhias, e ali recebeu 75 praças do extinto Corpo Policial da Paraíba, sendo reorganizado. Passou a ter 8 Companhias, cujos efetivos eram, entretanto, menores que anteriormente.



o Sul. Cada um que ali escalava, ia superlotado, de maneira que se adiava o embarque. Até se pensou em fazer seguir o batalhão fragmentariamente, aos poucos, mas contra isto logo se esboçou viva reação, que, ao correspondente do «Diário Oficial do Império do Brasil» pareceu ser a expressão do desejo da Província de aparecer por si só.

Enfim, a 9 de Junho de 1865, chegou o «Jaguaribe», para receber os norte-riograndenses. O embarque foi uma das cenas mais impressionantes da vida da Cidade. Às 16 horas, diante do Quartel de Linha, formaram os 463 homens (apenas 4 não eram norte-riograndenses), distribuídos por 4 Companhias, sob o comando do tenente-coronel da Guarda Nacional, José da Costa Vilar, que oferecera seus serviços para qualquer eventualidade. Com o batalhão seguiram para a Côte 11 voluntários para a Armada, 16 recrutas da Marinha, 35 do Exército e 2 desertores.

O desfile foi pela rua da Palha, até a casa do major José Pereira; largo da Matriz, rua da Conceição, até o Palacio, donde partiu para o local do embarque, que foi o cais da Alfandega, na rua do mesmo nome, atual Chile. Todos os logradouros por onde passou a tropa estavam ornamentados com árvores embandeiradas. Na Casa da Polícia (Chefatura da Polícia, rua da Conceição, esquina de Junqueira Aires com Ulisses Caldas), se erguia um enorme arco, ladeado de pavilhões de vários países. Pode-se dizer que toda a população acompanhou os Voluntários. À frente, uma banda de música particular, e a figura do Brasil simbolizada por um adolescente vestido de indio. Era o jovem Joaquim Açucena Soares da Camara, de 16 anos, o futuro professor Joaquim Lourival, filho do poeta Lourival Açucena. Uma companhia de cantores entoava um hino composto em honra dos Voluntários, cuja letra e música se perderam. Logo após o *Indio*, marchavam 9 meninas, elegantemente trajadas de branco, com uma faixa verde-amarela a tiracolo, jogando flores. O presidente Olinto Meira, de Palacio, tirou os

VIVAS, e se incorporou ao cortejo, com o Chefe de Policia.

No cais, diversos oradores foram a tribuna, distinguindo-se o dr. Vicente Ferreira Gomes, Juiz de Direito, e o moço Julio Cezar Leal, inspetor interino da Alfândega, que declamou uma poesia, calorosamente applaudida. Ao pôr do sol, embarcaram, por entre manifestações de carinho. Inúmeros escaleres e jangadas, lindamente ornadas, comboiaram o «Jaguaribe» até a barra. Nas outras Provincias, a tropa sempre partiu com uma bandeira oferecida pelas senhoras e senhoritas da sociedade local. A do Rio Grando do Norte parece que se foi sem o pavilhão nacional. Não encontrámos nenhuma referência a tão belo gesto da Mulher potiguar, nem à bênção do Pavilhão, nem a qualquer outra cerimônia religiosa, — o que é impossivel que não tenha havido. Mas o correspondente do “Jornal do Comercio”, na sua derramada descrição do embarque, omitiu inteiramente a bandeira e a religião.

---

• O 1º Corpo de Voluntários do Rio Grande do Norte estava constituido da seguinte maneira, conforme a folha de pagamento de 1º a 31 de Maio de 1865 (Pasta 270 do Arquivo da S. D. de Fundos do Exército):—

T. Cel. da Guarda Nacional José da Costa Vilar, comandante; major Fiscal Vicente Ferreira Lima; alferes ajudante Joaquim Torquato Pinheiro da Camara; alferes secretário Ponciano Bisneto Ferreira Souto; tenente quartel-mestre Baltazar da Rocha Bezerra Cavalcanti; capitão alferes Amaro Theot Castor Brasil.

Sargento-ajudante Inacio Leopoldo d’Albuquerque Maranhão; sargento quartel-mestre Manoel Firmo de Faria.

## 1ª COMPANHIA

Capitão Fócio Joaquim do Rêgo Barros, tenente Joaquim Alonso Moreira d’Almeida, alferes José Getulio Teixeira de Moura, alferes João Capistrano Pereira Pin-

to, 1º Sargento Antonio Xavier da Silveira, 2º dito João Bonifacio Selino Brasileiro, 2º dito Clementino Xavier da Costa, furriel João Tiburcio Marques de Oliveira, CABOS José Ferreira de Melo, Vitalino Ferreira de Moraes, João Batista Cabral de Macedo, Antonio Lucas da Costa, José Ursolino Maciel da Costa, João Ferreira de Oliveira, ANSPEÇADAS José Jacinto dos Reis, Antonio Januário de Oliveira, Joaquim Francisco de Paula Moreira, José Pinheiro Rolim, Daniel Alves de Lima e João Freire de Oliveira. PRAÇAS — 2º Cadete João Carlos Pinheiro da Camara, Manoel Felix do Nascimento, Antonio Pinheiro da Camara, João Maria de Oliveira, Pedro José Teixeira da Costa Barbosa Junior, Dionisio Caetano, João Ferreira da Silva, Evaristo de Sá Bezerra Cavalcanti, Luiz Ferreira Nobre Furtado, Francisco Antonio de Brito Guerra, Francisco José de Medeiros Costa, José Coelho dos Santos, Leoncio Pita de Sá Bezerra, Francisco Joaquim de Medeiros, Miguel José Furtado, João Paulo do Nascimento, 2º Cadete José Avelino Monteiro Bezerra, Matias Barbosa de Sá Bezerra, José Pedro Francisco de Souza, Marcolino Santiago de Galiza, Joaquim Francisco Lucas, Manoel José Teixeira, Belarmino Gomes de Sena, Manoel Pereira da Silva, João Alves Martins, Gabriel Antonio de Moura, Francisco José Ambrosio da Silva, João Damasio Ferreira, Justino Marques de Jesus, Manoel Batista de Souza, Manoel Gomes de Oliveira, Manel Francisco Cajueiro, Silvino Gonçalo Anselmo, Braz Antonio da Silva, José Laurentino de Valença, Bernardino de Sena do Nascimento, Vicente Ferreira do Nascimento, João Francisco Galdino, Firmo José Cardoso, Antonio Francisco Cajueiro, Manoel Jeronimo de Sant'Ana, Francisco José de Moraes, Sebastião Rosa do Nascimento, Manoel Joaquim da Silva, Angelo Ferreira da Silva, Bartolomeu da Silva Queirós, Joaquim Antonio de Oliveira, Manoel Ferreira da Cruz, José Gomes da Silva, João Inacio, Manoel Soares de Vasconcelos, Claudino Alves d'Aquino, Joaquim Teodoro d'Amaral, Antonio Alves Marinho, Francisco Nogueira do Nascimento, Manoel Urce-lino d'Azevedo, Joaquim Martins Pereira, Antonio Mar-

colino Dantas, João Pegado Marques, Antonio Joaquim Pereira, Miguel Francisco da Silva, Manoel Antonio do Nascimento, Davi Manoel de Sant'Ana, Alexandre José das Neves, 1º Cadete Francisco Vitor da Fonseca e Silva.

AGREGADOS:— 1º Sargento Osvaldo Cantisiano d'Assunção; segundos sargentos Antonio Rabelo Leão, Miguel Francisco d'Oliveira, João Elisio d'Oliveira Cruz, José Francisco de Sá, João Inacio de Souza, João Aleixo Agostinho dos Santos, Joaquim Augusto, 1º cadete Urbano Carneiro de Albuquerque Gondim, 1º cadete Luiz Gonzaga Carneiro d'Albuquerque Gondim, José Gomes de Melo, Manoel Dias de Morais, Americo Nicolau, Luiz de França, Manoel Felix da Silva, Olimpico José Fernandes d'Oliveira, João Justino de Lima, João Barbosa de Freitas, João Gomes Carneiro, Rodrigo Pereira da Fonseca, Raimundo José Pereira e Anacleto Ferreira Pessoa d'Exaltação. (105 praças e 4 oficiais).

## 2ª COMPANHIA

Capitão Manoel Ferreira Nobre Junior, comandante; tenente Joaquim Gomes de Araujo Silva, alferes Ulisses Olegario Lins Caldas e alferes Manoel Martins Corêa e Castro.

1º Sargento Perpétuo Felicito Martins, 2os sargentos Antonio Pio Augusto Palmeira e João Severiano de Moura; furriel João Alves de Paiva.

CABOS:— Nemesiano Sortines Freire, João Carlos de Melo, Mario Francisco da Rocha, Pedro Alves da Trindade, Simplicio Juvino da Cruz e Mario Claudiano de de Maria.

• ANSPEÇADAS:— Antonio Teófilo da Silva, Francisco Xavier da Silva, Luiz Garcia Galvão, Franklin Roiz Ramos, José Pereira da Cruz e Miguel Antonio Garcia.

PRAÇAS:— Joaquim Manoel da Fonseca e Silva (1º cadete); Horacio Nicandro de Almeida Nobre, Manoel

Gomes da Silva, Jeronimo José de Medeiros, João Pinheiro de Araújo, Ponciano Ferreira de Melo, Francisco José da Silva, João Nunes de Lira, Francisco Lourenço Gomes, Pedro Felix, Felix José de Alcântara, Manoel Tomaz de Oliveira, José Faustino da Silva, Ananias de Paim, Manoel Rodrigues Machado, João Francisco Damasceno, Francisco Maria das Chagas, Manoel Pedro de Miranda, Alexandrino d'Oliveira Fere-Fogo, José Inocêncio Ramos, Vitor Xavier de Medeiros, Policarpo José da Silveira, José Saraiva de Moura, Antonio Joaquim de Lima, Manoel João do Nascimento, Vitoriano Dantas d'Oliveira, Antonio José Francisco de Souza, Sebastião Gomes de Castro, Manoel Batista d'Oliveira, José Joaquim Freire, Manoel Freire Marinho, Antonio Galdino Eleutério, João Batista de Aquino, Honorato José de Sant'Ana, Francisco José da Costa, João Batista de Macedo, Floriano Vitalino de Paula Guerreiro, Miguel Francisco Lopes, Vicente Fernandes dos Santos, Joaquim Martins de Araújo, Manoel Martins dos Santos, Firmino José da Costa, Francisco Antonio de Lima, Luiz Joaquim de Lima, Antonio Bonifacio Roiz, Francisco Fernandes da Silva, José Zeferrino de Souza, Manoel Joaquim do Nascimento, Joaquim José Ribeiro, Honorato Silistrino Pereira, Joaquim Cosme de Maria, Candido José Ribeiro, Miguel Garcia Galvão, Serafim José de Maria, Antonio Perigoso José de Maria, Antonio Pereira de Jesus, Manoel Joaquim da Silva, Alexandre Lopes Galvão, Raimundo Vericiano de Maria, Venancio Freire de Brito, Sabino José de Oliveira, Francisco Alexandrino da Rocha e Manoel Francisco da Silva.

AGREGADOS:— 1º Sargentos Silvino Ernesto da Silva Castro e Antonio Felipe da Rocha Bezerra, segundos sargentos Antonio Benevides Pinto de Aguiar e Luiz Frederico Pinto de Aguiar; CABO Estêvão José de Andrade; SOLDADOS Pedro Soares da Silva Quixaba, Francisco Justiniano de Melo, José Faustino de Azevedo, José Antonio de Farias, João Maria Nobre, João Mariano de Oliveira, Manoel José do Nascimento, Vitor Ferreira da Silva, Manoel Felipe Carneiro, Antonio Gomes da Silva,

Joaquim Vital Pereira, Antonio Joaquim de Santana, Manoel Francisco Barbosa, João Umbelino Tavares, Paulo José Joaquim, Antonio João dos Reis e Custodio Gomes de Oliveira. (4 officiais e 102 praças).

### 3ª COMPANHIA

Capitão José Fernandes de Oliveira Galvão, comandante; tenente Germano Antonio Machado, alferes Jesuino Ildefonso de Oliveira Azevedo e Manoel Barbalho Bezerra.

1º Sargento Leonardo Bezerra Cavalcanti, segundos sargentos Manoel Bezerra da Silva Soares, Vicente Alvares de Menezes e furriel Manoel Joaquim Pereira Cavalcanti.

CABOS — Aniceto Alves Daniel, Antonio de Moura Rolim, Urcicio Ramos de Alencar, Ursulino Orestes d'Oliveira Mendes, José Gonçalves de Brito e Manoel Tomé de Medeiros.

ANSPEÇADAS — Antonio José d'Anunção, Porfirio Marques de Maria, Manoel Pires dos Santos, Gonçalo José Dantas, Manoel Inácio Gonçalves de Maria e Felix Antonio da Silva.

PRAÇAS — Luiz de França Bezerra Cavalcanti (10 cadete), Antonio Alipio da Fonseca, Ildefonso Elias de Souza, Miguel Ferreira da Silva, José Joaquim do Nascimento, Manoel Inácio de Araújo, Manoel Ribeiro da Silva, Lino José dos Santos, Manoel José d'Oliveira Lima, Antonio Barbosa de Lima, Josias Diógenes d'Oliveira, Joaquim Gabriel Gomes da Silva, João Januario Correia, José Lourenço de Paiva, Ezequiel d'Oliveira Firmo, João Pires de Lima, João Francisco Claro, João Felipe de Lima, Salustiano Gonçalves d'Azevedo, José Francisco da Costa, Francisco Bernardo da Costa, Vitor José de Lima, Manoel Francisco Nicolau, Manoel Francisco da Silva, Manoel Alexandre Gomes da Silva, Joaquim d'Aquino

Roma, Manoel Jeronimo de Lima, Antonio José dos Santos, Agostinho Brandão, Francisco Teixeira de Paula, Laurentino Choxias de Melo, João Batista dos Santos, Francisco Pereira de Lima, Clementino Pinto, Manoel Ponciano de Lima, Joaquim José Florencio da Silva, Pedro José Calisto, José Marcelino de Souza, João Rodrigues do Nascimento, João de Araújo Souza, Viriato Ferreira da Cunha, Antonio José de Santana, Marcelino Pereira de Lima, José Gonçalves da Paixão, João Pinto Alves, Joaquim Manoel d'Araújo, Manoel Luiz de Carvalho, João Rodrigues da Cunha, Gorgonio Adelino de Goes, José Antonio da Fonseca, José Joaquim da Silva, Felipe Dias de Araújo, Nicolau Lázaro de Freitas, Manoel Inacio Pereira do Lago, Joaquim Alexandrino de Lima, Tomaz Joaquim das Neves, Raimundo José de Freitas, João Manoel Pereira do Nascimento, Vicente Ferreira de Maria e Fidelis Maria de Melo.

AGREGADOS — 1os Sargentos Manoel Maria Cibolla e Manoel Augusto d'Oliveira Galvão; segundos sargentos Belisario Barroso de Carvalho e José Francisco Bezerra; furriel Miguel Antonio de Melo; cabos Joaquim José da Rocha, Silvestre Cabral Tavares, Luiz Xavier de França, Quintiliano Manoel da Cruz, Miguel Joaquim da Silva, Felipe Maria Camarão, João Batista do Nascimento, Honorato José da Silva, José Pereira da Silva, Jesuino Pereira d'Aquino, Gabriel Joaquim Borges, João Alexandrino de Souza, José dos Santos Maria, Quintiliano Dantas da Silva, Feliciano José Maria, Francisco José do Rosário e José Luiz de Menezes (4 oficiais e 98 praças).

#### 4ª COMPANHIA

Capitão Antonio Pinto de Moraes Castro, comandante; tenente Arlindo Eduardo Camboim, alferes José Ferreira Nobre Pelinca e alferes Alexandre Hermógenes Ferreira da Silva.

1º Sargento José Amaro Dantas, 2º sargentos Melquisedeque Soares d'Azevedo e Raimundo Nonato Pinheiro de Freitas; furriel Marcolino Ferreira de Souza.

CABOS — João Pita Nepomuceno. Manoel Lins de Mendonça, José de Freitas Leitão, João Francisco Frutuoso, Felipe Neri d'Oliveira Gondim e José Felipe Raposo da Camara.

ANSPEÇADAS — José Lucas de Lima, Gabriel Távres de Lira, Vitor Antonio de Maria, Manoel Joaquim Galdino, Francisco Alves de Oliveira e Elias Francisco de Carvalho.

PRAÇAS — José Joaquim da Costa, Joaquim Justiniano Lopes Viegas (2º cadete), João Mateus da Rocha Bezerra (particular), João Batista d'Oliveira Monteiro Junior, Baltazar Mateus da Rocha Bezerra, Antonio Martins Gorreia, José Lucas Barbosa (particulares), Manoel Caetano de Maria, Manoel Antonio Maria de Oliveira, Manoel Antonio Maria, Manoel Francisco da Costa Travassos, Sebastião Ferreira Maciel d'Oliveira, Manoel Carlos d'Oliveira, Manoel Pinto Martins Sobrinho, Manoel Vicente Ferreira, Manoel José do Nascimento Junior, Manoel Francisco de Lima, Manoel Maria Soares, Manoel Fernandes de Souza, Manoel da Cunha Badejo, Marcelino de Sales Bezerra, João Francisco Cabral, João Emiliano de Souza, João Lunguinho Camarão, João Joaquim Maria Curçamba, João Cosme Teixeira, João Lourenço de Melo, João Francisco de Lira, João Ferreira do Nascimento, João Luciano de Maria, Bonifacio Martins Pereira, João Gonçalves de Souza, Joaquim Bernardino de Sant'Ana, José Martins da Trindade, José Maria Fernandes, José Maria de Figueiredo, José Malaquias de Figueiredo Maria, José Francisco de Lima, Cassiano Maria da Rocha, Pedro Carlos Cabral de Macedo, Isaias Pinheiro da Soledade, Francisco Pinagé d'Oliveira, Domingos José Leocadio, Teotonio Inácio Xavier Duarte, Luiz José da Cunha, Antonio Francisco de Andrade, Elisario Maria Pereira Gomes, Gonçalves José Maria, Bernardino Pedro de Souza, Antonio Joaquim Ribeiro, Francisco José de Oliveira, Domingos Professor de Freitas, Antonio Pereira do Carmo, Francisco Lopes Lobo, Francisco Antonio Maria, Cassiano José Pereira, José Pereira da Silva, Miguel Arcanjo



Simas, particulares Vicente Patricio Rodrigues da Costa, Amancio Dias do Nascimento, Antonio Valentim da Silva, Domingos José da Silva, Francisco Galdino da Silva e Epifanio Ferreira Passos.

AGREGADOS — 1º Sargento Alexandre Francisco da Costa Freire, e dito Severino Teixeira da Costa. 2os sargentos Joaquim Francisco da Silva, José Manoel Ramos Junior e Joaquim Antonio de Lima. Furriel Manoel Joaquim Salustiano da Silva. Cabo João Rodrigues Veras.

SOLDADOS — Belisario Fernandes Pimenta, João Fernandes Pimenta, Targino Firmiano da Silva, João Vicente da Silva, Manoel Gabriel de Faria, José Paulino da Rocha, José Joaquim dos Santos, João Felipe dos Santos, Cipriano Bezerra Lopes, João da Fonseca Varela, Manoel Januario Lopes Viegas, Antonio José de Souza, Eugenio Bispo do Nascimento, Bento José da Costa, Antonio Fernandes Pimenta, Cosme Borges de Araújo, Antonio Vieira da Silva, (4 oficiais e 104 praças).

---

OBSERVAÇÕES. — Ao lado do nome de João da Fonseca Varela: — “Filho legítimo de Manoel Varela Santiago, natural da Vila do Ceará-Mirim, Provincia do Rio Grande do Norte, idade 15 anos, solteiro, sem officio, côr branca, olhos pardos, rosto redondo, sem barba, com pés, 642 polegadas de altura (SIC). Em cumprimento da ordem do Exmº. Presidente da Provincia, em officio de seu Ajudante de Ordens, datado de 8 do corrente, assentou praça, na mesma data, e ficou pertencendo a esta Companhia como agregado.

—Para os sete que se seguem a João Varela, na folha de pagamento, houve igualmente autorização do Presidente da Provincia. Um deles, por exemplo, *era cego da vista esquerda*, Antonio Vieira da Silva.

—Cosme Borges de Araújo, de 24 anos, sapateiro, era de Paraíba, bem como Anacleto Ferreira Pessôa.

—Raimundo José Pereira e Rodrigo Pereira da Fonseca, agregados à 1ª Companhia, eram do Piauí.

— João Perceval Lins Caldas assentou praça no 2º Corpo de Voluntários de Pernambuco, com destino ao Rio Grande do Norte, apresentando-se em Natal no dia 29 de Maio de 1865, com guia daquêle.

— Há duas vias da folha de pagamento de Maio, datadas de Natal, 1º de Junho de 1865. O Batalhão embarcou a 9 do mesmo mês, não devendo ter havido quase nenhuma alteração entre a relação de mostra de Maio e a de Junho, que não foi por nós encontrada. Entre a 1ª. e a 2ª. via, há algumas diferenças devidas a equívocos do furriel, por exemplo: na 1ª, figura o 2º cadete João Carlos Pinheiros de *Vasconcelos*, e na 2ª., João Carlos Pinheiro *da Camara*.

— Segundo o presidente Olinto Meira, em seu officio de 12/5 ao M. da Guerra, o 1º Corpo embarcou com 25 Officiaes e 390 praças. Total 415. Por estes dados por nós conseguidos, encontrámos 22 Officiaes e 409 praças. Total 431.

## A VIAGEM

Zarpando de Natal em 9 de Junho de 1865, o JAGUARIBE chegou ao Recife no dia seguinte. Um rico negociante, José da Silva Loio, proprietário de um armazem de açúcar no cais do Forte do Matos, (1) recebeu o batalhão de potiguares, e ali ficaram êstes à espera de que se contratasse uma banda de música para os acompanhar até o quartel. Improvisadamente, o desinteressado anfitrião serviu “um almôço confortável e decente, sem estrondo nem aparato”, segundo informação do representante do “Jornal do Comercio” em Recife.

## NO RIO

A chegada à Côrte foi a 27 de Junho e se reves-

---

José da Silva Loio, Visconde de Silva Loio, em 15-3-1883, pelo rei de Portugal, nasceu na Freguesia de São Miguel, Bispado de Lamego, em 1819. filho de Manoel da Silva Loio e Maria Joaduina. Casou com a pernambucana Maria Mota Leal, nascida em 23-5-1823, segundo as notas genealógicas da familia Leal, que a Viscondessa de Odivelas publicou no Anuário Genealógico Latino, S. Paulo.

tiu de pompa. Os comprovincianos residentes na Capital do Império honraram a terra de seu berço. O Senador D. Manoel de Assis Mascarenhas e o deputado Moreira Brandão presidiram os festejos, desde o desembarque até o lauto banquete e a partida para o Sul. O banquete aos oficiais e cadetes teve brilho invulgar, e deu oportunidade a manifestações de patriotismo, prestigiando o nome da pequena e valorosa Província. Dele participaram os senadores Souza Franco, D. Manoel e Otoni. Uma banda de música animou a festa. Usaram a palavra os senadores Souza Franco, que presidiu o ágape; Teófilo Otoni e D. Manoel, tendo êste exalçado o Rio Grande do Norte, que se mostrava “ungido de verdadeiro entusiasmo e patriotismo”, e o deputado Moreira Brandão. A vitória brasileira em Riachuelo foi motivo para ardentes discursos. Fizeram-se ainda ouvir o comendador Sá Bezerra, o conselheiro Rafael Galvão, o tenente-coronel José da Costa Vilar, o padre Amaro Theot Castor Brasil, o dr. Evaristo (?), o major Vicente Lima, o Capitão Nobre Junior. Na reunião se teceram encômios ao civismo dos potiguares domiciliados na Côrte, porque sabiam estremecer a terra de seu nascimento, como, por exemplo, os Garcias, Galvões, Sá Bezerra, os Benevides (*Benevides Seabra de Melo*), os Câmaras, os Quaresmas (*Quaresma Torreão*) e Daniel Ferro Cardoso. De uma noticia paga no «Jornal do Comercio», reproduzimos os seguintes tôpicos:—

“A reunião se achou então deslumbrante. Aparece uma voz angelical: a Exma. Sra. D. Maria Isabel de Sá Bezerra, que ocupava um lugar à mesa, à direita de seu pai. E recitou:

Intrépidos voluntários  
Do Rio Grande do Norte  
Que em prol da Pátria amada,  
Ides afrontar a morte,

Bravos soldados que vindes

Lá da terra de meu Paí,  
Neste dia jubiloso  
Da filha um brinde aceitaí.

Tendes valor e coragem  
Buscai das armas a glória:  
Deus proteja vossos passos  
E vos dê feliz vitória.

E quando um dia voltardes  
Triunfantes, ó guerreiros!  
Ligue a história vossos nomes  
Aos dos heróis brasileiros.

Foi um retumbante êxito o daquela *Exma. Sra. D. Isabel*, que era apenas uma menina de 11 anos, mas o pernosticismo do tempo prescrevia o tratamento cerimoniático para as donzelas brancas, desde a infância.

No dia 2 de Julho, domingo, a colônia mandou ao quartel de Santo Antônio uma carroça de refrescos, charutos e cigarros para as praças.

Por ocasião da partida para Santa Catarina, os norte-riograndenses acompanharam o batalhão ao cais, e conseguiram que a melhor banda de música da Côrte, a do batalhão de Engenharia, o puxasse. Entre os comparecentes, estava a família do brigadeiro José Xavier Garcia de Almeida, antigo político na Provincia. O Imperador foi a bordo, bem como o Duque de Saxe, o Marquês de Caxias e os generais Polidoro e Lamego. O Soberano deu beija-mão. No dia 3/7, partiram para Santa Catarina os vapores JAGUARIBE, BRASIL e FALCÃO (êste também era conhecido pela denominação de CORÇA, que tomou, quando do seu fretamento pelo Govêrno), conduzindo o 28º de Voluntários e o 24º (da Bahia). Três dias depois estavam em Destêrro, onde ficou o 28º. Os bahianos proseguiram viagem para o Rio Grande do Sul, levando o FALCÃO mais o 19º. No dia 13, os navios regressaram a Destêrro.

## EM SANTA CATARINA

O 28º (11) deixou no Rio algumas praças enfêrmas. Chegando a Destêrro, baixaram à enfermaria 53 homens, dos quais alguns faleceram. O estado sanitário da tropa era o peor possível. O obituário subira de modo alarmante, na capital catarinense: do máximo de 39, passara, em Agosto, a 179. As moléstias que mais figuravam na estatística, eram sararopo, bexiga, disenteria e febre catarral, que não era senão a PNEUMONIA. Para resistir ao frio intensíssimo em todo o Sul, os pobres expedicionários dispunham de uma blusa de lá e calças brancas... Os nortistas foram as vítimas preferidas da febre catarral. O próprio Conde d'Eu, sucumbido aos mais confortáveis agasalhos, anotava o rigor da temperatura. No Hospital do Destêrro faleceram, entre outros, dois cadetes do 28º, filhos do tenente-coronel da Guarda Nacional do Rio Grande do Norte — Urbano Êgide da Silva Costa Albuquerque, irmãos da escritora Isabel Gondim: Luiz Gonzaga, a 2 de Agosto de 1865, e Urbano, a 8, ambos de pneumonia.

Em Destêrro, o 28º se alojou no Quartel da Praça do Palácio, que era excessivamente úmido. Chegou com a primitiva organização, que abrangia 4 Companhias. Foi ali reorganizado, ficando com 8 Companhias. Recebeu 75 homens do extinto Corpo Policial da Paraíba, que passou por uma verdadeira odisséia, juntamente com 300 homens da Guarda Nacional daquela Provincia, vítimas

---

(11) Ao partir do Rio Grande do Norte, o batalhão de voluntários ainda não tinha número. O Ajudante General do Exercito, pela O. do Dia nr. 459, de 5-7-1865, é que lhe atribuiu o nr. 28, quando já se encontrava de viagem para Santa Catarina, que era um grande depósito de tropas que aguardavam navio para o Sul. A O. do Dia 460, de 8-7 do mesmo ano, do Ajud. General, mandava seguir, "quanto antes" para o Rio G. do Sul vários corpos, entre os quais o 28º de Voluntários. Acrescentava ainda que "todos os contingentes de quaisquer fôrças que não estiverem completos, devem seguir, imediatamente, para a Provincia de Santa Catarina, afim de ali se instruirem, e depois terem o destino que se determinar".

de um sinistro marítimo. Elas faziam parte de um contingente comandado pelo heróico tenente-coronel e bacharel Luiz Inácio de Albuquerque Maranhão, embarcado na Paraíba, em Abril de 1865. Em 18 de Junho, partiu da Côrte, no vapor PEDRO II. Em alto mar, foi surpreendido, na costa de Santa Catarina, por um terrível temporal. Foi mister aliviar o navio: jogaram à agua as bagagens, apetrechos de guerra, armamento, munições, canastras, etc. Toda gente ficou com a *roupa do corpo*. Havia, além disto, falta de carvão. Na madrugada de 24/6, avistaram terra, e arribaram. Nesse mesmo dia, à tarde, o navio fundeou em Barra Velha, comarca de São Francisco. O GERENTE espalhou em Destêrro a noticia da desgraça, tendo o capitão dos Portos tomado as providências que se impunham. Um navio de guerra norte-americano, o WASSUCHETT, que estava até proibido de ancorar em nossos portos, por ter o seu comandante desrespeitado a nossa soberania, vistoriando uma embarcação nossa na Bahia, — teve levantada a interdição, e conduziu a todos para o Destêrro, rebocando o Pedro II, e ali chegou a 1º de Julho de 1865. Estas interdições que pesavam sôbre navios ianques, foram repetidas, pois, durante a guerra de Secessão, Federais e Confederados perseguiram os barcos adversos, considerando-os corsários, e, incidentemente, nas suas buscas, violavam o sêlo consular brasileiro ou faziam incursões em nossas aguas territoriais. Uma Ordem do Dia de 1865, do Ajudante General do Exército, vedava, por tais motivos, a entrada em portos do Brasil de qualquer embarcação do comandante James Wadel, do navio confederado SHENANDOAH.

O próprio tenente-coronel Albuquerque Maranhão escreveu uma carta ao "Desterrense", narrando suas desditas. Ninguém perdeu a vida no naufrágio. A tropa enfrentou decididamente as circunstâncias. O PEDRO II ficou em Destêrro, em consêrto. Foi então que chegou o novo presidente Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, cujo irmão, Pedro de Barros, governaria o Rio Grande do Norte, em 1869. Aquele navio foi fazer o transbordo da tropa que viajou com o presiden-

te, e mais a bagagem dêste, — quando bateu em uma pedra junto à Ilha do Carvão, abrindo um grande rombo à proa indo encalhar em frente ao lugar denominado PRAINHA, já cheio d'agua.

---

Também foram incluídos no 28º V. P. vários elementos do 25º de V. P., que se estava organizando em Santa Catarina. Vários Officiais do 25º e da fôrça paraibana foram incorporados ao 28º, entre êles os capitães Leopoldino Machado de Lima e Paulo José Lopes (25º), José da Silva Neves, tenente Manoel Marques Guimarães Junior, alferes Pedro Cezar Paes Barreto, Joaquim Ferreira Soares, tenente Francisco Gomes Monteiro de Melo, alferes Antonio Miguel Costa, Antonio Felix de Carvalho e José Maria Costa Matos (Corpo Policial da Paraíba). Paraibanos e catarinenses ficaram na 6ª. e 7ª. Companhias. A 8ª foi formada com soldados transferidos de outras. Potiguares e tabajaras se irmanaram, assim, sob o mesmo comando.

Na *relação de mostra* do 25º V. P. referente a JULHO de 1865, datada de Destêro, pudemos identificar os elementos do Corpo Policial da Paraíba: — Primeiros sargentos Ricardo Antonio da Silva Barros e Manoel Correia de Carvalho, segundos ditos Justino de Souza Leite, Torquato Honorato Roiz, João Eugenio Pereira de Melo e Francisco Leandro de Souza; furriéis José Luiz Pereira de Melo e Raimundo Gomes de Souza: CABOS André de Souza Neto, Honório José do Nascimento, Galdino Fernandes da Silva e Antonio José de Souza. SOLDADOS José Valentim de Almeida Pires, Francisco Antonio da Costa, João José Nepomuceno, Vitoriano Pereira do Montê, Aureliano da Silva Sales, Manoel Inacio Soares, Manoel Pedro da Cunha, Alexandre José Correia, José Marques d'Oliveira, João Manoel Soares do Rêgo, Manoel José Teodosio, Manoel Constâncio de Jesus, João Luiz Nogueira, João Soares da Silva d'Oliveira, Pedro José de Sales, Clementino Antonio Barbosa, José Pereira da Silva, Joaquim Damasceno, Arlindo Honorato Ro-

drigues, Laurindo Gomes Cardoso, Manoel Gomes Cardoso, José Felix da Silva, Herculano Manoel da Silva, Antonio José Correia, Simplicio Antonio do Carmo, Daniel Severino Roiz dos Santos, Emidio José de Carneiro, Martiniano de Ponte Mousinho, Brasilino José Francisco, Tomaz Antonio de Araújo, José Pedro da Cunha, Cândido José de França, José Antonio Pereira, Joaquim José Soares, Manoel dos Santos, Cosme Damião dos Santos, Joaquim Pereira de Santana, Antonio Janeiro, Raimundo José da Silva, Camilo José Joaquim, Serafim José de Santana, José Pereira de Almeida, José Joaquim do Nascimento, Francisco Coelho de Barros, Alexandrino Batis-ta de Melo, Avelino Ferreira d'Oliveira, Antonio André dos Santos, Antonio Laurêncio da Silva, José Francisco Xavier, Manoel Florêncio da Costa, Alexandre José de Santana, Manoel Joaquim da Costa, Manoel Felix Santiago, Severino José da Silva, Olimpio Jesuino Cavalcanti, Armelindo Francisco da Costa, Antonio Soares das Neves, João Alves Bezerra, Manoel Freire da Silva, Braz da Mata, Manoel José Correia, Felipe José da Silva, Amaro de Sena e Leôncio José Correia. (76 praças).

Aos 11 de Agosto de 1865, o 28º V. P. viajava para o Rio Grande do Sul, com um efetivo de 620 homes. Em Setembro baixava a 530.

Naquela provincia, eram ativissimos os preparativos para o assalto a Uruguaiana. O Imperador já havia chegado (passára em Destêrro quando o 28º lá estava. Não desembarcou, decepcionando a população). 18.000 aliados se movimentavam para resgatar a Vila ocupada pelos paraguaios, o 28º de Voluntários foi incluído na Brigada do Coronel Higino José Coelho. Em 7 de Setembro, o 32º B. de Linha, o 24º de Guardas-Nacionais, e os de nrs. 8, 24, 25, 28, 30 e 33 de Voluntários marcharam de Cachoeira, mas, em apenas 11 dias, não poderiam vencer as 90 leguas que iam até Uruguaiana. Quando se deu a rendição do inimigo ali, em 18 de Setembro de 1865, o nosso 28º não estava presente. Estava sim, o 28º de Provisórios de Cavalaria da Guarda Nacional.



Depois que o invasar se rendeu à discrição, novas medidas foram adotadas para o prosseguimento da guerra. Alguns corpos foram dissolvidos, entre eles o dos norte-riograndenses, na conformidade da O. do Dia nr. 5, do Tenente-General Barão de Porto Alegre, comandante-Chefe das operações na Província de S. Pedro do Sul, datada de 1º de Janeiro de 1866: — “São, nesta data, extintos os Corpos de Voluntários da Pátria de nrs. 23 (*Bahia*), e 28º, de acôrdo com a autorização conferida por aviso do Ministério da Guerra, de 29 de Outubro p. passado, ao Exm.º Sr. General-em-Chefe, sendo os srs. Officiais e praças de pré distribuídos pelos Corpos nrs. 29º (*Bahia*), 32 (*Côrte*), 34 (*Pará*) e 36 (*Maranhão*).

Outra O. do Dia determinava que as bandeiras fossem recolhidas ao Depósito, salvo as que houvessem sido confiadas aos soldados.

## O 2.º CORPO

Soube-se, em Natal, da rendição dos paraguaios em Uruguaiana, pelo TOCANTINS, em 16 de Outubro 1865. Em meio de contentamento geral, houve arengas ao povo, passeatas, etc. Como que para comemorar condignamente o fato auspicioso, entrava em Natal, em 17, um contingente de Voluntários que o Padre Joaquim Severiano Ribeiro Dantas organizára em S. José e adjacências. Foram recebidos com foguetes e música, nas raias da Cidade. Já se estava levantando o 2º Corpo de Voluntários do Rio Grande do Norte, de que fala Olinto Meira, em sua comunicação ao Ministro da Guerra. Em Dezembro de 1865, seguiram para a Côrte 18 Officiais, inclusive o major em comissão José Bento Alvares, reformado do Exército, e 194 praças de pré. Desse Corpo fazia parte o contingente do Padre Severiano e o do capitão José Bernardo de Medeiros. (12) Esse 2º Corpo, que não me-

---

(12) O escritor José Augusto, na “Revista do Instituto H. e Geográfico do Rio Grande do Norte,” volume 34-35 (1935-1937), revela passagem do “Diário” de seu avô, o senador José Bernardo de Medeiros, que mobilizou sertanejos para a guerra, a pedido do presidente Olinto Meira.

recia tão pomposo nome, chegou ao Rio pelo TOCANTINS, e foi incorporado ao 55º V. P., do Piauí, sob o comando do tenente-coronel Pacífico da Silva Castelo Branco, segundo a O. do Dia nr. 492, de 4 de Janeiro de 1866, do Ajudante-General do Exército. Em 30 de Dezembro de 1865, já havia partido com o 55º, no VIPER, para o Rio da Prata. Muitos oficiais foram dispensados no Rio, por haver número excessivo de Officiais da G. Nacional no Exército em operações.

Na pasta 343 do Arquivo da Sub-Diretoria de Fundos do Exército, encontramos a folha de pagamento de Janeiro de 1866 do 55º V. P., e nela pudemos anotar os seguintes nomes de Officiais e soldados do 2º Corpo do Rio Grande do Norte:—

Fiscal — Major de comissão José Bento Alvares; tenentes Antonio Primeiro Pedrosa Galvão e Manoel Cornelio Barbosa Cordeiro; alferes Luiz José de Serra, Vicente Ferreira Alvares Junior, Xisto Batista Vieira, padre Capelão Joaquim Severiano Ribeiro Dantas.

Segundos-Sargentos Joaquim Antonio do Rêgo, Juvêncio Barbosa Nogueira e José Inacio Barbosa.

Furriel Manoel Alves de Moura.

CABOS — Benedito Pereira de Castro, José Antonio de Souza, Francisco Eloi de Moura, Paulino Martins de Souza, Candido Dias de Souza, João da Mata Pereira de Maria, Bento José do Monte, Angelo da Costa Lima, Justino José de Souza, Manoel Hipólito Dantas de Maria, Crispiniano Pinheiro de Maria, Antonio Joaquim do Nascimento e Sebastião José de Souza.

SOLDADOS — Manoel João do Espírito Santo, Atanasio de Souza Carneiro, Antonio Alves do Nascimento, Manoel Moreira da Cruz, Guilherme Ferreira da Silva, Antonio Luiz Gonçalves de Oliveira, Antonio José de Souza, Claudio Fernandes de Souza, Feliz José do Nascimento, Francisco José da Rocha, Francisco José Viêira, Hermenegildo Ribeiro de Matos, José Ferreira de Lima, José Francisco de Lima, José Pereira da Silva, João Rodrigues de Lorena, João Francisco de Oliveira, José Ma-

noel das Chagas, José Francisco de Oliveira, Luciano Pereira de Oliveira, Alexandrino Pereira, Baltazar d'Almeida Brandão, Belisário Firmino da Silva, Ezequiel Pereira Barbosa, Fabricio José da Costa, Francisco José da Silva, Francisco Alves Pereira, Higino d'Almeida Brandão, Herculano José Camilo, Jacó Barbosa dos Santos, José Ferreira do Nascimento, Januário Ferreira de Santana, João Pereira da Silva, Miguel Alves Pereira, Manoel Pereira da Costa, Manoel Vicente da Silva, Manoel Luiz Pereira da Silva, Policarpo Rodrigues da Silva, Pedro Nicolau da Silva Cunha, Serafim Alves Pereira, João Dias da Silva, Claro José Ferreira, Silverio Vieira de Souza, Salustiano José Barbosa, Joaquim José Teixeira, Izaías Martins Ferreira, Manoel Rufino de Souza, José Rodrigues Pereira, Cipriano Raimundo Coelho de Souza, Luiz Miguel dos Anjos, Ricardo de Souza Sotero, Inacio Bispo, Mariano Lopes de Lima, Norberto Bispo Rey Professor, Doroteu José Francisco, Manoel Lopes de Souza, Antonio Lopes d'Oliveira, Luiz José, Manoel Alves Vieira, José Anselmo Cavalcanti, José Gomes dos Santos, Martiniano Muniz dos Santos, Doroteu José Bezerra, Bernardino de Sena d'Oliveira, José Borges da Rocha Soares, Francisco Rodrigues Soares, Mamedio da Costa, Joaquim José de Oliveira, Manoel José Camilo, José Antonio de Araújo, Gonçalo Marques de Carvalho, Arnaldo da Cunha Oliveira, Vitalino José do Nascimento, Antonio de Souza Barbosa, Vicente José Ribeiro, Justino Barbosa da Silva, Manoel do Nascimento, Raimundo Luiz Duarte, Januario José da Gama, José Galdino Vieira de Souza, Raimundo Francisco Xavier, João Francisco Duarte, Bernardino Alves Ferreira, Manoel Izídio Dias do Nascimento, Manoel José da Silva, Gonçalo Dias dos Santos, Delmiro Manoel do Nascimento, Luiz Rodrigues Coelho, Antonio da Rosa Lima, Delfino Barbosa de Miranda, João Francisco de Oliveira, Leoncio José de Souza, Vitoriano Mendes Pereira, Francisco de Oliveira, Leoncio José de Souza, Vitoriano Mendes Pereira, Marcos Francisco da Purificação, Clemente Ferreira Duarte, Inocencio José dos Reis, João Francisco Vieira, Manoel Lau-

rindo do Nascimento, Tomaz Gomes de Lacerda, João da Rocha Soares, Luiz José da Silva, José Clementino dos Santos, Serafim Pereira da Silva, Antonio Joaquim de Oliveira, Joaquim Francisco de Lima, Joaquim Barbosa dos Santos, Pedro Paulo dos Santos, Gabriel Arcaujo Gertrudes, José Francisco Xavier, José Francisco Nogueira, Manoel Domingos da Rocha, Benedito Joaquim da Costa, Manoel Simas Barbosa, Antonio Cosme José dos Santos, Raimundo José da Costa, Cipriano Gomes da Silva, Manoel Fidelis d'Azevedo, Manoel Francisco Alves, Pedro Cosme da Rocha, Galdino Rodrigues da Cruz, Vicente Valente de Maria, Francisco José d'Andrade, Manoel Epifanio da Silva, Gonçalo José Cardoso, José Tomaz d'Araújo, Bernardino José de Maria, Martiniano Ferreira dos Santos, José Antonio d'Araújo, Luciano Augusto Bezerra, Antonio Alexandrino Gomes de Moura, Inacio Cardoso da Fonseca, Sebastião Pereira Veloso, Cipriano Pedro da Silva, Silvestre Augusto de Santana, José Bernardo de Maria, José Laurentino Liberato, José Gomes Ferreira, Antonio José da Fonseca, Antonio Francisco de Sales, João Francisco da Costa, João Luiz de Santana, Jeronimo da Paz do Nascimento, Joaquim José do Nascimento, João Rodrigues da Silva, Manoel Batista de Almeida, Miguel Dias da Rocha, Firmino Cândido da Silva, Jorge José de Santana, Rufino Gomes Marinho, João Francisco do Nascimento, Jacó Francisco da Costa Feitosa, Vicente Ribeiro d'Azevedo, Manoel Soares de Macedo, Manoel Nunes da Silva, Manoel Joaquim de Aguiar, Manoel Maciel de Medeiros, Joaquim Francisco de Macedo, Manoel Freire de Revorêdo, (13), Manoel Luiz da Silva, Reinaldo Vieira da Silva, Domingos Pereira Soares, Tiburcio Francisco dos Santos, Miguel Lucas Baracho, Laurentino José d'Araújo, Inácio Vieira dos Santos, Joaquim José de Santana Barros, Cassimiro José dos Anjos, João José de Lemos Carneiro, José Joaquim da Camara, Antonio Amâncio de Lima, Joaquim Fernandes da Silva, Ci-

---

(13) Parente da escritora Nisia Floresta Brasileira Augusta. Ficou doente em Santa Catarina.

priano Pereira da Silva, Manoel Bezerra do Nascimento, Francisco Acioli de Melo, Vicente João Evangelista, Ma-Manoel Leogedes Dantas, Pedro José Alexandrino, João Francisco de Melo, Francisco Lopes Soares, José Paulino da Rocha e Francisco José Braz de Souza Rangel. (14) Total: 7 Oficiais e 199 praças.

No Governo Olinto Meira, ainda foram encaminhados centenas de expedicionários, em pequenas remessas. Não tinham as autoridades locais paciência para reter os pequenos grupos, afim de se organizarem novos Corpos, com numeração e comando próprios. O que sucedeu foi que o Rio Grande do Norte forneceu 2.200 homens para a guerra, mas o seu imenso esforço serviu para dar prestígio a outras unidades, que aparecem hoje na história como tenho concorrido com um número de soldados muito acima de realidade. A mesma coisa se fez com a Paraíba, com o Piauí, Sergipe, etc. Deram milhares de seus filhos, que foram apenas engrossar os batalhões da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul. Os nossos 2.200 foram reduzidos a 1.311 nos mapas mandados levantar pelo Ministro Nogueira Jaguaribe, de onde o general Tasso Fragoso extraiu as cifras que publica no Vol. V da sua monumental *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Dir-se-á que tudo é Brasil, diante de cujos interesses supremos devem emudecer as vaidades locais. Não se trata, porém, de vaidades, e sim do direito das pequenas e desamparadas Províncias de figurarem nos fastos nacionais com o seu verdadeiro merecimento, em igualdade de condições com as províncias poderosas.

No seu Relatório anexo à FALA do Presidente Luiz

---

(14) Nas folhas de Janeiro de 1866, os contingentes do Piauí e do Maranhão se acham bem discriminados, com a indicação da Província em que os soldados embarcaram. Quanto aos do Rio Grande do Norte, que estavam no Rio, há esta "observação" para cada um: "Embarcou na Côte, em Dezembro p. p. Desembarcou em Corrientes. em 21-1-1866", ou em Santa Catarina, Montevideo, Buenos Ayres, com baixa ao Hospital. Não incluímos os nomes dos adidos, porque não pertencem ao 55º, e seguíam para suas unidades "encostados" ao 55º.

Barbosa da Silva (1866), ao lhe transmitir a administração, Olinto Meira dá os seguintes algarismos representativos da nossa contribuição em homens para a defesa da Pátria, até Agosto de 1866:—

	OFICIAIS	PRAÇAS	TOTAL
V. da Pátria	22	613	635
G. Nacionais	23	265	28
1ª Linha	12	408 (recrutas)	420
Voluntarios	—	24	24
Recrutados	—	100	100
	<u>57</u>	<u>1410</u>	<u>1467</u>

## NO GOVÊRNO LUIS BARBOSA DA SILVA

O sucessor de Olinto Meira governou apenas oito meses, tudo mandado 235 praças, e deixado, aguardando embarque, 71. Os 124 homens alistados pelo deputado Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti devem ser levados a seu favor, pois já estavam nas fileiras quando ocorreu a mudança do presidente. Seu esforço de guerra é, pois, expresso por 430 conscritos.

## O PRESIDENTE GUSTAVO ADOLFO DE SA

Sucessor de Luiz Barbosa da Silva, não podia fazer mais quase nada para agravar o sacrificio da Provincia, que estava exangue. Mesmo assim, ainda seguiram aos poucos, em 14 meses e meio de administração, cêrca de 300 homens.

Em verdade, êle não se interessara muito pelo assunto. A guerra, para muitos, passara à categoria de fato corriqueiro. Nas suas FALAS guardou impenetrável silêncio em tôrno da marcha das operações. É inconcebível que, em suas páginas, não houvesse lugar para duas palavras sôbre a guerra. Em compensação, excedeu-se em eloquência para celebrar o nascimento de mais um prin-

cipe da Família Imperial. Para êle, talvez fosse mais notável que o conflito com o Paraguai o advento do 2º filho da Princesa Leopoldina,—D. Augusto Leopoldo, em 6 de Dezembro de 1867. Foi êste o mesmo Príncipe que a proclamação da República encontrou official de Marinha, nos mares da China, no navio-escola «Almirante Barroso», e ali mesmo ignominiosamente desembarcado, só porque era neto do magnânimo Imperador destronado. Tanto zêlo pelo novo regime por insinuação de Custodio de Melo, ansioso por demonstrar *serviços* aos novos dominadores. Pouco faltou para que o jogassem ao mar!

Quebrando o tédio que envolvia a cidade modorrenta, Gustavo Adolfo de Sá (15) resolveu festejar a vinda ao mundo de mais um brasileiro de sangue azul. O «Correio Natalense» esmerou-se em registrar o acontecimento com frases buriladas. Luminárias. A banda de música da Policia subiu e desceu ruas, arrastando o indefectível molecório. Diante do Palácio, executou o hino nacional. S. Ex. appareceu e gritou os VIVAS da pragmática. Depois, recebeu cumprimentos das autoridades, funcionários e dos áulicos proverbiais, solícitos em patentear sua fidelidade aos principios monárquicos. Para dar um remate de gôsto ao júbilo universal, S Ex. ofereceu uma animada “partida”. Êle e Sra. recepcionavam a sociedade em Palácio, às 5as. e domingos. O governador Alberto Maranhão, mais de 40 anos depois, proporcionava música fina aos natalenses, às 5as. feiras, com professores como Nicolino Milano, Babini e Massú.

No govêrno de Luiz Barbosa da Silva, o deputado geral Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti, chefe liberal

---

(15) Em 3 de Abril de 1870, para solenizar o fim da guerra, o Partido Liberal da Bahia prestou estrondosa homenagem ao Conselheiro José Antonio Saraiva, em seu engenho. Um dos oradores foi o ex-presidente do Rio Grande do Norte, que via no estadista aclamado o “diplomata que ensinou aos governos que nos insultaram, a soletrar, em cada estampido dos canhões imperiais, uma silaba de desafronta dos nossos brios vilipendiados”. (Rev. do Inst. Hist. da Bahia, nr. 72).

na Província, ofereceu seus serviços ao País, para seguir para a frente de batalha. Deitou um manifesto cheio de ardor patriótico, para encorajar os norte-riograndenses, concitando-os a que se apresentassem para a guerra. O dr. Amaro Bezerra, pernambucano, radicado no Rio Grande do Norte, era um homem de partido, com muitos defeitos e grandes qualidades, prestigioso na sua terra adoptiva, que representou em várias legislaturas. Seu oferecimento não foi aceito, pois se tratava de um deputado geral, isento do serviço militar. Êle, porém, não se deu por vencido: fez longa viagem, por cinco meses, pela zona Oeste da Província, onde fôra magistrado e onde gozava de fundas dedicações. Todas as despesas pessoais correram por sua conta. O presidente Luiz Barbosa da Silva pôs à sua disposição o tenente-coronel da Guarda Nacional Manoel André Torres Galvão. Engajou êle 54 sertanejos. Em Natal, êle e seus amigos ainda alistaram 70, totalizando 124, quatro dos quais ficaram enfermos em Natal, e 120 embarcaram em sua companhia, a 8 de Junho de 1867, no CRUZEIRO do SUL. Saiu êsse contingente do Quartel de Linha, seguido de compacta multidão. O Presidente Gustavo Adolfo tomou parte no cortejo, até o Cais da Alfândega. Entre os que viajavam se contava o 2º sargento Joaquim Açucena Soares da Camara, filho do poeta Lourival Açucena, — o mesmo menino vestido de Índio que simbolizava o Brasil, no prêstito cívico de 9/6/1865, por ocasião do embarque do 28º V. P. — No Rio, foram novamente submetidos á inspecção médica, tendo sido desligados, por incapacidade física, os seguintes do Rio Grande do Norte: 1º sargento Lucio Elpidio Pereira do Lago, segundos ditos Joaquim Açucena Soares da Camara (16) e Raimundo Pinheiro Ferreira de

---

(16) Ê o mesmo professor Joaquim Lourival Soares da Camara, cujo centenário transcorreu em 19 de Setembro de 1949. Foi um benemérito cronista de Natal, conhecedor das tradições locais, sabendo, como ninguém, relatar a história de cada pedra da cidade, com uma graça tão sua, e uma exatidão inexcêdível. Devido a uma representação teatral de amadores, uma comédia, de que participou, no papel de moço



Lima, cabo Lucio Cavalcanti de Albuquerque e recrutas André Avelino de Lima, Joaquim José Jeronimo, Luiz Francisco de Lira, Bento José Martins, João Vicente do Nascimento, Manoel Luiz Figueira e Bernardino José da Silva.

## RESUMO

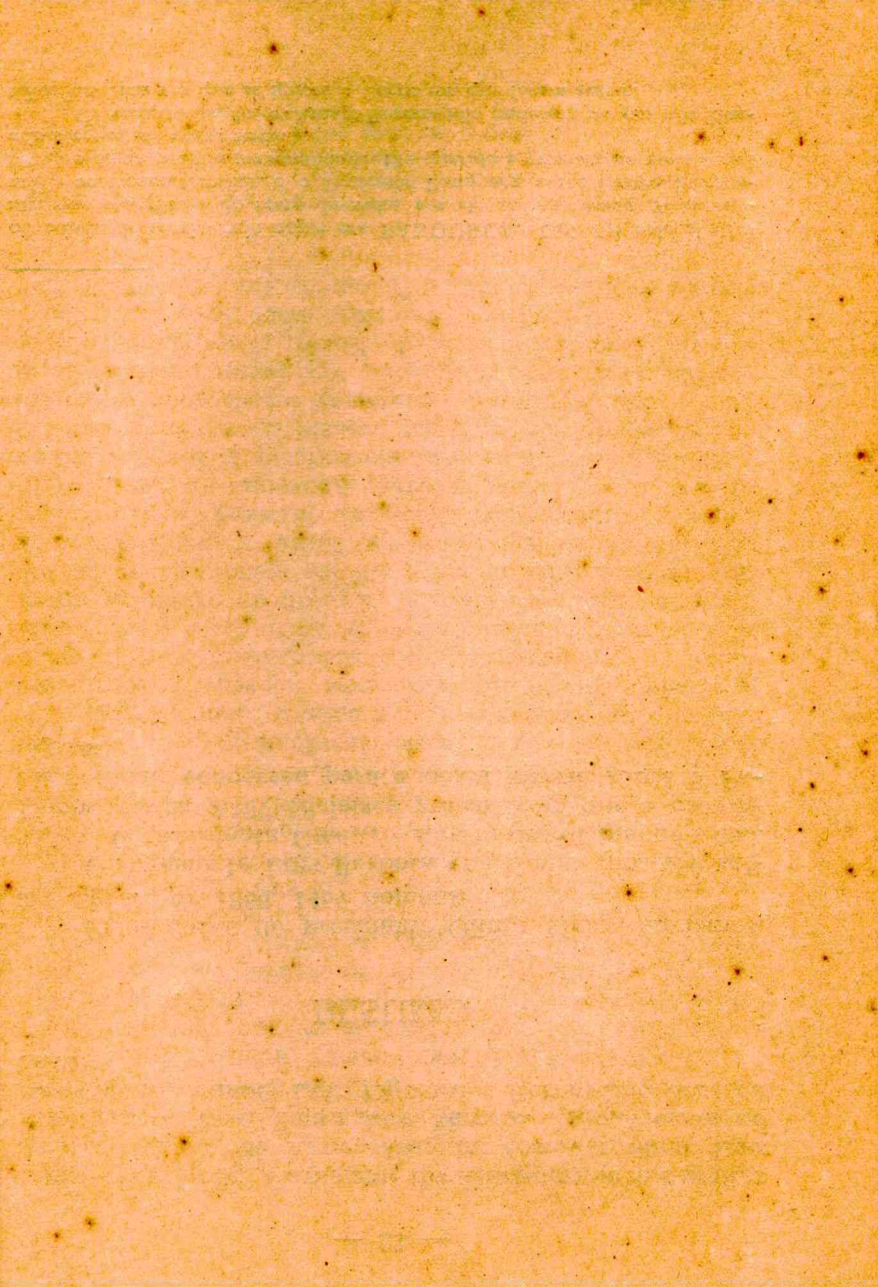
Pelos dados do presidente Olinto Meira, enviámos, até Agosto de 1866, 1467 homens.

O presidente Luiz Barbosa contribuiu com 430 soldados. O presidente Gustavo Adolfo de Sá mandou 300. Temos, assim, 2.197 oficiais e praças, com que a provincia potiguar concorreu para a nossa vitória sôbre o Paraguai.

---

ou criado de servir, cujo nome era PANQUECA. Daí lhe veio a alcuha que o seguiu todo resto da vida, e a ela se acostumou. A antonomásia se tornou familiar, e o Professor Panqueca a fez illustre, incorporando-a à sua própria personalidade, tão querida e evocada no meio social e intelectual de nossa terra.

Os voluntários do dr. Amaro Bezerra não puderam ser por nós identificados, uma vez que se ignora o Corpo em que foram servir.



### III

## OS OFICIAIS

Procuraremos dar uma rápida notícia sobre todos os oficiais que partiram do Rio Grande do Norte para a frente. Começaremos pelos que fizeram parte do 28º Corpo de Voluntários da Pátria, e depois nos ocuparemos dos que seguirem com outros contingentes e dos que foram conquistando os galões nos campos de batalha. Dedicaremos igualmente atenção a quantos oficiais norte-riograndenses serviram na guerra, mesmo que não tenham pertencido a unidades originárias daquela Província. Encontrámos dificuldades enormes para conseguir os escassos apontamentos que se seguem. Tivemos que joeirar informações através do noticiário dos jornais, das Ordens do Dia, fés-de-officio e testemunho de quem os conheceu. Mesmo assim, a nossa relação é incompleta. Em todo o caso, é única. Anteriormente, não houve esforços bem sucedidos para salvar do olvido os nomes de muitos que nela figuraram. As Ordens do Dia do Ajudante General do Exército publicavam as nomeações de todos os oficiais para os corpos de Voluntários. Quanto aos do 28º V. P., houve exceção. Foram designados pelo Presidente Olinto Meira, dentro de sua competência, porque, nas Províncias, a Guarda Nacional dependia dos respectivos Presidentes. Pelo "Jornal do Comercio" de 4 de Junho de 1865, é que se vem a saber quais os oficiais nomeados, conforme comunicação do correspondente Joaquim Guilherme de Souza Caldas. No extenso officio de 12 de Maio de 1866, se encontram amplos elementos a respeito, mas esse documento, dirigido pelo Presidente da Província ao Ministro da Guerra, esteve desaparecido durante 73 anos. Seu teor só agora foi revelado, atra-

vés da cópia guardada no Arquivo da Secretaria Geral do Estado do Rio Grande do Norte, e graças à boa vontade dos nossos confrades, drs. Anfilóquio e Lélío Camara, antigos Secretários Gerais, e aquele foi o reorganizador do Arquivo, no govêrno José Augusto (1924-1927). Eles é que, para colaborar nesta obra de justiça e resurreição, deram minuciosa busca em maços, pastas e latas, e encontraram o officio precioso, cujo original não foi publicado no Rio, nem mesmo no "Diario Oficial do Império", e não consta do Arquivo da Secretaria Geral do Ministério da Guerra (17).

## 28° C. DE V. DA PÁTRIA

1 — COMANDANTE. — Tenente-Coronel da Guarda Nacional JOSÉ DA COSTA VILAR. — Era norte-riograndense, nascido em 1820, agricultor em Canguaretama. O Conde d'Eu, referindo-se ao 28° V. P., escreveu: «Tambem observei que poucos officiais moços se encontravam entre eles, têm quase todos a barba grisalha (no exército brasileiro o regulamento manda usar a barba toda). *O tenente-coronel comandante tem o cabelo todo branco*" (18) Foi político militante no antigo regime e na República. Fez parte da Assembléia Provincial, nos biênios de 1862-1865 e 1886-1887. Foi Presidente da Intendên-

---

(17) Pelas fartas informações que contém, embora prejudicadas pela falta de método do amanuense que a redigiu, tal peça merece conhecida dos estudiosos do passado. — N. 265-bis. 2ª Seção. Rio Grande do Norte. — Palacio do Govêrno, 12 de Maio de 1866. Ilmº e Exmo Sr. — É somente agora que posso dar cumprimento ao aviso circular de 28 de Dezembro último, no qual V. Ex. determina-me que remeta mapas, conforme os modelos juntos, do pessoal e material do Exército, relativos ao tempo decorrido desde a organização das forças para a presente guerra, até o último do dito mês de Dezembro, sendo esses mapas acompanhados de um relatório, que, minuciosa e circunstanciadamente, dê os diversos esclarecimentos sôbre esse objeto. A demora que houve em me serem prestadas as informações necessárias, para cuja exatidão se

(18) CONDE d'EU. — Viagem Militar ao Rio Grande do Sul.  
Pg. 18.

cia (Prefeito) de seu municipio, em 1890. Em Uruguaiana, com a dissolução do 23º V. P., seu efetivo distribuido por outras unidades, foram dispensados os seus serviços. (O. Dia do Aj. Gen. do Ex., nr. 510, de 24/3/1866, aprovando o ato do comandante do 2º Corpo do Exército em operações, Barão de Porto Alegre). Segundo informações de seu bisneto, jornalista Orlando Ribeiro Dantas, diretor do «Diario de Noticias», faleceu em 11 de Fevereiro de 1895, em virtude de um accidente. Percorrendo sua propriedade agricola, em Canguaretama, dispôs-se a fumar. Usava, como todos quantos cavalgam habitualmente, vozes onomatopaicas e sinais interjectivos, para incitar a alimária, moderar-lhe a marcha, estacar, etc. Afim de acender o cigarro, largou as rédeas, riscando o fósforo, e, protegendo a chama com as mãos em concha, roncou o grito para a montada. Por desgraça, em vez de dar o sinal de parar, deu, distraidamente, outro, de galopar, e o resultado é que, disparando, o animal foi arrebentar a cabeça do cavaleiro de encontro a uma árvore.

2 — VICENTE FERREIRA LIMA. — Tenente do Exército. — Major Fiscal, em comissão. (O posto de Fiscal dos Corpos de Voluntários era exercido por officiais do Exército). Exerceu estas funções somente até 18 de Julho de 1865, quando, em Santa Catarina, o substituiu o ma-

---

fazia preciso acurado exame, explica o retardamento de minha parte na execução das ordens contidas no citado aviso. Conquanto dos mapas juntos, sob nrs. 1 a 6, conste todo o movimento do pessoal e material do Exército, durante o periodo indicado, julgo conveniente fazer a seguinte exposição, a mais minuciosa que é possível, relativamente ao pessoal que existia, entrou e saiu, dando conta circunstanciada de tudo quanto ocorreu.

EXISTIAM em Dezembro de 1864 — Um Official do Estado Maior de 2ª classe Tenente Vicente Ferreira Lima, que exercia o lugar de Ajudante de ordens. Cinco Officiaes do corpo de saúde, a saber:— 1º cirurgião José Joaquim Machado; 2º dito Vicente Inácio Pereira; 3º dito Manoel Bernardino Bolivar; 4º dito Firmino José Dória. Alferes farmaceutico-Amintas Silvano de Brito.—Um da Repartição Eclesiástica, o capelão alferes Tomaz Antonio de Moraes Castro. Quatro officiaes e 91 praças da Companhia de Caçadores de 1ª Linha, sendo aqueles o Capitão

por José Ângelo de Moraes Rêgo. Passou, então, a comandar, comissionado em capitão, a 8<sup>a</sup>. Companhia. Reformado por Dec. de 30/3/1866, foi dispensado do posto em comissão, em Abril de 1866. Após a reforma, foi aproveitado, no Rio Grande do Norte, como instrutor de recrutas e alistador, acumulando estes encargos com o de Ajudante de Ordens do Presidente Luiz Barbosa da Silva e Secretário Militar da Província. Tendo obtido permissão para ir residir no Rio Grande do Sul, o Presidente o demoveu dêste propósito, para não perder a sua colaboração.

3 — BALTAZAR DA ROCHA BEZERRA CAVALCANTI. — Tenente Quartel-Mestre. Foi-lhe concedida dispensa do serviço do Exército, em O. do Dia nr. 473, de 5 de Setembro de 1865, do Aj. Gen. do Ex.

4 — JOAQUIM TORQUATO PINHEIRO DA CAMARA. — 1<sup>o</sup> Cadete. — Alferes-Ajudante. — Com o desparecimento do 28<sup>o</sup>, passou para o 34<sup>o</sup> (Pará). Portou-se como um bravo, em CURUZU, a 3 de Setembro de 1866. Citado pelo Comandante do 34<sup>o</sup>, major Francisco de Lima e Silva, na parte em que comunicou ao Comte. do 2.º Corpo do Exército as ocorrências daquele combate. (O. do Dia 87, do General Barão de Porto Alegre, de 14/9/1866). Foi Ajudante do E. Maior do 34<sup>o</sup> V. P., nomeado

---

João Batista do Rêgo Barros Cava'canti de Albuquerque; Tenente José Lázaro Monteiro de Melo; Alferes Galdino Câncio de Vasconcelos Monteiro; Dito Francisco Antonio de Deus e Costa.

ENTRARAM de Janeiro a Junho de 1865—Quatrocentos e trinta e cinco Voluntários da Pátria. O Padre Amaro Theot Castor Brasil, que se ofereceu para servir no Corpo.—Cento e noventa e três praças de pré de diferentes batalhões da Guarda Nacional da Província.—Quinze Officiais da mesma Guarda, dos quais se haviam oferecido 11 para servir no Corpo de Voluntários da Pátria e um foi designado, o capitão Fócio Joaquim do Rêgo Barros. Um Oficial reformado do Exército, o capitão José Bento Alvares, que ofereceu os seus serviços para a guerra: em Maio. Cento e quarenta e nove praças de pré para o Exercito, entre voluntários e recrutas Passaram a servir, em comissão, no Corpo de Voluntários da Pátria, por se haverem oferecido: — Tenente Vicente Ferreira Lima, promovido a Major, e o 1<sup>o</sup> cadete Joaquim Tor-

em Fevereiro de 1866. Anteriormente, era agregado ao 47º (Paraíba). Faleceu de cólera-morbo, em 17 de Abril de 1867, em campanha. Era o filho mais velho do tenente-coronel Bonifacio Francisco Pinheiro da Camara, chefe do Partido Conservador na Provincia e comandante Superior da G. Nacional.

5 — PONCIANO BISNETO FERREIRA SOUTO. — 1.º Cadete. Alferes-Secretário. Nomeado Tenente em comissão, a partir de 4/9/1866 (O. Dia 91, do Visc. de Porto Alegre, de 20/10/1866, em virtude de se “haver portado com toda a coragem”, no combate de 3/9/1866, assalto de CURUZÚ, integrando o 47º V. P.)— Nomeado Capitão em comissão do 47º (O. D. 56, de 18/3/1867). Foi-lhe conferida a medalha do Mérito Militar, pelos combates de 6, 11 e 21 de Dezembro de 1868 (DEZEMBADA). Ferido em combate, no dia 21/12/1868, fazendo parte do 54º V. P.— Serviu como Alferes-Secretário do 29º e do 47º (adido), da Paraíba. Seu nome ora se encontra escrito Ponciano BISNETO, ora Ponciano BARRETO Ferreira Souto. Na sua nomeação para o 28º V. P., se lê BISNETO. Em outros documentos constantemente se verifica o engano: BARRETO. Em verdade se trata da mesma pessoa. Seu nome exato era Ponciano BISNETO, como foi batizado, em lembrança do bisavô PONCIANO Barbalho Bezerra: Durante pouco tempo foi Capitão da Po-

---

quato Pinheiro da Camara, como Alferes-Ajudante; o 1º cadete Francisco Victor da Fonseca e Silva, que, tendo assentado praça na Companhia de Caçadores, com destino à guerra, depois pediu passagem para o Corpo de Voluntários, aonde tinha um irmão, foi atendido e efetuou-se a passagem.

Foram nomeados Officiaes em comissão 12 Voluntários da Pátria, que são os seguintes:— Baltazar da Rocha Bezerra Cavalcanti, tenente quartel-mestre; padre Amaro Theot Castor Brasil, capelão alferes; Ponciano Bisneto Ferreira Souto, alferes secretário; José Getulio Teixeira de Moura, Alferes de Companhia; João Capistrano Pereira Pinto, Manoel Martins Correia e Castro, Ulisses Olegario Lins Caldas, Manoel Barbalho Bezerra, José Ferreira Nobre Pelinca, Alexandre Hermógenes Ferreira da Silva, Manoel Ramos de Oliveira Coelho e Joaquim Castriano de Brito—Idem.

Foram promovidos, em comissão, para servirem no 1º Corpo de

licia do R. G. do Norte. De acordo com a informação do historiador Nestor Lima, seu sobrinho, nasceu em 1845, rio Açú, irmão do jornalista Elias Souto e do escritor José Leão Ferreira Souto. Foi tabelião em Bananal. Deputado Provincial no R. G. do Norte, em 1874-75, e 1876-77, substituindo o Pai, Cel. Luiz Antonio Ferreira Souto, falecido em 1874. Ponciano Bisneto finou-se em Angra dos Reis, Provincia do Rio, aos 6 de Outubro de 1886.

6 — Padre AMARO THEOT CASTOR BRASIL. — Alferes-Capelão.

Em O. do Dia nr. 152, de 9/11/1867, datada do Q. General de Tuiu-Cuê, o Marquês de Caxias o cita pela maneira como cumpriu o seu dever, no combate de Potrero-Ovelha, em 28/10/1867. — Dispensado do serviço do Exército no fim da guerra, a 6 de Janeiro de 1870, por enfermidade, tendo seguido para o Rio. Esteve na guerra com dois irmãos. Natural de Campo Grande (Augusto Severo). Voltou ao R. G. do Norte, tendo sido Vigário de Caicó, desde 1885 até 1894. No "Jornal do Comercio" de 30/7/1870, foi estampado um apêlo que dirigiu ao Imperador, em beneficio de seu irmão Manoel Martins Correia e Castro, para que lhe fossem concedidas as honras do posto de Capitão. — Faleceu em 1901.

---

Voluntários, sete Officiais da Guarda Nacional, que são os seguintes:— tenente Antonio Pinto de Morais Castro a Capitão; alferes Joaquim Alonso Moreira d'Almeida a tenente e depois a Capitão; dito Francisco Franco Cavalcanti de Albuquerque a tenente; dito Joaquim Gomes d'Araujo e Silva, ditos Germano Antonio Machado, Arlindo Eduardo Camboim e Joaquim José do Rêgo Barros, a tenentes.

Cinco marcharam em seus postos, a saber:— Tenente-Coronel José da Costa Vilar, capitão Fôcio Joaquim do Rêgo Barros, ditos Manoel Ferreira Nobre Júnior e José Fernandes d'Oliveira Galvão; alferes Jesuino Ildefonso d'Oliveira Azevêdo.

SAIRAM—Os quatro officiais da Companhia de Caçadores para a Côte; o capelão alferes, que a ela se achava adido—idem; duzentos e vinte e cinco praças de pré do Exército, inclusive as da mesma Companhia, idem.

Teve logar o embarque da Companhia com algumas praças agre-



7 — FÓCIO JOAQUIM DO RÊGO BARROS. — Cap. da Guarda Nacional.

Em 4/1/1866 foi dispensado do serviço do Exército, em vista da dissolução do 28 V. P. e do seu estado de saúde. — Foi comandante do Corpo Policial do R. G. do Norte. Faleceu em 30/4/1885, com 51 anos.

8 — JOAQUIM ALONSO MOREIRA DE ALMEIDA. — Alferes da G. Nacional. Tenente em Comissão.

Empregado da Tesouraria da Fazenda (Delegacia Fiscal.) Dispensado em 4/1/1866, por ter sido dissolvido o 28º V. P. Era, a esse tempo, capitão comissionado. — Nasceu em 2/6/1841. — Delegado de Policia em Natal (Ribeira), por muitos anos. Influência maçonica em Natal. — Faleceu em 22/5/1901, no Rio, como Diretor do Tribunal de Contas.

9. — JOSÉ GETULIO TEIXEIRA de MOURA. — 1º Cadete. Alferes.

Dispensado em 4/1/1866. Capitão da Policia. — Tenente honorário do Exército; em 1894, passou a Capitão. Faleceu na Bahia, em viagem para o Rio, em 1896.

10. — JOÃO CAPISTRANO PEREIRA PINTO. — Alferes. — Dispensado em 4/1/1866. — Ingressou na Policia, tendo falecido muito idoso, no posto de Capitão.

11 — MANOEL FERREIRA NOBRE JUNIOR. — Capitão da G. Nacional.

---

gadas, no dia 31 de Março, e o das outras praças, em diferentes ocasiões.

O 1º Corpo de Voluntários, com 25 Officiais e 390 praças de pré, idem.

Quinze guardas nacionais, por terem sido dispensados.

Onze ditos, por terem desertado.

Seis voluntários da Pátria. idem.

O 2º Cirurgião Doutor Vicente Inácio Pereira, por ter obtido a sua baixa.

Quatro voluntários da Pátria, idem. No número das praças de 1ª Linha que embarcaram, vai contemplado o cadete Joaquim Torquato Pinheiro da Camara, que figura, depois, no Corpo de Voluntarios, como se vê das observações do respectivo mapa, não assim, porém, o cadete

Dispensado em 4/1/1866. Foi nomeado escriturário do assistente do Deputado do Quartel General, em 7/1/1866. Exonerado, por ter sido julgado incapaz pela Junta de Saúde, em 29/1/1866 (gastro-enterite crônica e falsa articulação resultante de luxação da articulação radio-carpiana).

12 — JOAQUIM GOMES DE ARAÚJO SILVA. — Alferes da G. Nacional. Tenente em comissão.

Dispensado em 4/1/1866.

13 — MANOEL MARTINS CORREIA e CASTRO. — Alferes.

Promovido a Tenente em 4/9/1866 (O. Dia 91, de 20/11/1866, do V. de Porto Alegre.) Citado em O. Dia de 10/10/1866, nr. 88, do Comt. do 2.º Corpo do Exército, pela “muita distinção e bravura”, com que se portou em 22 de Setembro de 1866, no ataque a Curupaití, no 34º V. P. Em 18/3/1867; foi promovido a Capitão, em comissão. (O. D. 56, do Marquês de Caxias.) Anteriormente fôra promovido a Tenente, pela sua atuação no combate de CURUZU, em 3/9/1866. Agraciado com o Hábito de Cristo, por Dec. de 14/3/1867.

14 — ULISSES OLEGARIO LINS CALDAS. — Alferes, em comissão, da G. Nacional.

Nascido no Açú, em 1845. A Ordem do Dia 87, de 14/9/1866, do general Barão de Porto Alegre, ocupa-se

---

Francisco Victor da Fonseca e Silva, o qual tendo deixado a Companhia de Caçadores, a que se achava adido, e passado para o mesmo Corpo, como atrás ficou dito, figura somente na saída dêste.

FICARAM em JUNHO — Três Oficiais da Guarda Nacional; 167 praças da mesma Guarda; 1 Of do Corpo de Saúde, 1º Cirurgião José Joaquim Machado; 1 dito reformado, Cap. José Bento Alvares. Um dito do C. de Voluntários, Tenente Baltazar da Rocha Bezerra Cavalcanti. 11 praças da C. de Caçadores; 3 ditas mais do Exército; 24 V. da Pátria.

As declarações, que passo a fazer, mostram a razão por que deixaram de embarcar esses dois oficiais e praças.

O 1.º Cirurgião José Joaquim Machado era o único cirurgião militar, que, a êsse tempo, existia na Provincia; além dêste, só havia na Capital um médico, o doutor Vicente Inácio Pereira, que havia obtido a sua baixa, e êste ainda sendo contratado, como foi, em virtude de au-

da jornada de CURUZU. Em certo trecho se lê: —“..... alferes José Soares Cupim Junior, Glicério de Almeida Varela, ULISSES OLEGARIO LINS CALDAS, que, quais leões, se lançaram sôbre as baterias inimigas, *chegando ao ponto* de subir sôbre sua artilharia, como o fez êste último oficial, com uma intrepidez que a todos surpreendeu. A todos estes bravos e a muitas praças se deve a tomada de duas bocas de fogo, e o flutuar primeiro no Curuzu o estandarte do Brasil”. (Da parte que o T. Cel. Comt. do 29<sup>o</sup> V. P., Alexandre Freire Maia Bittencourt, dirigiu ao Comt. da 1.<sup>a</sup> Brigada, T. Cel. Augusto Francisco Caldas.) Foi nomeado Tenente do 29<sup>o</sup> V. P., em 4/9/1866. Faleceu em 7 de Novembro de 1866, no acampamento do 2<sup>o</sup> C. do Exército em operações, em consequência de ferimento recebido em um reconhecimento feito sôbre o campo inimigo. (O. do Dia 29, de 24/11/1866, do Visc. de P. Alegre).

15 — JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA GALVÃO.

— Capitão da G. Nacional.

Portou-se valentemente em CURUZU, integrando o 47<sup>o</sup> V. P., para que tinha sido transferido em 15/5/1866. Citado pelo «seu valor e sangue frio». Teve a espada quebrada em ação, por bala inimiga. Dispensado do serviço do Exército, por motivo de saúde. (O. Dia 90, de 19/6/67, do M. de Caxias).

---

torisação, que tive, não podia, por si só, dar vencimento ao serviço, quando era extraordinário o movimento das praças com destino ao teatro das operações.

O cap. José Bento Alvares fazia-se preciso, visto não existir outro oficial do Exército que pudesse incumbir-se da disciplina das praças que se destinavam àquele fim.

O Tenente Baltazar da Rocha Bezerra Cavalcanti achava-se em serviço no interior da Província, promovendo o alistamento de voluntários.

Uma das praças de 1.<sup>a</sup> Linha, o particular João de Medeiros Nobre Camara, servia de Almozarife na Fortaleza dos Santos Reis Magos. Oito achavam-se presas (sete cumpriendo sentença e uma com o processo pendente da decisão superior.) Uma inválida, Joaquim José de S. Ana. As outras doentes ou com licença para se aprontarem; algumas dentre os voluntários, em comissão. Estas praças embarcaram todas para a Cór-

16 — GERMANO ANTONIO MACHADO. — Alferes da G. Nacional. Tenente em comissão. Cearense, radicado, durante muitos anos, no R. G. do Norte. Foi aluno da Escola Militar. Exerceu o cargo de Inspetor da Alfândega de Natal. Aposentou-se como funcionário da Fazenda. Tendo o 28º V. P. demorado 40 dias em Santa Catarina, quando de sua ida para a guerra, o tenente Germano fez seu pé-de-alferes, ficou noivo em Destêrro, tendo contraído núpcias, quando regressou, e obtido dispensa, a pedido, do Exército, em 22/2/1866. Faleceu no Ceará, em Outubro de 1902.

17 — JESUINO ILDEFONSO DE OLIVEIRA AZEVEDO. — Alferes da G. Nacional. Dispensado em 4/1/1866, por ter sido dissolvido o 28º V. P.

18 — MANOEL BARBALHO BEZERRA. — Alferes da G. Nacional. Idem.

19 — ANTONIO PINTO DE MORAES CASTRO. — Tenente da G. Nacional. Cap. em comissão. Obteve dispensa do serviço, por O. Dia 479, do Ajud. Gen. do Exército, de 21 de Outubro de 1865. Foi Oficial Arquivista da Secretaria do Govêrno, tendo sido demitido, juntamente com o major Antonio Pinheiro da Camara, pelo Presidente Gustavo Adolfo de Sá, de quem eram adver-

---

te, nos dias 24 de Julho e 27 de Agosto, como adiante farei ver, no lugar competente.

Os officiaes e praças da G. Nacional achavam-se no serviço da guarnição e preparavam-se em parte, afim de marcharem para a guerra.

**ENTRARAM** de 1º de JULHO ao último de DEZEMBRO. — 151 praças de pré entre Voluntários e recrutas para o Exército. 13 Ofs. de diferentes Corpos da G. Nacional, dos quais se haviam oferecido 7 para servirem no C. de Voluntários. 470 praças da mesma Guarda. — 243 V. da Pátria. O padre Joaquim Severiano Ribeiro Dantas, que se ofereceu para servir no Corpo.

**FORAM NOMEADOS** officiaes em comissão 10 Voluntários, que são os seguintes: João Eutrópico de Medeiros, Tenente Quartel-Mestre; Gorgônio Paz de Bulhões, Tenente de Companhia; Manoel Cornélio Barbosa Cordeiro, Tenente de Companhia, Padre Joaquim Severiano Ribeiro Dantas, Capelão-Alferes; Leolino d'Araujo Costa, Alferes Ajudante;

sários, por falarem mal do Presidente dentro da própria Repartição. O sucessor dêste, dr. Manoel Marinho da Cunha, os reintegrou. Foi comandante do Destacamento da G. Nacional. Deputado Provincial em 1874-1875 e 1876-1877. Desde 1873 foi membro da Diretoria da Loja Maçônica «21 de Março».

20 — ARLINDO EDUARDO CAMBOIM. — Alferes da G. Nacional. Tenente em comissão. Ferido em Curupaití, em 21/9/1866, com o 47º V. P. Pelo Presidente da Paraíba foi nomeado recrutador. Tenente honorário do Exército, por Dec. de 30/1/1867, «pelos serviços prestados na guerra».

21 — JOSÉ FERREIRA NOBRE PELINCA. — 1º Cadete. Alferes. Dispensado pelo Presidente de Santa Catarina, por se ter recusado a embarcar para o Sul, com o seu batalhão. Êste ato foi aprovado pelo Ajud. Gen. do Exército (O. Dia 476, de 29/9/1865).

22 — ALEXANDRE HERMÓGENES FERREIRA DA SILVA. — Alferes da G. Nacional. Dispensado em 4/1/1866, pela dissolução do 28º V. P.

23 — MANOEL RAMOS DE OLIVEIRA COELHO. — 2º Cadete. Capitão em comissão. Em 9/6/1865 embarcou com o 28º V. P., em Natal, como Alferes. Foi reconhecido 2º Cadete, por ter provado ser filho legítimo do te-

---

Luiz José de Serra, Alferes-Secretário; Manoel Vieira de Medeiros Junior, Alferes de Companhia; Matias Antonio de Macedo Cabral, Idem; Xisto Batista Vieira, idem; Miguel Antonio do Nascimento, idem.

Foram promovidos em comissão, para servirem no 2º Corpo de Voluntários, 5 Officiais da G. Nacional, que são os seguintes: — Tenente Manoel Basílio d'Araújo, a Capitão; Dito João Crisóstomo d'Oliveira Junior, idem; Tenente Alexandre Constantino d'Albuquerque Chaves, a Cap.; Alferes Manoel Alves Pinheiro, a Tenente; Dito Antonio Prímio Pedroza Galvão, a Tenente.

Dois marcharam nos seus postos, a saber:—

Tenente-Coronel Manoel André Torres Galvão, Capitão José Bernardo de Medeiros.

Foi promovido a Major, em comissão, do mesmo Corpo de Voluntários o Capitão José Bento Alvares.

nente da extinta 2ª Linha do Exército, — Francisco Coelho de Souza (O. Dia 450, de 3/6/65, do Aj. Gen. do Ex.) Nomeado Alferes do 36º V. P. (Maranhão), em 4/9/1866. Já era Tenente do mesmo Corpo, quando, a 17/7/1868, foi submetido a Conselho de Guerra, pela fuga de presos confiados à sua guarda, tendo sido absolvido por falta de provas. A Junta de Justiça Militar reformou a sentença, e o condenou a 3 meses de prisão, em Setembro de 1867. Por ter se distinguido em combate no dia 21/12/1868 (Lomas Valentinas), no 12º B. de Infantaria, lhe foi outorgada a medalha do Mérito Militar. Nomeado Capitão honorário do Exército, por Dec. de 28 6/1870. Fez toda a campanha. Quando esta se encerrou, servia no 18º B. C., passando para o 50º de V. P. (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba). Partira como cadete, tendo retornado a Natal triunfalmente, como Capitão honorário e comandante do contingente potiguar que regressava da guerra, em Agosto de 1870. Foi Capitão da Policia do Rio G. do Norte.

24 — JOAQUIM JOSÉ DO RÊGO BARROS. — Tenente da G. Nacional. Dispensado em 4/1/1866.

25 — FRANCISCO GOMES MONTEIRO DE MELO. — Tenente da G. Nacional. Idem.

26 — JOÃO PINTO DOS SANTOS. — Tenente. Idem.

---

SAIRAM — Um official do C. de Saúde, o 1º Cirurgião José Joaquim Machado, o qual, tendo sido chamado à Côte, regressou e re-assumiu o exercicio.

19 Vols. da Pátria, sendo 16 a 24 de JULHO, e 3 a 27 de Agosto. para a Côte.

O Official do 1º Corpo de Voluntários, que havia ficado em serviço no interior da Provincia, tenente Baltazar da Rocha Bezerra Calvalcanti, o qual foi dispensado na Côte e regressou.

O 2º Corpo de Voluntários. com 18 Officiais, inclusive o Major em Comissão José Bento Álvares, segundo o que fica expellido, e 194 praças de pré, cujo embarque para a Côte teve logar no dia 16 de Dezembro último: entre as praças embarcou uma das que ficaram do 1.º Corpo.

154 Praças de pré do Exército, inclusive 7 da Comp. de Caçadores — Idem.

27 — JOAQUIM CASTRICIANO DE BRITO. — Alferes. Era filho de um professor de primeiras letras. Por isto, não foi reconhecido 2º Cadete, por ter sido julgado que a posição do pai não autorizava a concessão dessa honraria. (O. Dia 450, do Aj. Gen. do Ex., de 1865.) Dispensado em 4 de Janeiro de 1866.

28 — JOAQUIM FERREIRA SOARES. — Alferes. Dispensado em 4/1/1866.

29 — JOÃO PERCEVAL LINS CALDAS. — 2º Sargento Particular. Natural do Açú, era irmão de Ulisses Olegario Lins Caldas. — Após o combate de CURUZU foi nomeado Alferes do 36º V. P. (Maranhão). Ferido levemente no combate de 3/11/1867 (2ª batalha de Tuiuti). Morto em ação, aos 19/3/1868 (Ataque a Estabelecimento. Tivemos 148 mortos, 339 feridos, 42 contusos. O. Dia de Caxias, nr. 5, de Março de 1868). Perceval pertencia ao 36º V. P., mas tomou parte nesta operação incorporado ao 16º B. de Infantaria.

30 — FRANCISCO FRANCO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. — Tenente. Quando foi dissolvido o 28º V. P., o Barão de Porto Alegre, comandante do 2º Corpo do Exército, em 4/1/1866, dispensou diversos oficiais, mandando que se incorporassem outros a vários Corpos. En-

---

4 Officiais e 252 praças da G. Nacional, sendo aqueles os seguintes: Tenente Manoel Pedro d'Alcântara, Alferes Laurentino Pereira de Vasconcelos, Dito João d'Albuquerque Barreto Chaves, Dito Vicente Ferreira Álvares Junior.

Uma praça da Comp. de Caçadores do número das que deixaram de embarcar em Junho, por ter tido baixa, como consta da Ordem do Dia nr. 469, de 19 de Agosto.

Duas do Exército por terem provado isenção, no prazo legal de 2 meses. Três ditas, por terem sido julgadas incapazes na inspeção de saúde, dentro do mesmo prazo. Uma dita, por haver desertado. 37 G. Nacionais, pela mesma razão. 6 V. da Pátria, idem. 5 por terem tido baixa, mediante inspeção 7 por terem tido baixa, dando substitutos 1 Oficial da G. Nacional, por ter sido dispensado do serviço, a que fôra chamado para ocupar-se do recrutamento—o tenente Antonio Higino de Holanda Leiros. 8 praças da mesma Guarda, por terem sido dispensa-

tre aqueles, figura o tenente Francisco Franco Cavalcanti de Albuquerque. Estas dispensas eram feitas, porém, na dependência de aprovação do Ministério da Guerra. O Ajudante General em O. do Dia 509, de 17 de Março de 1866, aprovou a dispensa de todos, não mencionando o nome do Tenente Francisco Franco, — o que queria dizer que elle continuou no Exército, não tendo o Ministério anuído expressamente à sua demissão. Na O. do Dia 83, de 30/7/1866, do B. do Porto Alegre, está a nomeação do Tenente Franco para servir no 47. V. P., usando-se ali as seguintes expressões: — “que veio da Côrte para ser empregado convenientemente neste Exército, conforme Av. do Ministério da Guerra, de 5 de Abril último. A nomeação é de 17/6/1866. Combateu em Curupaití, em 22/9/1866, tendo sido ferido. Faleceu no Hospital de Corrientes, em 30/9/1866, em consequência do ferimento recebido.

31 — JOÃO DA FONSECA VARELA. — Alferes da Guarda Nacional. Major honorário do Exército.

Nasceu em Ceará-Mirim, aos 2 de Dezembro de 1850. Faleceu em Natal, em sua residência da rua Jerônimo de Albuquerque, em 28 de Dezembro de 1931. Filho legítimo de Mancel Varela Santiago e Margarida Teixeira Varela.

Alistou-se como Voluntário da Pátria, em 9 de Mar-

---

das, dando substitutos. 42 dispensadas mediante inspecção ou por outras isenções que provaram. 1 dita por ter falecido.

FICARAM — 1 praça do Exército, por inválida, Joaquim José de Santana. Uma dita por doente, Herculano Moreira da Silva; que fazia parte das que estavam cumprindo sentença. Estas duas praças pertenciam à C. de Caçadores, e ficaram no mês de Junho, como já disse, quando tratei do semestre anterior. — Duas praças do Exército, por doentes na enfermaria. — 4 Officiais e 153 praças da G. Nacional, em serviço na Provincia: um destes officiais é o Alferes Ludgero Vidal de Bastos, que, tendo ido à Provincia de Pernambuco, levando um contingente que tinha de embarcar, ficou ali demorado. — Vinte e sete Voluntários da Pátria, por doentes. Das duas praças que ficaram na Enfermaria, no fim de Dezembro, uma, José Francisco Brasil, tendo se alistado recentemente, passou para o Corpo Provisório; a outra, Pedro Ale-



ço de 1865, no 1.º Corpo de Voluntários do Rio Grande do Norte. Como tinha apenas 15 anos, foi preciso que o presidente Olinto Meira autorizasse o alistamento, por officio, conforme consta da folha de pagamento do mês de Junho de 1865. A mesma autorização foi concedida a outros alistandos, por outras razões. Por motivo de idade, só houve para João da Fonseca Varela.

Quando foi dissolvido o 28.º V. P., João Varela passou para o 36º V. P. (Maranhão). Depois de Alferes, para o 48º, que foi extinto, bem como outros corpos, após a batalha de Avaí, que os dizimou. Foi, então, para o 2.º B. da Infantaria, e ainda para o 18º da mesma arma.

Tomou parte nos combates de Curuzu, Curupaití, Itororó, Lomas Valentinas. Esteve na batalha de Campo Grande, em 16/3/1869. Citado pela presença de espírito com que combateu em 6/12/1869. À seu lado se bateu o alferes Claudio do Amaral Savaget (Parte do comte. do 48º V. P., major Secundino Epifânio de Melo Tamborim). Obteve a medalha de Mérito Militar, pelos serviços prestados na batalha de Avaí.

Em Dezembro de 1869, foi licenciado por dois meses, para tratar de negócios de sua familia. Pertencia então ao 18.º B. de Infantaria. Depois desta licença, não pôde regressar à guerra, que estava finda.

Em 26 de Agosto de 1868, sendo Particular 2.º sar-

---

xandre de Lira, sendo julgada incapaz, na inspecção de saúde, teve baixa dentro do prazo legal.

Das relações A e B, verá V. Ex. quais os Guardas Nacionais e os V. da Pátria que tiveram baixa durante todo o ano, e o motivo, que para isto se deu, a respeito de cada um: foram aquelas 50 e estes 16, dentre os primeiros oito, e dentre os segundos, sete, por terem dado substitutos.

Da relação sob a letra —C— verá ainda V. Ex. que, dos recrutados que haviam assentado praça, tiveram baixa tão somente cinco, todos dentro do prazo legal de dois meses, e pelos motivos declarados na mesma relação.

Constando dos mapas 1 e 2 ter sido dispensado muito maior número de guardas do que o mencionado neste Relatório, julgo conveniente declarar que, nestes mapas acham-se contemplados igualmente os

gento, foi nomeado alferes de Comissão. (O. do Dia nr. 250, de 14/9/1868, do Marquês de Caxias.)

Foi agraciado com o Hábito de Cristo e o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa.

O Marechal Floriano Peixoto o incluiu entre os oficiais a quem concedeu honras de Capitão do Exército. Outro decreto seu, de 12 de Novembro de 1894, publicando no dia 15 do mesmo mês, último de seu governo, conferiu a todos os oficiais superiores e subalternos que tivessem participado da guerra do Paraguai, as honras do posto imediato, até coronel. Foi, então, major honorário.

Fez toda a campanha, desde 1865 a 1870. Foi oficial da Policia do Rio Grande do Norte e comandante da Fortaleza dos Reis Magos, em Natal, em 1892. Lutando contra bandos de cangaceiros que infestavam o seu Estado, recebeu um ferimento grave em uma perna, que o obrigava a claudicar. Desfrutava de grande respeito e popularidade. No dia 24 de Maio de cada ano, o povo de Natal o aclamava nas ruas, ostentando êle o uniforme de gala de alferes de Voluntários.

32 — EMIDIO GETULIO DE OLIVEIRA. — Tenente honorário do Exército, por Dec. de 28 de Junho de 1870, pelos seus relevantes serviços de guerra. Fez toda a guerra, só regressando a Natal, em Agosto de 1870.

---

do serviço da guarnição: os que tiveram dispensa do destacamento de guerra, constam da 1.<sup>a</sup> das sobreditas relações — A —.

O fato de terem sido remetidos indistintamente diversos desses Guardas para um e outro serviço, e a pouca regularidade que, em principio, houve, já na remessa, sem terem sido designados convenientemente, já nos assentos, concorreu para esta confusão, a qual desaparece de algum modo, combinando-se o número dos que embarcaram, constante do mapa de nr. 2, com o dos que foram dispensados, constante da mesma relação — A —

Acêrca do material repito o que já disse em diversas comunicações feitas a êsse Ministério. O fornecimento, pondo de parte o que veio do Arsenal de Guerra de Pernambuco, teve lugar por meio de arrematação perante a Tesouraria da Fazenda.—O calçado se comprou em parte aqui, a preço de 2\$500 rs., e daí para baixo, pela maior parte no Aracati, a 1\$800 rs. mais ou menos.

## COMPANHIA DE CAÇADORES

33 — JOÃO BAPTISTA DO RÊGO BARROS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. — Capitão do Exército de 1.<sup>a</sup> Linha. Comandante da Companhia. Nasceu na Paraíba, em 1825. Filho de Manoel Silvestre de Barros Cavalcanti de Albuquerque. Casado, deixou numerosa prole. Praça de 1842. Combateu os FARRAPOS, no 2.<sup>o</sup> B. de Infantaria. Tomou parte na Batalha de Passo do Rosário (ITUZAINGÔ), 3 de Fevereiro de 1827. — Em 28/11/63, foi promovido a Capitão. — Em 8/10/1864 foi transferido para a Companhia de Caçadores do R. G. do Norte, cujo comando assumiu. — Marchou, a 31/3/1865, com a Companhia, para a guerra, tendo sido a mesma incorporada ao 15.<sup>o</sup> B. de Infantaria, onde continuou a comandá-la. — Em 1867 exerceu as funções de fiscal do Asilo de Inválidos da Pátria. — Em 1868, tomou parte no assalto a Estabelecimento, tendo sido elogiado. Fiscalizou as batalhas de 11/3 e 24/4. — Tomou parte nas batalhas de 6, 11 e 21 de Dezembro de 1868. Nesta última, foi ferido e baixou ao Hospital. Retornando à guerra, tomou parte no assalto à posição artilhada do Rio Aquidabanigui, a 1.<sup>o</sup> de Março de 1870, perseguindo os restos do Exército de Lopez. Seu batalhão fazia a vanguarda das forças coman-

---

Ia-me escapando declarar que nesta Província desembarcaram, vindos do Piauí, 2 praças de 1.<sup>a</sup> Linha, no primeiro semestre, e 5 Voluntários da Pátria, 1 recruta do Exército e 4 Guardas Nacionais, todos doentes no segundo, os quais deixaram de ser incluídos no quadro dos mapas do movimento da força, em razão de não pertencerem a esta Província. Foram, porém, mencionados nas respectivas observações. — As duas praças de 1.<sup>a</sup> Linha faleceram, os demais ficaram ainda aqui, no fim de Dezembro.

O Padre Antonio Francisco Arêas, tendo sido nomeado Capelão Alferes, embarcou para a Côrte, no dia 24 de JULHO, afim de tomar posse, e, obtendo a sua baixa, regressou com pouca demora.

É quanto tenho para informar a V. Ex. Deus guarde a V. Ex. Ilm.<sup>o</sup> e Exm.<sup>o</sup> Sr. Conselheiro Ângelo Moniz da Silva Ferraz, Ministro e Secretario d'Estado dos Negócios da Guerra. O Presidente Olin-to José Meira.

dadas pelo Visconde de Pelotas. — A 2/3/1870, foi desligado de seu batalhão, por ter de seguir para o Brasil.

Por ocasião da proclamação da República, estava em Santa Catarina, tendo sido aclamado Governador Provisório

Foi reformado no posto de Brigadeiro, por Dec. de 3/2/1890. Faleceu no Rio, em 28/7/1901.

34 — JOSÉ LÁZARO MONTEIRO DE MELO. — Tenente do 10º B. I. — Fôra transferido para a Comp. de Caçadores do R. G. do Norte, em 6/6/1864. — Promovido a Capitão em Junho de 1867. Transferido do 17º B. I. para o 12.º — Faleceu em 10/10/1867.

35 — FRANCISCO ANTONIO DE DEUS E COSTA. — Alferes. Promovido a Tenente, em Janeiro de 1867. Passou para o 22º de Infantaria. Em 1869, pertencia ao 18º B. I., de que fazia parte a Comp. de Caçadores, do R. G. do Norte. Em 1870, aparece esta nota ao lado de seu nome: “incluído e não apresentado”.

36 — GALDINO CÂNCIO DE VASCONCELOS MONTEIRO. — Alferes. Nasceu em 1832, no Rio G. do Norte. Solteiro. Assentou praça de 2º cadete, voluntariamente, em 1851, para servir 6 anos. Em 1852, matriculou-se na Escola Militar da Côrte, onde foi reprovado dois anos seguidos, tendo sido desligado. Em 1856, reengajou por mais 6 anos. Quando rebentou a guerra, estava licenciado por 3 meses para tratamento de saúde. Desistiu da licença, para ir para fora do Império defender a Pátria. Tomou parte nos combates de Tuiuti, Curuzu e Curupaití, tendo sofrido grave ferimento neste último, em consequência do qual sofreu amputação do terço inferior da coxa direita. Cavaleiro da Ordem da Rosa, por serviços prestados na guerra (Dec. de 14/3/1867). Incapacitado para o Exército, foi reformado por Dec. de 22/12/1866. Residia em Natal. Exercia atividades na direção da Maçonaria. Participou da proclamação da República no Rio Grande do Norte, tendo assinado a data da posse de Pedro Velho no Governo interino, em 17/11/1889.

37 — Padre Capelão TOMAZ ANTONIO DE MORAES E CASTRO. — Capitão. Nasceu em 1827, no R. G. do Norte. Nomeado Alferes-Capelão em 10 de Dezembro de 1856, servindo na Fortaleza dos Reis Magos. No Almanaque da Guerra, de 1874, há esta nota: — «Está no Rio Grande do Norte e suspenso de ordens». Encontrei, no Maço 16, o Doc. 464, relativô a êste Capelão. (Arquivo da Secretaria Geral do Exército). Defende-se, requerendo o cancelamento da medida do Diocesano de Pernambuco, que o suspendeu de ordens, porque, supõe êle, celebrou missa em altar que ergueu na Enfermaria Militar de Natal, sem licença daquele Diocesano. Durante o tempo em que esteve suspenso de ordens, o Presidente da Provincia do Rio G. do Norte o nomeou diretor da Escola Regimental da Policia. Serviu no Ceará, no Rio, na Guerra e no Rio G. do Norte. Tinha mãe viúva, com 76 anos, enferma, e duas irmãs solteiras, das quais era o único arrimo, — como alegava em requerimento feito em 1878, quando solicitou licença para aguardar naquela Provincia a reforma que pedira. Sofria de beriberi. Faleceu no Rio Grande do Norte, em 7/12/1887, na outra povoação de Santo Antônio,

38 — DR. FIRMINO JOSÉ DÓRIA. — 1º Cirurgião do Serviço de Saúde do Exército. Residiu mais de 10 anos em Natal, tendo sido deputado provincial no biênio de 1860-1861. Prestou inestimaveis serviços nos hospitais de sangue. Esteve em TUIUTÍ: — «Digno de menção pelo zêlo, humanidade e dedicação com que pensou os feridos». (Parte do Chefe do E. Maior ao Barão do Herval, em 26/5/1866). Oficial da Ordem da Rosa, pelos serviços prestados no combate de 19/2/1868, por Dec. de 11/4/1868. Esteve no combate de PIREBEBUÍ. Permaneceu 5 anos na guerra.

## 2º CORPO DE VOLUNTARIOS

39 — Tenente-Coronel MANOEL ANDRÉ TORRES

**GALVÃO.** — Na qualidade de Comandante, acompanhou o Corpo até a Côrte, em Dezembro de 1865. Dali regressou ao R. G. do Norte, onde continuou a prestar relevantes serviços no alistamento de homens para as fileiras. Percorreu, com o deputado Amaro Bezerra, o interior da Província, levantando contingentes (1867). Não esteve na Guerra. Pertencia à Guarda Nacional. Era homem arrebatado, e participou da vida política, dispondo de largo prestígio. Faleceu em 1867 (19)

40 — **JOSÉ BERNARDO DE MEDEIROS.** — Capitão da Guarda Nacional. Organizou um destacamento de 150 homens do Seridó, a pedido do Presidente Olinto Meira. Acompanhou o 2. Corpo até a Côrte, onde seus serviços foram dispensados, em virtude de já haver excesso de oficiais da G. Nacional no Exército. Seu contingente foi incorporado ao 55. de Voluntários (Piauí). Mais tarde, foi Tenente Coronel da Guarda Nacional, Deputado Provincial na Monarquia e Senador Federal. (1890-1907) Nasceu em 20 de Agosto de 1837, na Vila do Príncipe (Caicó) e faleceu em 1907. (20)

41 — **JOSÉ BENTO ALVARES.** — Capitão reformado do Exército. Ofereceu-se para seguir para Guerra. Commissionado em Major, prestou serviços na Província, no recrutamento e na disciplina das praças. Seguiu com o 2º Corpo, tendo sido incorporado ao 55º de V. P.

42 — **MANOEL BASILIO DE ARAUJO.** — Cap. da G. Nacional.

43 — **JOÃO EUTRÓPIO DE MEDEIROS.** — Tenente Quartel-Mestre.

44 — **GORGÔNIO PAZ DE BULHÕES.** — Tenente de Companhia.

---

(19) Helió Galvão. — Artigo no "Diário de Natal" de 27-3-1949.

(20) José Augusto. — Revista do Instituto Hist. e Geog. do Norte, Vol. nr. 32-34.

45 — MANOEL CORNÉLIO BARBOSA CORDEIRO.  
— Idem. Natural de Campo Grande (Augusto Severo).  
Serviu no 55º V. P. e no 19º. — Dispensado do serviço  
em 24/1/1867.

46 — LEOLINO D'ARAÚJO COSTA. — Alferes Aju-  
dante.

47 — JOÃO CRISÓSTOMO D'OLIVEIRA JUNIOR.  
— Cap. da G. Nacional.

48 — ALEXANDRE CONSTANTINO D'ALBUQUER-  
QUE CHAVES. — Cap. da G. Nacional.

49 — MANOEL ALVES PINHEIRO. — Tenente da  
G. Nacional.

50 — ANTONIO PRIMINIO PEDROZA GALVÃO. —  
Tenente da G. Nacional.

51 — LUIZ JOSÉ DE SERRA — Alferes Secretário.

52 — MANOEL VIEIRA DE MEDEIROS JUNIOR. —  
Alferes de Companhia.

53 — MATIAS ANTONIO DE MACEDO CABRAL.  
— Idem.

54 — MIGUEL ANTONIO DO NASCIMENTO—Idem.

55 — JOAQUIM SEVERIANO RIBEIRO DANTAS.  
— Alferes Capelão. Natural de S. José de Mipibú. Prof.  
de Francês e Latim do Ateneu Riograndense, obteve sua  
remoção para S. José, em Julho de 1870. Deputado Pro-  
vincial em 1856-57. Foi êle o principal aliciador do con-  
tingente com que S. José e municipios vizinhos contri-  
buíram para o 2º Corpo. Serviu no 55º V. P. (Piauí). Dis-  
pensado do Serviço do Exército em 30/1/1867. (O. Dia  
537, do Ajudante Gen. do Exército) Quando foi dispen-  
sado, a pedido, por enfermidade, estava incorporado ao 19º.

56 — XISTO BATISTA VIEIRA. — Alferes de Com-  
panhia. No Rio, foi designado para o 55º V. P. Quando

êste foi extinto, passou para o 19º (Polícias do Piauí, Ceará, Sergipe e praças do 9º). Poucos meses esteve na Guerra, tendo sido dispensado a pedido, da comissão do posto e do serviço do Exército. (O. Dia 153, de 10/5/1866, do Gen. Osório). A Lei que concedeu honras de General aos oficiais sobreviventes da Guerra, não se lhe applicou. Natural de Pernambuco, residiu longos anos em S. José de Mipibú, onde faleceu aos 76 anos, em 24 de Maio de 1920. Exercia o officio de dentista.

## CONTINGENTE DA GUARDA NACIONAL (1865)

57 — MANOEL PEDRO D'ALCÂNTARA.—Tenente.

58 — LAURENTINO PEREIRA DE VASCONCELOS.— Alferes. Promovido a tenente, "por distincção", em 8/5/1868. Servia no 14º B. I. Em virtude de ferimentos recebidos em combate, foi reformado, por Dec. de 8/7/1868. Foi citado pela sua bravura, no ataque de 16/7/1866, fazendo parte do 39º de Guardas Nacionais (Maranhão), sob o comando do T. Cel. João Lustosa da Cunha.

59 — JOÃO D'ALBUQUERQUE BARRETO CHAVES.— Alferes.

60 — VICENTE FERREIRA ÁLVARES JUNIOR.— Alferes.

## OUTROS OFICIAIS

61 — JOSÉ LUCAS BARBOSA.— Era Particular Sargento, quando foi nomeado Alferes, em comissão, pela O. do Dia nr. 225, de 30/6/1868, do M. de Caxias. Tenente honorário do Exército. Fez toda a guerra. Seguiu com o 28º V. P.— Medalha Militar de Mérito, pelos combates de 11, 21, 25 e 27/12/1868.

62 — FRANCISCO MOREIRA DE CARVALHO.—



Alferes da G. Nacional. Em fins de 1867, partiu do R. G. do Norte acompanhando um contingente, tendo sido dispensado no Rio. Natural do municipio de São Miguel. (“Jornal do Comercio” de 28/2/1868).

63 — BRAULIO LUDGERO DO RÊGO MONTEIRO. — Capitão Capelão. Nascido no R. G. do Norte, em 26/3/1832. Era filho do Major Miguel Joaquim do Rêgo Monteiro, também norte-riograndense, nascido em 12/4/1807, que, por sua vez, era filho de Matias José de Castro e Vasconcelos, tendo sentado praça em 9/9/1825, reformando-se no posto de Major, em 10/11/1860. O major Miguel não esteve na guerra, e faleceu em 16/11/1866. Era o avô paterno do historiador Tobias do Rêgo Monteiro. O Padre Braulio Ludgero ingressou na Repartição Eclesiástica do Exército, por Dec. de 26 de Agosto de 1863. Faleceu no Rio, em 16 de Junho de 1877, no posto de Capitão. Serviu durante toda a guerra, desde a Campanha do Uruguai. Esteve no cêrco de Paissandu e Montevideo. Em Paissandu, foi citado em O. do Dia do Marechal João Propicio, de nr. 17, datada de 5 de Janeiro de 1862, juntamente com outros dois padres, “por ter desempenhado suas funções com humanidade, zêlo, dedicação e caridade, no hospital de sangue”. (“Diário Oficial do Império do Brasil”, 5/2/1865.)

64 — HIGINO PIRES GALVÃO. — Capitão. Nomeado para o 46º V. P. (O. Dia nr. 490, de 23/12/1865, do Ajud. Gen. do Exército.) Faleceu no hospital de Montevideo, em 8/9/1866, de êntero-colite crônica.

65 — ANTONIO FRANCISCO ARÊAS. — Alferes Capelão. Pertencendo à Rep. Eclesiástica do Exército, pediu reforma, para fugir à guerra. Obteve demissão por Dec. de 30/9/1865. Funcionário da Assembléia Provincial. Como suplente, foi Deputado Provincial. Faleceu em 14/8/1889.

66 — JOSÉ LUCAS SOARES RAPOSO DA CAMARA JUNIOR. — Cap. do Exército. Nasceu no R. G. do

Norte, em 25/12/1832, primogênito do tenente-coronel do Exército José Lucas Soares Raposo da Camara e de D. Maria Leonor Soares da Camara. (21) Quando rebentou o conflito, era tenente do 2º Batalhão de Infantaria. Em Fevereiro de 1866 obteve licença de dois meses, para se tratar na Côrte. Por sofrer de moléstia incurável, foi reformado no posto de Capitão, por Dec. de 27/6/1866, quando servia no 3º B. I.

67 — JOSÉ CORREIA TELES. — Filho de Manoel Correia Teles, natural do Açú, onde nasceu em 1835. Praça de 1856. Faleceu em 4/11/1897. Fez toda a campanha, tendo recebido várias condecorações brasileiras, argentinas e uruguaias. Reformou-se como general de brigada, em 1897. Foi membro da Junta Governativa de Alagoas, em 1891. (22)

68 — FRANCISCO VICTOR DA FONSECA E SILVA. — F. do T. Cel. da G. Nacional Luiz da Fonseca e Silva, nasceu em Aldeia Velha, R. G. do Norte, aos 15 de Março de 1851 (na sua Fé-de-Ofício figura o ano de 1848). Em 23/2/1865, assentou praça voluntariamente, ficando adido à Comp.<sup>a</sup> de Caçadores do R. G. do Norte. Foi reconhecido Cadete de 1ª classe, em 26/5. Embarcou

---

(21) O T. Cel. José Lucas Raposo da Camara nasceu no R. G. do Norte, em 1801, filho de José Barbosa Caminha Râposo da Camara, ilustres representantes da Casa de Laranj-iras, berço dos Camaras de S. José de Mipibú. Casou com sua prima Maria Leonor Soares da Camara, em 29-9-1831. Do casal houve os seguintes filhos: — José Lucas (25-12-1832); Gabriel, 1835; Maria, 1836; Frederico, 1838; Jerônimo, 1843; Maria, 1845; Rosalinda, 1845; Alcides, 1846; Alcibiades, 1848; Zulmira e Adolfo.

O 5º filho foi o desembargador Jerônimo Américo Raposo da Camara, falecido em 1920, em Natal, e que chegou ao Governo do Rio Grande do Norte.

Assentou praça voluntariamente em 25-4-1817. Como anspeçada, serviu de sentinela na Delegacia de Policia do Atêrro, em Natal (praça Augusto Severo, que, até o principio dêste século, era uma vasta lezí-

(22) Apud A. Tavares de Lira. — “História do Rio Grande do Norte”, pg. 774.

com destino à Côrte, com o 2º V. da Pátria. Obteve matricular-se na Escola Preparatória anexa à E. Militar, sendo incluído como praça do 1º Batalhão de Artilharia a pé. Em 28/5/1868, foi desligado da Escola, para seguir para o teatro das operações de guerra.—2º Tenente em comissão para servir no B. de Engenharia, em 21/7/1869. Fez parte das forças que assaltaram e tomaram a praça de Pirebebuí, abrindo brecha para passagem dos atacantes, combatendo o inimigo até dentro da povoação, sendo elogiado na parte dada pelo Cel. Comandante, pela bravura com que se conduziu, sendo dos primeiros que assaltaram as trincheiras. Ficou na mesma praça para arasar suas obras de fortificação, e marchou para Caraguataí a 22 de Agosto, afim de reunir-se ao 2º Corpo do Exército.

Acompanhou o Exército como cadete empregado na Repartição Telegráfica, na marcha de Curupaití a Palmas, Chaco e Vileta, e dêste ponto a Assunção, Taquaral, tendo assistido à rendição de Angostura. Tomou parte no combate de 23/9/1868. Voltou à Escola em 1870. Cavaleiro da Ordem da Rosa (Dec. de 6/10/1870). Ajudante de ordens do Presidente do Esp. Santo (1884) e do Ministro da Guerra (1885). Major Fiscal do Corpo Policial da Côrte. Por Dec. de 25/5/1889 lhe foram concedidas

---

ria). Comandou a companhia de Caçadores do R. G. do Norte (1831), e foi Comandante das Armas, interino, da mesma Província. — Por várias vezes foi Ajudante de Ordens do Presidente da Província. Tomou parte na luta contra os rebeldes pernambucanos de Jacuibe e Panelas (1832). Combateu os Balaios. Ajudante de Ordens de Caxias, quando o mesmo foi Comandante das Armas e Presidente do Maranhão. Promovido a Major, logo depois da Balaiada (1841). Comandante da Fortaleza dos Reis Magos (1858). Tenente-Coronel em 1860. Comandante das Fortalezas do Brum e do Buraco (Recife) 1861, e da Laje (Rio), em 1866 Comandante do Hospital Militar de Recife (1861), quando aquele cargo era administrativo, e, por isto, não se exigia que o seu ocupante fosse médico — Comandante interino do Presídio de Fernando Noronha. Faleceu em Recife, aos 29 de Abril de 1873. Era Oficial do Estado-Maior de 2ª classe. Prestou serviços de guerra sem ir ao "front", pois sua idade e o sofrimento crônico de varizes nas pernas não lhe permitiam resistir às vicissitudes de uma campanha militar.

honras de Tenente-Coronel. Teve saliente papel na implantação da República no Estado do Rio, que o enviou como seu representante à Constituinte. Foi Deputado Federal pelo R. G. do Norte (1902-1905). Faleceu em 27/7/1905, no Rio.

69 — TEOTÔNIO COELHO CERQUEIRA DE CARVALHO. — Vice-Almirante. Nasceu em Natal, em 19/11/1842. Filho legítimo de Teotônio Coelho Cerqueira e Isabel Maria de Lacerda Cerqueira. Faleceu no Rio de Janeiro, em sua residência, rua Alvaro Ramos, 79, Botafogo, aos 14/2/1930. Casou com Cecília de Carvalho Coelho Cerqueira, em 19/2 1876, em Uruguaiana, Rio G. do Sul, tendo havido um filho, Joaquim de Carvalho Coelho de Cerqueira, gaúcho, nascido em 17/1/1878. Em segundas núpcias, desposou Eugênia de Gouveia Coelho Cerqueira, de Arêas, Paraíba, nascida em 29/3/1866, filha do desembargador Epaminondas de Souza Gouveia. Dêste consórcio nasceram Maria Eugênia (1884), Horminda (1889) e Isabel (1894). Teve 4 irmãs, Rosa, Justa, Vulpiana e Maria Honorina, e um irmão—José Coelho de Cerqueira, todos casados no Rio Grande do Norte, onde se mantiveram em modesto nível social, no antigo município de São Gonçalo.

Assentou praça de Aspirante a Guarda-Marinha, em 4/3/1858. Fez o curso com real aproveitamento, na Escola de Marinha. 2.º Tenente em 2/12/1862. 1º Tenente, em 12/3/64. Cap. Tenente, por antiguidade, em 30/12/1877. Cap. de Fragata, por antiguidade, em 8/1/1890. Cap. de Mar e Guerra, em 29/4/1895. Contra-Almirante graduado, em 19/10/1904. Reformado compulsoriamente, em 21/11/1904, no posto e com o soldo de Vice-Almirante, e graduação de Almirante, com 50 anos, 10 meses e 9 dias de serviço. Em 1866, pediu para ir para o teatro das operações de guerra. Só em 1868 é que foi atendido, comandando a canhoneira “Fernandes Vieira”. Seguiu em Junho de 1868, para Montevideo, e daí para Assunção e Corumbá. De Agosto de 1864 a Julho de 1867, comandou o vapor “Tramandaí”, de serviço no estabelecimento

naval de Itapura. Em Julho de 1873, foi nomeado para comandar, interinamente, a Companhia de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande do Norte, tendo sido louvado pelo bom desempenho que deu à comissão, que cessou em 14/12/1873. Capitão do Porto do Espirito Santo, em 1881. Comandante do Arsenal de Marinha de Mato Grosso, em 1898. Comandante da Flotilha de M. Grosso, em 1900. Esteve em comissão na Inglaterra, em 1884 e 1885. Possuía a Medalha Geral da Campanha do Paraguai, medalha argentina comemorativa da Guerra do Paraguai. Oficial da Ordem da Rosa, Oficial de São Bento de Avíz. A verdadeira data de seu nascimento é 19/11/1838, que alterou para 19/11/1842, ao entrar para a Marinha.

70—ANTONIO FLORENCIO PEREIRA DO LAGO.—

Coronel de Engenheiros. Filho legítimo de Gonçalo Garcia dos Reis e Ana Rita de Jesús. Nasceu na povoação de S. José de Touros, em 1827 (23) Praça a 21 de Agosto de 1843. Furriel a 22/7/1846. 2º Sargento a 8 de Agosto de 1846. Alferes, em 14/4/1855. Tenente, em 2/12/1857. Capitão, em 28/11/1863. Major, por antiguidade, em 22/6/1866. Tenente-Coronel, por merecimento, em 31/10/1885. Foi reformado compulsòriamente, em 3/2/1890. Casou, em 4/2/1860, na Côrte, com a sra. Matilde Medina Coelho de

---

(23) Informações colhidas na Fé-de-officio, na "História do Rio Grande do Norte", do Ministro A. Taváres de Lira; no "Dicionário Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do desembargador Antonio Soares, e na Biografia que o Visconde de Taunay escreveu publicada na Rev. do "Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro," e transcrita na Rev. do Instituto do Rio Grande do Norte, volumes XXIII e XXIV (1926-1927). Quanto à data do nascimento, declara Taunay que foi a 10 de Maio de 1825, segundo a afirmação do próprio Florêncio. Adianta ainda o biógrafo haver Florêncio, salvo engano, nascido em Mossoró. Mas o desembargador Antonio Soares, que fez pesquisas pessoais, averigou que foi em S. José de Touros. Era comum, outrora, por meio de justificações, hoje abolidas, os candidatos à Escola Militar ou Naval alterarem a data do nascimento, para suprir deficiências de idade ou reduzi-la. Quando se aproximava a compulsória é que quebravam lanças para restabelecer a verdadeira data, o que nem sempre conseguiam.

Almeida. Cavaleiro da Ordem da Rosa, em 9/1/1867. Oficial da mesma Ordem, em 19/8/1867. Cav. da Ordem de São Bento de Aviz, em 27/3/1866. Cav. da Ordem de Cristo, em 21/9/1870. Em 1885, comandou o Corpo Militar da Côrte, ao tempo do Chefe de Policia desembargador José Coelho Bastos, que teve um sério atrito com os estudantes. Foi engenheiro das Obras Públicas da Provincia do Rio de Janeiro. À disposição do M. da Agricultura, explorou a região encachoeirada dos Rios Araguaia e Tocantins. Portador da medalha da Campanha do Uruguai de 1851. Bacharel em Matemáticas e Ciências Físicas, pela Escola Central, em 10/12/1859. Por ocasião da proclamação da República, servia no Amazonas, tendo sido aclamado Presidente da Junta Governativa. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1º de Janeiro de 1892, em consequência de beribéri. Tomou parte na Coluna Expedicionária de Mato Grosso, que realizou a famosa Retirada de Laguna. Sua atuação nesse episódio foi a mais valorosa. Noticiando o seu passamento, escreveu o «Jornal do Comercio» de 2/1/1892:—“Pode-se afiançar que todo o pêso daquela tremenda operação de guerra caiu sôbre êsse illustre militar, — nem pode para ninguém haver maior florão de glória.”

Segundo o Visconde de Taunay, era alto, jovial, com tendência para engordar, sobretudo entre os 40 e os 50 anos. Era moreno, como informa a fé-de-officio. Até os 18 anos foi analfabeto. De origem humilde, foi criado no trabalho, ajudando o pai em pescarias. Lutou com dificuldades tremendas para atingir a posição que tanto honrou. A principio, foi vitima de preconceitos e má vontade, por parte de superiores e colegas pertencentes a familias aristocráticas. Retraido, concentrava-se nos livros, quando simples inferior, para vencer as deficiências de sua formação intelectual, pois o seu maior desejo era ingressar na Escola Militar, o que conseguiu em 1849, tendo sido desligado, e a ela retornando em 1853. Na sua fé-de-officio se encontram curiosas notas que bem atestam a sua difficil situação nos primórdios da carreira militar:— No 1º semestre de 1850, lançava o Visconde de

Camamu esta observação: “Empregado no Hospital. Nem o conheço”. No 2º semestre, notava o mesmo comandante: — “Este inferior esteve muito tempo empregado no Hospital, sem se me apresentar desde que comando o Batalhão. Até representei a respeito. Não é conhecido, nem do próprio Capitão, para se poder informar sôbre êle.” Em 1851, o general José Ferreira de Brito, futuro barão de Tramandaí, assim se manifestava: — “Dêste sargento nada posso informar, porque, sendo praça de 1845, tem fugido sempre ao serviço do Batalhão. Até recolher-se do Hospital, onde esteve empregado anos, não era conhecido nem do seu próprio Capitão, a quem nunca se apresentou. Agora acha-se na Escola Militar.” Antonio Florêncio Pereira do Lago, que se assinava *A. do Lago*, é seguramente o mais illustre militar do Rio Grande do Norte. Sua vida pode ser apresentada às novas gerações como uma perene sugestão de honra e valor. Nada lhe define melhor as excelsas qualidades que a impressão constante dos seus assentamentos militares: — HONESTO — BRAVO — EXATO NO DEVER.

No municipio de seu nascimento, TOUROS, o Grupo Escolar lhe ostenta o nome.

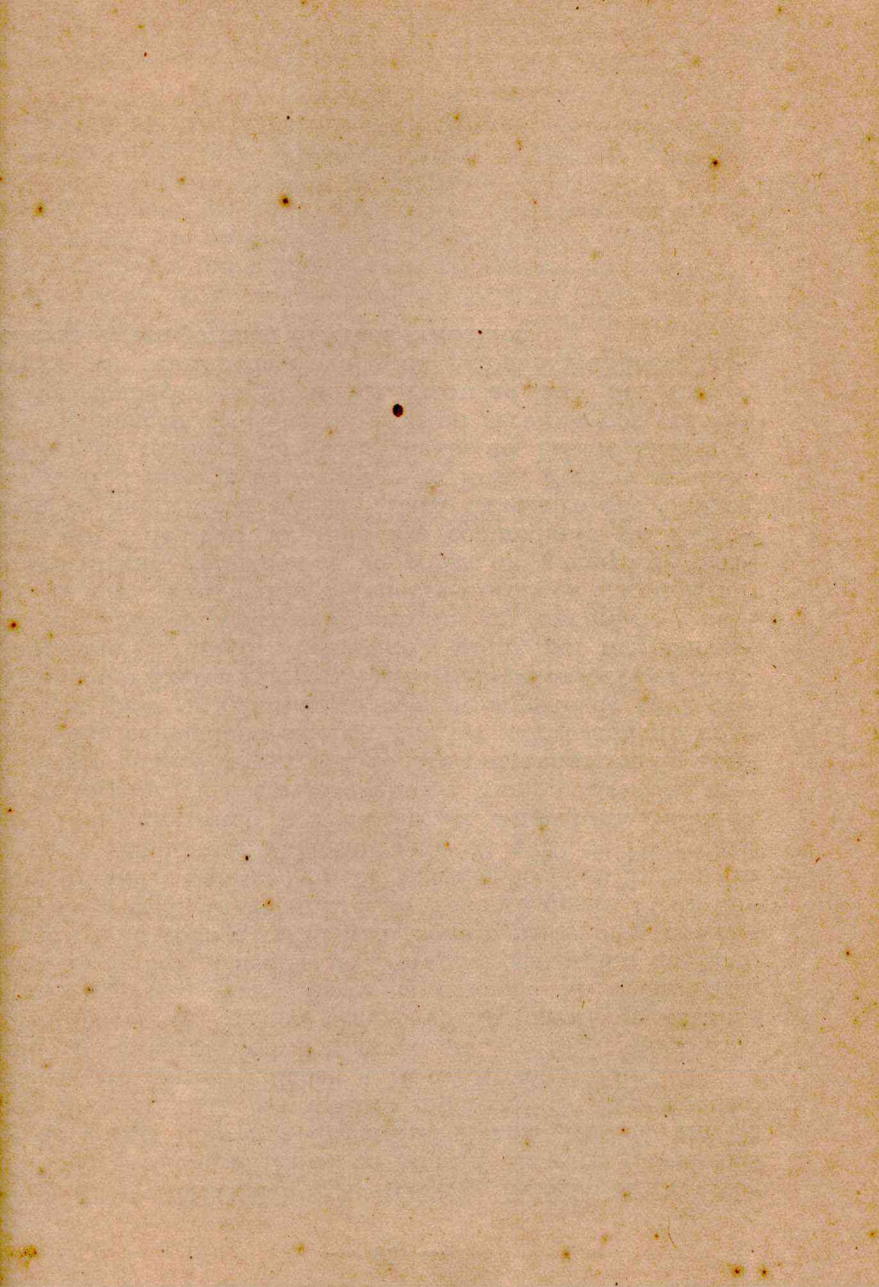
71 — FELIPE BEZERRA CAVALCANTI. — Tenente-Coronel. Filho do Major Francisco Bezerra Cavalcanti Rocha. Nasceu na Freguezia de Ceará-Mirim, R. G. do Norte, em 1º de Maio de 1845. Verificou praça, voluntariamente, no 9º Batalhão de Infantaria, sediado em Recife, em 8 de abril de 1862, embarcando com aquela unidade, em 2 de Fevereiro de 1865, para o Paraguai, e desembarcando em Montevideo, em 29 do mesmo mês e ano. Tomou parte no ataque e tomada de Corrientes. A bordo da corveta AMAZONAS, tomou parte na batalha do RIACHUELO, em 11/6/1865. A 15 de Junho foi transferido para a PARNAIBA, tomando parte nas passagens forçadas de Mercedes, a 18, e de Cuevas, a 12 de Agosto de 1865. Transferido para a corveta MAGÉ, assistiu ao ataque à Ilha da Redenção, na madrugada de 10 de Abril de 1866. Desembarcou a 16 de abril, afim de se reunir ao Exér-

cito, acampando à esquerda das linhas de TUIUTÍ, em 18. Promovido a 2º sargento em 10-8-1866, e, em 10-1-1867, a 1º sargento. Marchou para Tuiu-Cuê, em agosto de 1867, tendo tomado parte no reconhecimento às linhas avançadas inimigas de São Solano, em 3-10. Tomou parte no combate de 29-10-1867, em Potrero-Ovelha, no reconhecimento de Taí, e no combate ali travado, sendo elogiado. Em 11-2-1868, participou do ataque a Estabelecimento, merecendo citação pela sua bravura. Assistiu à capitulação de Humaiatá. Comissionado em alferes em 7-8-1868. Combateu em Ângustura, na ponte do ITO-RORÓ, em AVAÍ, recebendo um ferimento grave. Confirmado no posto de alferes, por ato de bravura nesta última batalha. Restabelecido, passou, em 6-8-1869, a fazer parte das fôrças orientais, sob o comando do general Henrique Castro. Combateu em Pirebebuí e Campo Grande. Marchou na madrugada de 1º de Março de 1870, para o ataque à posição artilhada do arroio Aquidabã e acampamento do Cerro-Corá, quando Lopez perdeu a vida. Foi elogiado pelo valor e sangue frio demonstrado nestas ações. Regressou à Corte, no posto de Tenente, e seguiu para Pernambuco a 22 de agosto de 1870. Em 14-7-1885, foi promovido a Capitão, por antiguidade. Em 1889, como comandante da Companhia Isolada de Natal, participou ativamente dos acontecimentos que implantaram a República na Provincia do Rio Grande do Norte. Organizou o 34º B. de Infantaria, em Natal. Promovido, por merecimento, a Major, em 5/9/1893. Desempenhou importantes comissões militares ao lado das fôrças legais, no govêrno do Marechal Floriano.

Reformou-se, a pedido, no posto de Tenente-Coronel, em 1897, contando mais de 40 anos de serviço. Era Cavaleiro da Ordem da Rosa. Possuía as seguintes condecorações:— Medalha do combate naval de Riachuelo; medalha comemorativa da terminação da Guerra; medalha de Corrientes, medalha do Mérito Militar; medalha uruguaia do fim da guerra, medalha argentina comemorativa do feliz desfêcho da guerra. Faleceu em Recife, aos 20 de Setembro de 1904.



72 — ANTONIO DA ROCHA BEZERRA CAVALCANTI. — General. Filho de Manuel Bezerra Cavalcanti e de Josefa Lourença Cavalcanti Rocha. Nasceu em 20 de Maio de 1837, no extinto municipio de São Gonçalo (R. G. do Norte). Faleceu a 18 de Novembro de 1898, no Rio de Janeiro. Verificou praça em 9/5/1855, tendo sido reconhecido 1º Cadete. Com o 1º Regimento de Artilharia a cavalo, tomou parte na rendição de Uruguaiana, em 18/9/1865. Chegou ao Paraguai em Julho de 1866, tendo feito toda a campanha. Tomou parte nos combates de 3 e 22 de Setembro, 1º Tenente desde 1º de Julho de 1867. Capitão, em 23 de Maio de 1868. Lutou em Avaí e nas Lomas Valentinas, de 21 a 27 de Dezembro de 1868, assistindo à rendição de Angustura. Bateu-se com rara bravura em Pirebebuí e Campo Grande, merecendo elogios fervorosos do seu comandante e do Conde d'Eu, comandante-chefe, "por ter valorosamente concorrido para os triunfos do mês de Agosto de 1869 que alcançou o Exército Imperial". Louvado pelos serviços prestados em Curupaití. Promovido a Major, por merecimento, em 19/5/83. Foi diretor interino do Arsenal de Guerra do Pará. Promovido a Tenente-Coronel e Coronel, por merecimento, reformou-se no posto de general de divisão, em 7 de Abril de 1892. Foi comandante da Fortaleza de Santa Cruz até 28/1/1892. Cavaleiro das Ordens de Aviz, Cruzeiro, de Cristo e da Rosa. Possuía as medalhas da rendição de Uruguaiana, do Mérito Militar e da terminação da Guerra. Prestou serviços por ocasião da proclamação da Republica. Ficou ao lado das tropas legais por ocasião da Revolta da Armada. Publicou brochuras e, em jornais, diversos trabalhos.



## IV

### O REGRESSO DOS VOLUNTÁRIOS

Por todo o Império se esperava ansiosamente o fim das hostilidades. Depois da entrada de nossas forças em Assunção, o conflito parecia haver chegado a seu termo.

Em Natal, desde 1868, no governo de Gustavo Adolfo de Sá, se planejavam festas para quando se anunciasse a alvissareira nova. Um diretor de repartição de Fazenda, que se ocultava sob o disfarce de YOUMALE, preparara um dobrado marcial, para ser tocado por ocasião do retôrno dos Voluntários. A marcha foi instrumentada pela banda da Companhia de Policia, criada por aquele presidente, em Julho de 1868. O autor do hino, que afinal, não foi executado no dia da chegada, permanece incógnito, podendo ter sido Berilo Leão Saraiva, que era Inspetor da Tesouraria da Fazenda (*Delegacia Fiscal*) (24) o inspetor da Alfândega, Tomaz Antonio Ramos Zany (25), ou o substituto do coronel Bonifacio Francisco Pinheiro da Camara, que fôra demitido por Gustavo Adolfo do cargo de Inspetor da Tesouraria da Provincia.

Enfim, só em 1870 é que os nossos guerreiros voltariam à terra natal. O 50º Corpo de V. P., denominado PIAUÍ, porque trazia numeroso contingente daquela Provincia, compreendia também os do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba. Viajou para o Rio de Janeiro, de

---

(24) Residiu alguns anos em Natal. Em 1877, ainda era Insp. da Alfândega. Foi membro da diretoria da Loja Maçonica "21 de Março", em 1871-72.

(25) Em 1865, já residia em Natal. Aparece na subscrição em favor das familias dos Voluntários.

volta do Paraguai, no vapor ISABEL. Desembarcou no Arsenal de Marinha, às 15 horas de 23 de Junho de 1870, 5ª feira, véspera de São João. O Imperador compareceu, acompanhado de generais, do Ministro da Guerra, do Conde d'Eu, etc. Sua Majestade dirigiu uma saudação aos denodados patricios, bem como o Marquês de Paranaguá, senador pelo Piauí, e ex-Ministro da Guerra. Estiveram presentes parlamentares daquelas provincias. Do Rio Grande do Norte havia apenas o deputado Otaviano Cabral Raposo da Camara, além de illustres membros da colônia, tais como o conselheiro Rafael Arcanjo Galvão e o comendador José de Sá Bezerra. O deputado Francisco Gomes da Silva Junior não foi receber os comprovincianos, porque, na mesma ocasião, estava na Camara atacando o seu colega e primo Otaviano Cabral Raposo da Camara, por questiúnculas da politicagem norte-riograndense...

O Piauí monopolizava as atenções. Os oradores que falaram à massa, no trajeto até o Quartel, foram pródigos em elogios aos piauíenses, como se o batalhão fosse constituído somente deles. O comandante era o tenente-coronel em comissão Joaquim Cavalcanti de Albuquerque Belo, e o efetivo se elevava a 720 homens (52 officiais e 668 soldados).

No dia 10 de Julho de 1870, houve, no Rio, grandiosas festas cívicas, no Campo de Santana, para, oficialmente, se declarar finda a guerra, presentes os Imperantes e os gloriosos capitães que nos deram a vitória. Os nossos conterrâneos assistiram a essa apoteose, que também lhes era consagrada.

O contingente potiguar seguiu para Natal no transporte de guerra MARCILIO DIAS, em 16 de Julho, pela manhã. D. Pedro foi ao bota-fora, como fazia, aliás, com todos os corpos, tendo embarcado no próprio transporte, nele viajando até a fortaleza de Villegaignon. Ali tomou a Galeota Imperial, com destino a São Cristóvão, onde chegou às 14 horas.

## EM NATAL

O feliz desfêcho da luta foi conhecido em Natal a 31 de Março de 1870, levado por uma barcaça de Pernambuco, e confirmado, em 2 de Abril, pelo vapor IPO-JUCA, da Companhia Pernambucana, o mesmo que, na véspera, o transmitira à Paraíba. Segundo o «Conservador», de Natal, houve grande júbilo popular. Imediatamente a noticia se espalhou, e uma vasta multidão se aglomerou na praça da *Alegria*... hoje João Maria, na Cidade Alta. Com uma banda de música, o povo saiu a percorrer a cidade, entrando na rua da Palha (*Vigário Bartolomeu*), até a residência do deputado Gomes da Silva (26) do Chefe de Policia, dr. Aurélio Ferreira Espinheira (27), ao Palácio do Govêrno, que já estava localizado na Ribeira, rua do Comércio, atual Chile. O regosijo público durou três dias, fechando as Repartições. Houve solene *Te-Deum* na Matriz, com a presença do presidente Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, e representantes de todas as classes sociais.

Natal aguardou os Voluntários com excepcionais homenagens. O presidente da Provincia convocou reuniões em que se aŕsentaram medidas tendentes ao esplendor da recepção. Para dirigi-la, nomeou os séguintes cidadãos: — dr. José Inácio Fernandes Barros (Juiz de Direito interino da Capital); dr. Luiz Antonio Ferreira Souto Junior (Promotor); Francisco Xavier Pereira de Brito, vice-cônsules Domingos Henrique de Oliveira, Samuel Balshaw, Alfredo Weber e Joaquim Inácio Pereira Junior; o presidente da Câmara Municipal, major Antonio Benevides Seabra de Melo; José Paulino de Castro Medeiros

---

(26) Era o casarão que depois pertenceu ao Monsenhor Calazans Pinheiro.

(27) No mesmo local em que se ergueu a Prefeitura. na rua Ulisses Caldas, esquina da Avenida Junqueira Aires.

(28); tenente-coronel José Lourenço de Almeida e capitães Joaquim Guilherme de Souza Caldas, Urbano Joaquim de Loliola Barata, Odilon de Amorim Garcia e Joaquim Francisco de Oliveira, segundo «O Conservador», nr. 39. Os logradouros públicos foram arborizados e embandeirados, o que se deveu sobretudo aos esforços de José Paulino e Urbano Barata.

No seu RELATÓRIO de 5 de Outubro de 1870, o presidente registra a chegada dos Voluntários, na 2ª feira 1º de Agosto, à tarde. Desembarcaram na manhã seguinte, em meio da saudação de todos, e de um grande concurso popular, assistindo todas as autoridades civis, militares e eclesiásticas. Houve um tríduo festivo na Cidade. A Comissão de recepção angariou fundos insuficientes para as despesas. Mandou o presidente fornecer pela Tesouraria Provincial um auxilio de 3:152\$790, e pediu aprovação para seu ato à Assembléia Legislativa. (29)

Pela minuciosa descrição do representante do «Journal do Comercio» em Natal, datada de 6 de Agosto de 1870, ficou registrado para a história o soberbo acontecimento do regresso dos Voluntários Norte-Riograndenses. O jornalista o definiu como tendo sido “a maior festa a que a população da Capital já assistira”.

O MARCILIO DIAS appareceu na barra de Natal em 1º de Agosto, às 15 horas. A Fortaleza dos Reis Magos

---

(28) Nasceu em Natal. Comerciante ali e em Mossoró, onde foi proprietário da “Loja das Fitas”, na praça da Redenção. Fervoroso abolicionista, um dos mais decisivos fautores do 30 de Setembro de 1883. Foi fundador da Loja Maçônica “24 de Junho”, em 1873, na cidade de Mossoró.

(29) O presidente Silvino Elvidio comete um equívoco, ao afirmar que os Voluntários partiram da Côte no dia 16 de Maio,—quando ainda estavam no Paraguai. No Dic. Hist. e Geog. do Instituto Hist. e Geog. Brasileiro, há o mesmo engano em relação à chegada da tropa maranhense a S. Luiz. Lê-se ali DOIS DE JUNHO, quando foi a DOIS DE AGOSTO, pelo LEOPOLDINA, pois chegou ao Rio, vinda do Paraguai, a 29 de Maio, pelo WERNECK, que trouxe para a Côte 46 officiais e 482 praças do Maranhão, Pará e Amazonas, fazendo parte de uma brigada do comando do coronel Antonio Augusto de Barros Vas-

salvou com 21 tiros. Na manhã de 2 navegava o Potengi. Milhares de pessoas se concentraram na Ribeira (rua do Comércio e praça DEZ DE JUNHO) (30) Ali estavam a primeira autoridade da Província, os chefes de repartições, o comandante superior da Guarda Nacional, coronel Bonifacio da Camara, que retornara da Côrte havia poucos dias, representantes da Igreja, e "algumas donzelas com as frentes engrinaldadas, e vestidas de branco, as quais tinham vindo também aplaudir o feliz regresso de seus dignos e valorosos patricios".

A Companhia de Policia e o Corpo Patriótico prestaram honras, sob o comando do tenente-coronel José Lourenço de Almeida. Em um pavilhão armado no centro da Praça, se ostentava uma enorme effigie de S. M<sup>a</sup>. o Imperador. A cada instante os foguetões riscavam o espaço e estouravam estrepitosamente. Quando o navio transpunha a barra, a Fortaleza deu uma salva de 21

---

concelos (as unidades que a compunham eram o 31<sup>o</sup>, antigo Corpo Policial da Côrte; o 36<sup>o</sup>, do Maranhão, Pará e Amazonas, comandado pelo tenente-coronel Francisco Manuel da Cunha Junior, e o 37<sup>o</sup>, de Sergipe e Alagoas.) Partiram de Montevidéo em 16 de Maio de 1870. Aqui tiveram calorosa recepção, com o Imperador, Ministros, o Conde d'Eu, parlamentares. O Conselheiro Francisco José Furtado discursou pelos maranhenses, saudando os conterrâneos. O conselheiro Souza Franco felicitou os do Pará e Amazonas, no mesmo sentido usando a palavra o conselheiro Tito Franco. Ofereceram corôas às bandeiras e aos comandantes dos batalhões.

O Tenente-Coronel Cunha Junior teve sob suas ordens centenas de soldados do Rio Grande do Norte, durante a Campanha. Era maranhense, professor de primeiras letras. No Relatório de 1866, do Ministro da Guerra, deparamos um oferecimento singular, que não foi aceito. João Marcelino da Silveira, professor primário, jubilado, no Maranhão, propôs ir para a guerra em lugar do capitão da Guarda Nacional Francisco Manoel da Cunha Junior, professor da Vila de CURUMPU (Cururupu), e que seguira como voluntário. — abrindo mão, em beneficio do Tesouro, do que viesse a perceber em substituição a Cunha Junior, que era naturalmente pobre, pois devia ganhar, como mestre-escola, não muito mais que os seus colegas do Rio Grande do Norte, aos quais tocava o ordenado de 23\$ mensais... Cunha Junior cobriu-se de glórias na guerra, e acabou general honorário, tabelião e senador da República.

(30) Ocupava a área que vai das esquinas da rua Chile com a avenida Tavares de Lira até o rio. Foi construída pelo presidente Pedro

tiros, o telégrafo ótico (torre da Matriz) içou o sinal, e toda a população confraternizava no entusiasmo do acolhimento "dêsse punhado de bravos que vinham com as frentes laureadas, e ufanos de haverem plantado na terra da tirania, a árvore da liberdade, e sobretudo com a consciência tranquila de terem religiosamente cumprido os deveres de verdadeiros patriotas." Desde a Fortaleza, até lançar ferro no Potengi, a marcha do MARCILIO DIAS era assinalada pelo estampido ensurdecedor das girândolas que subiam de varios pontos.

O presidente Silvino Elvidio deu as boas-vindas aos valentes patricios, quando puseram o pé no solo norte-riograndense. Falaram ainda os drs. Souto Junior e Fernandes Barros.

Voltemos ao comunicado de Joaquim Guilherme: "Em um vistoso palanque armado ali, destinado as donzelas, entoaram estas um hino patriótico, findo o qual teve lugar a coroação da bandeira, pela distinta e inteligente norte-riograndense, sra. Isabel Gondim, que, no ato de cingir aquele glorioso estandarte, recitou uma bela poesia."

O hino patriótico foi composto pelo 1º cadete João

---

de Barros, tendo sido conhecida por êste nome. durante muitos anos, e depois foi a praça Marechal Deodoro. Anteriormente, o cais era o da antiga Alfândega, de onde partiram as fôrças para a guerra.

No começo dêste século é que a praça se denominou "Augusto Lira", mesmo antes da abertura da avenida "Tavares de Lira". Esta foi rasgada no 2º govêrno de Alberto Maranhão e concluida no 2º de Ferreira Chaves, com a derrubada do casario que impedia o acesso à praça do Bom Jesus, depois Leão XIII e hoje José da Penha. No centro, limitada pelas ruas Frei Miguelinho (antiga da Tatajuba, do Sol e 13 de Maio), Quintino Bocaiuva e Coronel Bonifacio (outrora das Virgens e Senador Bonifacio), havia uma praça com frondosas gameleiras, ponto de diversões no bairro baixo: cafés, bilhares, principal reduto do carnaval na Ribeira. Ligando-a à praça DEZ DE JUNHO, corria uma travessa cimentada, de quase dois metros de largura, o "Beco de José Lucas", batismo popular em lembrança do conhecido comerciante da esquina da "Dez de Junho". Em direção à Igreja do Bom Jesus das Dores havia outra nas mesmas condições, o "Beco do Bom Jesus."



Carlos Carneiro de Albuquerque Gondim (31), irmão de D. Isabel Gondim. Seu filho, o professor João Carlos de Albuquerque Gondim é que salvou, graças à sua esplêndida memória, êstes fragmentos que nos ditou, em 1948:—

Já brilhou o dia excelso  
Para o Rio Grande do Norte  
Em que os filhos heroicos  
Recebem meigos transportes,

*Estrilho*

Salvè a vós, filhos da Pátria,  
Defensores da Nação!  
Já pisais vitoriosos  
Nosso amado torrão.

A melodia era do professor Coelho, tio do padre Constâncio da Costa.

A extensa e desenxabida saudação da professora Isabel Gondim foi por ela publicada em seu livro de versos «Lira Singela» (Editorial Duco, Rio, 1933), pgs. 94 e 95, encimada pelos seguintes dizeres: — “Aos Voluntários da Pátria, no regresso da guerra contra o Paraguai, ao oferecer-lhes uma coroa de flores enlaçadas por larga fita verde, bordada de amarelo, achando-me acompanhada de donzelas e meninas, todas vestidas de branco e engrinaldadas, as quais entoaram-lhes um hino, por voltarem vitoriosos.” (32)

---

(31) Seguiu, em 9 de Junho de 1865, em companhia de dois irmãos, Urbano e Luiz, fazendo parte do 28º V. P. Não chegou ao teatro da guerra, pois, por incapacidade física, obteve baixa do serviço, em JULHO seguinte, tendo sido nomeado escriturário do Hospital Provisório do Andaraí, em 1867. Regressando, em 1869, ao Rio Grande do Norte, assistiu à chegada dos nossos soldados. Foi professor, por muitos anos, naquela Província.

(32) De acôrdo com Joaquim Guilherme, D. Isabel Gondim declamou versos após coroar a bandeira. Segundo a poetisa, aos Voluntários foi oferecida uma coroa de flores “enlaçada por larga fita verde,

Benvindo sejais à nossa Província.  
Do Império uma estrela tão pouco fulgente,  
Por vosso heroísmo, garbosa, luzindo,  
Iguala das outras o brilho nitente.

À sombra dos louros que, bravos, colhestes  
Das marciais fadigas, no frio lidar,  
Repousem as frentes, de glória cercadas,  
E os peitos cansados de tanto lutar.

Difunda-se o arroubo de franca alegria  
À face risonha do grato prazer,  
Que logo se expanda nas flores singelas  
Que nesta grinalda vos venho trazer.

Aos vossos troféus gloriosos, fulgentes,  
Se enlace este indício de amor fraternal:  
A ofrenda aceitai, provinda do afeto,  
Que é dele o mais tênue, singelo sinal.

Ditosa, esta plaga recolhe no seio  
De galas repleto, juncado de flores,  
Os filhos prezados, heróicos, altivos,  
Que ouviram da Pátria severos clamores.

Saudosos irmãos constantes saúdam  
De sua bravura fiéis emissários,  
Repostos felizes nos lares queridos,  
Oh! Vivam da Pátria os seus Voluntários.

---

bordada de amarelo". Não menciona a bandeira. Quando dos sucessivos embarques de nossas forças para o Sul, nenhuma noticia dos correspondentes aludiu, em qualquer oportunidade, ao Pavilhão Nacional, — nem os do "Jornal do Comercio", nem do "Diario Oficial", nem do "Diario do Rio de Janeiro". É de estranhar tal silêncio, sabido como é que todos os corpos conduziam suas bandeiras, que eram sempre bordadas com carinho, e a elles ofertadas pelas senhoras da sociedade local, como aconteceu em todas as Províncias. A mesma omissão se nota no que concerne aos officios religiosos que precediam o embarque das tropas. Pelas palavras de Joaquim Guilherme, os soldados potiguares trouxeram de volta a bandeira que os acompanhara. Ela foi coroada de flores no dia do regresso. Onde está aquella reliquia veneranda? É curioso que nunca se tenha tido noticia de seu paradeiro, que é desconhecido do Instituto Histórico, do Regimento Policial e da Prefeitura.

A poetisa, que perdeu dois irmãos alistados como Voluntários, no Hospital de Santa Catarina, mal começou o conflito, não esqueceu os Heróis da Liberdade da Pátria, os soldados mortos nos campos de batalha, e lhes dedicou êste soneto, extraído da «Lira Singela», pg. 50:

Da gratidão a voz altissonante,  
Percutindo no céu, forte e ligeira,  
Nunca os heróis da Pátria Brasileira  
Poderia esquecer um só instante.

À tirania despótica, arrogante,  
Foram-lhe os peitos e ânimos barreira;  
Do generoso sangue onda altaneira  
Não deixa aquela prosseguir avante.

Oh! que abnegação! Que sacrificio!...  
Colheram do martirio a honrosa palma!  
— Refletirá na Pátria o Benefício.

Por tão nobres heróis de altivo exício  
Alta veneração me vibra n'alma:  
Leve a terra lhes seja, e o céu propício!

Das janelas do sobrado de José Paulino de Castro Medeiros, "um moço de nome Sinfrônio, que tinha sido Voluntário da Pátria. recitou, com o mais vivo entusiasmo, uma poesia, que prendeu, por alguns momentos, a atenção de todos" (33). Dessa poesia se salvou apenas

---

(33) Sinfrônio Cezar Paes Barreto era pernambucano. Esteve na guerra, como Voluntário, tendo embarcado em Recife, em Julho de 1865, com o 30º V. P. Serviu até 3-2-1869, quando foi dispensado no posto de Alferes, por motivo de saúde. Radicou-se no Rio Grande do Norte, onde viveu meio século, até 1919. Imorredoura figura na saudade e na gratidão do povo, pelo seu espírito apostolar, dedicação incansável e desinteressada às obras pias. V. um estudo de Adauto da Camara a seu respeito, no "Diario de Natal," de 24 de Abril de 1949.

O sobrado de onde falou, foi demolido para a abertura da avenida Tavares de Lira. bem como outro que lhe ficava contíguo. A rua do Comercio foi, até principio d'êste século, também residencial, e gozava de prestigio pelo fato de haver sido, por mais de trinta anos, sede do Govêrno, até 1902. Nela nasceram o senador Pedro Velho e o grande poeta Ferreira Itajubá.

uma quadra, que aqui estampamos, por um esforço de memória, por a termos ouvido algumas vezes declamada pelo próprio Sinfrônio Barreto:—

Êste que ora vos fala  
Também já foi vosso irmão.  
Ouviu no fragor da batalha  
O ribombo do canhão.

O préstito movimentou-se e parou diante do Palácio do Governo, que era na rua do Comercio. Houve os *Vivas* do cerimonial, iniciados pelo presidente. Depois das continências, S. Ex. desceu e se incorporou à multidão. O povo desfilou com os heróis pelas ruas do Comercio, da Praia (Silva Jardim), da Tatajuba (Frei Miguelinho), praça das Gameleiras (depois da República e 28 de Novembro, hoje desaparecida), rua Correia Teles (dr. Barata), atravessou o atêrro da Campina (praça Augusto Severo), subiu a ladeira (av. Junqueira Aires), rua da Conceição, Rua Grande (praça André de Albuquerque), onde se erguia uma pirâmide em que se inscreveram legendas patrióticas. Dirigiu-se pela praça da Alegria e rua da Palha para o Quartel de Linha, em cuja praça fronteira (Tomaz de Araújo) se levantava um pavilhão, com imponentes colunas, no qual se exibiam diversos troféus. O dr. Henrique Camara pronunciou eloquentes palavras. Na praça, que estava ornamentada com fino gôsto, foi servida lauta mesa de 200 talheres, tendo tomado parte as autoridades, o comandante e oficiais do MARCILIO DIAS, e os Voluntários. O presidente da Província ergueu o brinde honra ao Imperador, “o primeiro Voluntário da Pátria”. Sucederam-se numerosos oradores: drs. Henrique Camara, José Paulo Antunes, Souto Junior, o comandante do «Marcilio Dias», dr. Aprigio Garcia, dr. Amintas Barros. Só não falou o capitão Oliveira Coelho. O observador do “Jornal do Comercio” acrescenta que também fez uso da palavra o “Secretário da Policia”, que era o próprio correspondente, capitão Joaquim Guilherme de Souza Caldas, que aí se identificou insensivelmente. O dr.

Amintas Barros, arrebatado pelo entusiasmo dominante, e em atenção àquele dia, apelou para o presidente no sentido de conceder a Capital por menagem a dois soldados e dois recrutas que estavam presos no calabouço militar. O presidente acedeu, indo pessoalmente, sob aplausos, abrir as portas da prisão.

No dia 3 de Agosto se realizou em Palacio um baile oferecido pelo presidente aos "amigos de sua administração", mas entre os numerosos comparecentes não havia distinção partidária. Dansou-se das 21 até as 4 horas, tendo S. Ex. e espôsa encantado a todos com a sua distinção.

No dia 4 o presidente se dirigiu ao Quartel de Linha, para ler o Decreto de dissolução da tropa, e outro, conferindo vantagens aos Voluntários. Pôs ainda á disposição da Comissão de festejos a importância de dois mil cruzeiros, para compra de escravinhas que seriam alforriadas como um preto aos Voluntários. O vice-cônsul português, Joaquim Inácio Pereira, libertou sua escravinha Isabel. Com os 2 contos doados pelo Presidente (era dinheiro da Provincia, tendo a Assembléa aprovado o seu ato), três escravinhas tiveram a liberdade.

A cidade estava garridamente tratada para as festas. A ladeira da Junqueira Aires recebera desvelos do governo de Gustavo Adolfo de Sá, que mandou calçar a rua da Conceição, por concorrência pública (arrematação), serviço fiscalizado pelo engenheiro das Obras Públicas, Ernesto Amorim do Vale.

## OS QUE VOLTARAM

O 50º Corpo de Voluntários da Pátria regressou da guerra com um efetivo de homens, e era constituido de 8 Companhias, das quais a 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> eram de soldados do Rio Grande do Norte; a 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> da Paraíba; a 8.<sup>a</sup> de contingentes diversos, a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> do Piauí e Ceará, segundo folha de pagamento existente na Pasta 284 do Arquivo da Sub-Diretoria de Fundos do Exército.

O contingente do Rio Grande do Norte incluía os elementos que figuravam no 36º, no 54º, no 23º de Voluntários, e no 13º de Infantaria, conforme as observações constantes, com muita clareza, das relações de mostra, que, em seguida transcrevemos, e que são datadas do Rio de Janeiro, Quartel de S. Cristóvão, 29 de Junho de 1870, uma quinzena antes do regresso à terra natal. As duas Companhias eram integradas por 150 praças, 5 Alferes, um Tenente e 1 Capitão. Total de 157 homens.

Dos 2.000 combatentes que a Província enviou para as linhas de batalha não se julgue que apenas 157 conseguiram escapar às balas de Lopez. Estes retornaram no fim das operações, com a desmobilização do Exército. Algumas centenas ficaram pelo Sul, quando obtiveram baixa, antes de 1870. Muitos outros, feridos, mutilados, convalescentes, já haviam regressado a seus lares. E francamente 500 perderam a vida na defesa da Pátria e representam a contribuição do Rio Grande do Norte para a vitória do Brasil. Os nossos soldados se incorporaram em unidades duramente experimentadas pelo fogo das batalhas, desde o início do conflito até as refregas das Cordilheiras. Esses heróis ficaram anônimos e esquecidos. E não é de estarrecer tal ingratição, quando até os sobreviventes têm permanecido no desconhecimento mais injusto.

Nas notícias relativas à chegada do contingente a Natal não há referências ao efetivo, nem aos oficiais, exceção feita para o comandante da tropa, o capitão da Guarda Nacional Manoel Ramos de Oliveira Coelho. Pelas folhas de pagamento de Junho de 1870, eram os seguintes os *Alferes*:—Manoel da Silva Ribeiro, Manoel Tomé de Medeiros, José Domingos de Araújo. José dos Passos Queiroz e Marciano Alves Pacheco Lira.

A 3.<sup>a</sup> COMPANHIA, comandada pelo tenente Emídio Getulio de Oliveira, era assim formada:—Faustino Flauzino de Macedo, 1º sargento; Manoel Vicente Ferreira, João Severiano de Maria e Silva e José Crispiniano de Oliveira, segundos sargentos; João Umbelino Tavares

Belizario Fernandes Pimenta, Manoel Antonio Reporto e Antonio Joaquim Pereira, furriéis. CABOS Antonio Teófilo da Silva, João Maria da Silva, José Vieira da Cunha, João Firmino de Maria, Manoel Hipólito Dantas, Miguel Garcia Galvão, Miguel Joaquim da Silva, Miguel Alexandrino. Joaquim Barbosa dos Santos, João Inácio de Souza, Claudino Alves de Aquino Maria, João Vieira de Souza, Francisco Caetano de Souza, Luiz Xavier de França, Felix Antonio do Nascimento; ANSPECADAS — José Caitano dos Passos, Antonio Alves Marinho, Izaias Ribeiro da Soledade, Martiniano Ferreira dos Santos, Miguel Izidio de Moraes, Manoel Firmino de Farias, Venancio Freire de Brito, Antonio Amador do Nascimento e João Alves Barreto. SOLDADOS — João Francisco do Nascimento, Antonio Joaquim de Lima, Manoel Ferreira da Silva, Bernardino José de Maria, José Machado Francisco, José Ferreira Gondim, Joaquim Santiago de Maria, Manoel Luís da Silva, Antonio José Alexandre, Francisco Joaquim de Medeiros, Gonçalo José Cardoso, Julião Carlos da Silva, Manoel Antonio Gomes, Floriano Vitalino de Paulo Guimarães, Joaquim Gabriel Gomes da Silva, Laurentino José de Araujo, Francisco José Bezerra, Tomaz Nogueira do Nascimento, Marcolino Dias da Cunha, Joaquim Francisco Dias, Manoel da Silva Luz, José Cardoso da Silva, Antonio Simeão Pinto, Silvestre Fernandes Maia, Sabino José de Oliveira, Henrique José da Cruz, Antonio Cosme José dos Santos, José Maria Barbosa, Valdevino Alves Teixeira, José Luís de Souza, Sebastião Pereira Velloso, Francisco Justiniano de Melo, João Vicente da Silva, Antonio Pereira de Lima, Vicente Ferreira de Azevedo, Vicente Virginio dos Santos, Joaquim Florêncio de Moura, Manoel Maciel de Medeiros, Antonio José Ferreira, Salviano Roiz Chaves Pequeno, José Carneiro de Carvalho, Jerônimo Correia, Crispiniano Antonio Francisco e José Querino Portugêes do Nascimento.

A 4.<sup>a</sup> COMPANHIA, comandada pelo Capitão Manoel Ramos de Oliveira Coelho, era constituída dos seguintes: — 1.<sup>o</sup> sargento Vicente Ferreira de Lima; 2.<sup>o</sup> sar-

gento Particular — Manoel Inacio Pereira dr<sup>e</sup> Lago; 2.ºs sargentos Antonio Januário das Neves e Vicente Alves de Menezes, FURRIEIS — José Rodrigues Pinheiro, Antonio Joaquim de Santana e José Dias de Lima; CABOS — Antonio Mena Barreto, José Rodrigues Machado, Manoel Domingos da Rocha, Manoel Antonio de Melo, José Clementino dos Santos, Manoel Pereira da Silva, Francisco Cassiano Bispo, José Francisco dos Santos, José Alexandre Barbosa, Francisco Pinto de Assis, Antonio Soares de Melo, Firmino Cândido da Silva, Luís Felix de Moraes, José Pinheiro Rolim, Joaquim Francisco dos Santos Tuco, Manoel Severiano Ribeiro; ANSPEÇADAS — Francisco Ferreira da Silva, Francisco Lopes Soares, Simão Cupertino de Carvalho, Manoel Simão Barbosa, João Lourenço da Costa Júnior e Antonio de Santana; SOLDADOS — Vicente Ferreira do Nascimento, Manoel Gomes de Melo, Joaquim Duarte da Silva, Felipe Santiago de Lima, Manoel Malheiro de Melo, José Antonio de Lima, Manoel Florêncio, Isaquiel (*sic*) de Oliveira Firmo, Antonio José do Nascimento, Francisco Inacio Ferreira, Antonio Fernandes Pimenta, João Batista de Macedo, José Paes Bezerra, José Rodrigues da Silva, Antonio Joaquim do Nascimento, Josias Diógenes de Oliveira, Honorato José de Santana, Francisco José de Andrade, Antonio Valentim da Silva, Justino Gomes de Freitas, Paulino Ferreira da Silva Macaco, Severiano da Silva, João Basilio de Brito, João Rodrigues Sodrê, Claudino Francisco do Rêgo, José Borges, Iliotério (*sic*) Antonio de Almeida, Manoel Soares de Macedo, Teodoro Cândido de Deus, Antonio Carlos da Silva, Inacio Casado da Fonseca, Francisco Bezerra Leite, Antonio Joaquim de Oliveira, José Tomaz de Araújo, José Lopes de Lima, Januário Pereira da Silva, Antonio Joaquim Ribeiro, Tertuliano Dantas da Silva, Rafael Francisco Alves, Firmino Ramos da Silva, Pedro Alves Ferreira, Antonio Felix da Paixão, José Bonato de Paiva, Manoel Antonio de Mesquita, Manoel Marcolino do Nascimento e o corneteiro Manoel Batista de Souza.



ei  
aq  
I

# ÍNDICE

PROLOGO.....	13
INTRODUÇÃO.....	17

## CAPÍTULO I

Providências iniciais.....	21
Recrutamento e recrutadores.....	27

## CAPÍTULO II

A mobilização.....	31
Os primeiros contingentes.....	32
A Companhia de Caçadores.....	34
O 1º Corpo de Voluntários (28º Batalhão de Voluntários da Pátria).....	37
A viagem.....	48
No Rio.....	48
Em Santa Catarina, R. G. do Sul.....	51
O 2º Corpo de Voluntários.....	55
Forças enviadas pelo Pres. Luiz Barboza da Silva.....	60
No Governo de Gustavo Adolfo de Sá.....	60

## CAPÍTULO III

Os Oficiais.....	65
Do 28º de Voluntários.....	66
Da Companhia de Caçadores.....	81
Do 2º Corpo de Voluntários.....	83
Outros oficiais.....	86

## CAPÍTULO IV

O regresso.....	97
Chegada a Natal.....	99
Os que voltaram.....	107

